



LUCIANA SALES PURCINO

**ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO NA MÍDIA:
um estudo sobre as revistas *on-line* femininas para adolescentes
Capricho e *Todateen***

CAMPINAS,
2014



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - IEL

LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO - LABJOR

LUCIANA SALES PURCINO

ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO NA MÍDIA:

um estudo sobre as revistas *on-line* femininas para adolescentes

Capricho e Todateen

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de concentração de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Regina Toledo Camargo

CAMPINAS,

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

P971a Purcino, Luciana Sales, 1976-
Alimentação e nutrição na mídia : um estudo sobre as revistas *on-line* femininas para adolescentes *Capricho* e *Todateen* / Luciana Sales Purcino. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Vera Regina Toledo Camargo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Adolescência. 2. Alimentação. 3. Jornalismo. 4. Adolescentes - Nutrição. 5. Periódicos para adolescentes. I. Camargo, Vera Regina Toledo, 1957-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Alimentation and nutrition on the media : a study of the online teen girl magazines *Capricho* and *Todateen*

Palavras-chave em inglês:

Adolescence

Alimentation

Journalism

Adolescents - Nutrition

Magazines for adolescents

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Vera Regina Toledo Camargo [Orientador]

Giseli Panigassi

Simone Pallone de Figueiredo

Data de defesa: 10-07-2014

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

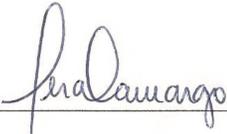
Vera Regina Toledo Camargo

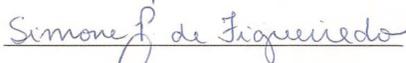
Simone Pallone de Figueiredo

Giseli Panigassi

Germana Fernandes Barata

Julicristie Machado de Oliveira







IEL/UNICAMP
2014

DEDICATÓRIA

À Maria Helena Sales Purcino
(*in Memoriam*),

Mãezinha, a lembrança de seu empenho, ético e afetivo,
em fazer o melhor é minha constante inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade de conhecimento que o encontro com o LABJOR me proporcionou, conhecimento de ciência e de cultura, mas, sobretudo, de novos mestres, de novos amigos e de novas curiosidades.

Agradeço encontrar na sala de aula mestres tão prontos para compartilhar os saberes dos livros e os sabores dos diálogos: obrigada professores Carlos Amorim, Celso Bodstein, Germana Barata, Beatriz Bonacelli, Graças Caldas e Márcio Barreto, suas disciplinas me inspiraram novos olhares!

Agradeço à professora Vera Regina T. Camargo pela oportunidade e orientação do mestrado.

Agradeço às professoras Germana Barata e Simone Pallone pelas críticas e sugestões valiosas apresentadas na banca de qualificação.

Agradeço à professora Giseli Panigassi pela participação na banca de defesa, obrigada pela leitura cuidadosa e contribuições preciosas.

Agradeço a todos os funcionários do LABJOR, em especial, às funcionárias Alessandra Carnauskas, Rosangela da Silva e Marivane Simões: o meu agradecimento pela atenção e apoio que tão carinhosamente me ofereceram.

Agradeço à Sílvia Cabral Teresa, amiga querida, pela versão em inglês do resumo da dissertação.

Agradeço a companhia e o incentivo dos amigos e colegas do mestrado, em especial, aos amigos Marcos Rogério Pereira e Tatiana Liberato.

Agradeço aos amigos do trabalho, CECOM/ UNICAMP, em especial, à nutricionista Ana Lúcia Carletti.

Agradeço à coordenação do CECOM/ UNICAMP por autorizar minha liberação do expediente de trabalho para a realização das disciplinas obrigatórias.

Agradeço ao meu pai e herói Samuel, às minhas queridíssimas irmãs Eliana e Silvana e aos meus amados sobrinhos Julia, Lucas e Pedro: a presença, o cuidado e o afeto de vocês trazem a alegria que me fortalece para todas as batalhas da vida. Eliana, obrigada, ainda, pela ajuda e apoio que me ofereceu na finalização deste trabalho.

RESUMO

Na sociedade contemporânea, os meios de comunicação social assumem um papel central nas atividades em geral, configurando-se como uma ferramenta fundamental para o exercício da cidadania e para a difusão do conhecimento, situação constatada também no campo da alimentação e da nutrição. O tema alimentação e nutrição é cada vez mais evidenciado nas diversas mídias, uma presença que tem sido valorizada por seu potencial em contribuir com a promoção da alimentação saudável e da saúde; mas também, tem sido questionada quanto à credibilidade e à adequação, muitas vezes, comprometidas por influências de mercado como, por exemplo, as determinadas pela indústria da estética. Diante desta problemática, nesta dissertação objetivou-se avaliar a qualidade dos conteúdos relacionados ao tema alimentação e nutrição das revistas *on-line* femininas para adolescentes *Capricho* e *Todateen*. Foi realizada uma pesquisa qualitativa através do método Análise do Conteúdo em associação a referenciais teórico-conceituais dos Estudos Culturais. O *corpus* de análise foi constituído por 111 textos (68 textos da revista *on-line Capricho* e 43 textos da revista *on-line Todateen*). O *corpus* foi selecionado através de busca no *site* das revistas *Capricho* e *Todateen* com palavras-chave relacionadas ao tema alimentação e nutrição, adotando-se o recorte temporal de um ano (ano de 2012). Os principais resultados e análises dos textos do *corpus* foram: as celebridades foram as fontes de informação preferenciais; a função principal das fontes foi relatar experiências pessoais; a abordagem foi predominantemente fatural; a utilização de termos linguísticos foi inadequada com prejuízo de sentido; a ocorrência de informações promotoras de práticas alimentares saudáveis foi reduzida; assuntos de interesse público praticamente não entraram em pauta; o enquadramento caracterizou-se pela prevalência da dimensão biológica da alimentação e nutrição com foco na estética e pela concepção sobre alimentação e nutrição baseada mais na ideia de dieta restritiva do que de alimentação saudável. Os resultados obtidos permitem afirmar que os conteúdos das revistas analisadas não apresentam qualidade satisfatória e potencial para contribuir com a segurança alimentar e nutricional das adolescentes.

Palavras-chave: adolescência, alimentação, jornalismo, adolescentes-nutrição e periódicos para adolescentes.

ABSTRACT

In modern society, the media play a central role in different sectors, since they appear as a fundamental tool for the exercise of citizenship and the dissemination of knowledge - a situation that is also verified in the fields of alimentation and nutrition . The topic of alimentation and nutrition is increasingly noticeable in various media: this presence has been valued for its potential to contribute to the promotion of healthy nutrition and health in general; however, it has also been questioned as to its credibility and adequacy which are often compromised by market influences (determined by the esthetic industry, for instance). Given these issues, this dissertation sought to analyze the quality of the content related to the topic of alimentation and nutrition in two online teen magazines - *Todateen* and *Capricho*. A qualitative research was performed using the Content Analysis method in combination with theoretical and conceptual frameworks of the Cultural Studies. The corpus for analysis consisted of 111 texts (68 texts of the online magazine *Capricho* and 43 texts of the online magazine *Todateen*). The corpus was selected by searching in the websites of the magazines *Capricho* and *Todateen* using keywords related to the topics of alimentation and nutrition, and we selected the time frame of one year (year 2012). The main results and analysis of the texts in the corpus were: celebrities were always the preferred sources of information; the main role of the sources was to report personal experiences; the approach was predominantly factual; the use of linguistic terms was inadequate and presented a loss of meaning; the occurrence of information promoting healthy nutrition practices was reduced; issues of public interest hardly entered on the agenda; the framework was characterized by the prevalence of a biological dimension for alimentation and nutrition with a focus on esthetics, and the concepts of alimentation and nutrition were more based on the idea of a restrictive diet than on healthy eating. These results allow us to affirm that the contents of the magazines analyzed do not present satisfactory quality and potential to contribute to alimentation and nutrition safety of adolescents.

Keywords: adolescence, alimentation, journalism, adolescents-nutrition and magazines for adolescents.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	xv
LISTA DE FIGURAS	xvii
LISTA DE GRÁFICOS	xix
LISTA DE TABELAS	xxi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. JORNALISMO E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO: DESAFIOS, INTERNET E ALIMENTAÇÃO EM PAUTA	5
1.1. Jornalismo: dificuldades e possibilidades	6
1.1.1. <i>O fazer jornalístico e a divulgação científica: paradoxos e desafios</i>	<i>6</i>
1.1.2. <i>A Internet e suas ferramentas</i>	<i>13</i>
1.1.3. <i>O tema alimentação e nutrição em pauta</i>	<i>15</i>
1.2. Pesquisa em comunicação: novos paradigmas?	17
CAPÍTULO 2. CONTEMPORANEIDADE: pensamentos sobre sociedade, cultura, corpo e alimentação	21
2.1. Olhar comparativo: modernidade e contemporaneidade	22
2.1.1. <i>Tecnologias da comunicação e informação como base material da pós- modernidade: impacto cultural</i>	<i>22</i>
2.1.2. <i>Pensamento moderno em crise: o pós-moderno ensaia novas visões de mundo</i>	<i>25</i>
2.1.3. <i>Conclusão: traços contemporâneos</i>	<i>27</i>
2.2. Olhares sobre o corpo feminino na contemporaneidade	28
2.3. Olhares sobre a alimentação contemporânea: ambivalências e possibilidades	35
CAPÍTULO 3. ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA: considerações sobre alimentação, saúde, corpo e mídia	47
3.1. Consumo alimentar do adolescente brasileiro	50

3.2. Implicações do hábito alimentar inadequado sobre a saúde	53
3.2.1. <i>Deficiências nutricionais: obstáculos ao crescimento e desenvolvimento</i>	53
3.2.2. <i>Excesso de peso e obesidade: relações com a saúde</i>	54
3.2.3. <i>Transtornos alimentares: imagem corporal e mídia</i>	57
CAPÍTULO 4. MATERIAL E MÉTODOS	61
4.1. Revistas: características gerais	62
4.1.1. <i>Capricho</i>	62
4.1.2. <i>Todateen</i>	64
4.2. Seleção do <i>corpus</i> da pesquisa	65
4.3. Análise do Conteúdo	70
4.3.1. <i>Categorização e sistematização dos dados textuais</i>	72
4.4. Estudos Culturais: referencial teórico para interpretação dos dados..	78
CAPÍTULO 5. RESULTADOS	81
5.1. Núcleo estrutura	81
5.2. Núcleo Assunto	85
5.3. Núcleo enquadramento	88
CAPÍTULO 6. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	95
CAPÍTULO 7 - CONCLUSÃO	111
REFERÊNCIAS	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Seções e subseções do <i>site</i> da <i>Capricho</i>	64
Quadro 2.	Seções e subseções do <i>site</i> da <i>Todateen</i>	65
Quadro 3.	Título, dia e mês de postagem dos textos do <i>corpus</i> ; <i>Capricho</i> ; 2012	67
Quadro 4.	Título, dia e mês de postagem dos textos do <i>corpus</i> ; <i>Todateen</i> ; 2012.....	69
Quadro 5.	Grades, categorias e subcategorias do NÚCLEO ESTRUTURA ...	75
Quadro 6.	Grades, categorias e subcategorias do NÚCLEO ASSUNTO	76
Quadro 7.	Grades, categorias e subcategorias do NÚCLEO ENQUADRAMENTO.....	77

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	NÚCLEO ESTRUTURA e respectivas grades analíticas	72
Figura 2.	NÚCLEO ASSUNTO e respectivas grades analíticas	73
Figura 3.	NÚCLEO ENQUADRAMENTO e respectivas grades analíticas	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.	Distribuição numérica dos textos do <i>corpus</i> segundo revista; 2012...	66
Gráfico 2.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria FONTE DE INFORMAÇÃO, <i>Capricho</i> ; 2012	82
Gráfico 3.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria FONTE DE INFORMAÇÃO, <i>Todateen</i> ; 2012	82
Gráfico 4.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria FUNÇÃO DAS FONTES; <i>Capricho</i> ; 2012	83
Gráfico 5.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria FUNÇÃO DAS FONTES; <i>Todateen</i> ; 2012	83
Gráfico 6.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria TIPO DE ABORDAGEM TEXTUAL; <i>Capricho</i> e <i>Todateen</i> ; 2012	83
Gráfico 7.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria TERMO LINGUÍSTICO (USO E SENTIDO); <i>Capricho</i> ; 2012	84
Gráfico 8.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria TERMO LINGUÍSTICO (USO E SENTIDO); <i>Todateen</i> ; 2012	84
Gráfico 9.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria PROBLEMA DE SAÚDE; <i>Capricho</i> ; 2012	88
Gráfico 10.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria PROBLEMA DE SAÚDE; <i>Todateen</i> ; 2012	88
Gráfico 11.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria DIMENSÃO PREDOMINANTE DO TEMA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Capricho</i> ; 2012	89
Gráfico 12.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria DIMENSÃO PREDOMINANTE DO TEMA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Todateen</i> ; 2012	89

Gráfico 13.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria CAMPO PREDOMINANTE DO TEMA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Capricho</i> ; 2012	90
Gráfico 14.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria CAMPO PREDOMINANTE DO TEMA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Todateen</i> ; 2012	90
Gráfico 15.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria AÇÃO PREDOMINANTE DA MENSAGEM SOBRE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Capricho</i> ; 2012.....	91
Gráfico 16.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria AÇÃO PREDOMINANTE DA MENSAGEM SOBRE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Todateen</i> ; 2012.....	91
Gráfico 17.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria CONCEPÇÃO PREDOMINANTE SOBRE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Capricho</i> ; 2012	92
Gráfico 18.	Distribuição percentual dos textos segundo categoria CONCEPÇÃO PREDOMINANTE SOBRE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Todateen</i> ; 2012 ...	92
Gráfico 19.	Distribuição percentual dos textos, categoria SENTIMENTO PREDOMINANTE ASSOCIADO À ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; <i>Capricho</i> ; 2012.....	93
Gráfico 20.	Distribuição percentual dos textos, categoria SENTIMENTO predominante associado à alimentação e nutrição; <i>Todateen</i> ; 2012	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Títulos de revistas e média de circulação por edição (mil) em 2012	61
Tabela 2.	Distribuição da ocorrência de informações segundo categorias da grade PRÁTICA ALIMENTAR SAUDÁVEL; <i>Capricho</i> , 2012	86
Tabela 3.	Distribuição da ocorrência de informações segundo categorias da grade PRÁTICA ALIMENTAR SAUDÁVEL; <i>Todateen</i> , 2012.....	87

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, os meios de comunicação social assumem um papel central nas atividades em geral, configurando-se como uma ferramenta fundamental para o exercício da cidadania e para a difusão do conhecimento (DOWBOR, 2000), no campo da alimentação e da nutrição também se observa esta situação. O tema alimentação e nutrição é cada vez mais destacado nas diversas mídias (SERRA, 2001; FREIRE, 2011; RANGEL-S et al., 2012). A presença da alimentação e nutrição na mídia tem sido valorizada por seu potencial em contribuir com a promoção da alimentação saudável e da saúde; mas também, tem sido questionada quanto à credibilidade e à adequação, muitas vezes, comprometidas por inadequações e incorreções observadas nos procedimentos jornalísticos e por influências de mercado, como, por exemplo, as determinadas pela indústria da estética (SERRA, 2001; FREIRE, 2011). Neste sentido, são fundamentais pesquisas na área da comunicação que se dediquem à análise crítica dos conteúdos relacionados ao tema alimentação e nutrição presentes nas matérias veiculadas na grande mídia.

Vislumbra-se uma especial relevância na pesquisa da alimentação e nutrição da adolescente. Sabe-se que é comum as adolescentes procurarem na mídia respostas para suas dúvidas quanto aos assuntos gerais que cercam suas práticas de vida cotidianas, sendo a alimentação um destes assuntos (ANDI, 2002). Paralelamente, na contemporaneidade, destaca-se a inadequação do consumo alimentar do adolescente brasileiro com consequentes comprometimentos a sua saúde como, por exemplo, o excesso de peso e a obesidade (IBGE, 2010; IBGE, 2011). Em vista disto, o investimento na promoção da saúde e da alimentação saudável para a população jovem torna-se um imperativo e a mídia representa um local privilegiado para esta promoção, dada sua abrangência e proximidade com a adolescente (ANDI, 2002; RANGEL-S et al., 2012). Em adição, reconhece-se a maior vulnerabilidade da adolescente frente à

imposição do padrão de beleza estético reproduzido e reforçado pelos meios de comunicação que podem determinar práticas inadequadas de controle de peso (OLIVEIRA e HUTZ, 2010).

Considerando-se a problemática supracitada, este estudo se propôs a investigar o tema alimentação e nutrição na mídia jovem, sendo definidos os seguintes objetivos:

- **Objetivo geral:**

Avaliar a qualidade dos conteúdos relacionados ao tema alimentação e nutrição das revistas *on-line* femininas para adolescentes *Capricho* e *Todateen*.

- **Objetivos específicos:**

- Identificar e analisar as características relativas aos procedimentos jornalísticos (autoria, fontes, tipo de abordagem, linguagem e ferramentas digitais);
- Verificar a ocorrência de assuntos relacionados ao tema alimentação e nutrição no contexto da promoção da saúde e da alimentação adequada e saudável e da cidadania;
- Investigar o enquadramento realizado do tema alimentação e nutrição.

A dissertação foi desenvolvida em sete capítulos. No primeiro capítulo, dissertou-se a respeito do jornalismo e da pesquisa em comunicação destacando-se as dificuldades e os paradoxos que envolvem esta atividade profissional, o tema da alimentação e nutrição na mídia, as ferramentas da Internet e as tendências conceituais das pesquisas na área da comunicação. O segundo capítulo, foi dedicado à reflexão sobre a sociedade e a cultura contemporâneas, com foco na corporeidade feminina e na alimentação. O terceiro capítulo centrou-se na adolescência, foram abordadas as características desta fase da vida e a alimentação atual do adolescente brasileiro no contexto da saúde. No quarto

capítulo foram descritos os procedimentos metodológicos adotados, a construção do *corpus* de análise e a estruturação do instrumento de análise utilizado. Os resultados foram apresentados no quinto capítulo e discutidos no sexto capítulo. Por fim, o capítulo 7 finalizou a dissertação com a apresentação das conclusões da dissertação.

Espera-se que a presente dissertação possa contribuir com o grande desafio que é a comunicação de qualidade da alimentação e nutrição na grande mídia para o adolescente

CAPÍTULO 1

JORNALISMO E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO: DESAFIOS, INTERNET E ALIMENTAÇÃO EM PAUTA

A sociedade está mudando e a comunicação desempenha um papel-chave nessa transformação (DOWBOR, 2000, p. 7).

Os meios de comunicação social assumem na contemporaneidade um papel totalmente central nas diversas atividades humanas (DOWBOR, 2000), sobretudo, com a ampliação da comunicação no espaço público em decorrência do avanço de tecnologias de comunicação e informação como a Internet (PAVELOSKI, 2004). O acesso à informação, viabilizado em grande parte pelo jornalismo, tornou-se condição imprescindível para o exercício da cidadania e para a atualização quanto ao conhecimento (re)produzido na sociedade (por exemplo, sobre ciência e tecnologia) (DOWBOR, 2000; TEMER e NERY, 2004). No entanto, em uma sociedade em transformação, o jornalismo encontra novos desafios, os quais suscitam reflexões sobre a sua prática (STEINBERGER, 2000). Estas reflexões sobre a prática jornalística ganham espaço neste capítulo com a abordagem de algumas dificuldades e possibilidades do fazer jornalístico e, em paralelo, são estabelecidas algumas aproximações com a divulgação científica, com o tema alimentação e nutrição e com a Internet, assuntos que perpassam essa dissertação.

Neste capítulo, também ganham espaço algumas reflexões sobre a pesquisa na área da comunicação social. O papel central dos meios de comunicação na sociedade contemporânea instiga a pesquisa acadêmica em comunicação social (FRANÇA, 1994); porém, esta pesquisa representa uma difícil tarefa, em vista da inexistência de um arcabouço teórico-conceitual que seja

consensual e adequado para a análise dos plurais, complexos e instáveis processos comunicativos contemporâneos (MATTOS, 2003). Como esta dissertação, também, trata-se de uma pesquisa em comunicação social, estas reflexões contribuem para sua estruturação.

1.1. Jornalismo: dificuldades e possibilidades

1.1.1. O fazer jornalístico e a divulgação científica: paradoxos e desafios

A mídia tem um papel fundamental na sociedade, na qual, os meios de comunicação de massa ou segmentados, participam da educação informal e da construção da visão de mundo das pessoas (CALDAS, 2005). Embora a credibilidade e o prestígio do jornalismo fiquem muitas vezes ameaçados por seu entrelaçamento com o entretenimento e a propaganda nos meios de comunicação ou por problemas na qualidade de seu conteúdo, o jornalismo assume as importantes funções de informar, zelar pela transparência política, provocar a reflexão crítica e denunciar abusos de poder, atos de corrupção e violação de direitos humanos (KUCINSKI, 2000).

A mídia assumiu desde o seu nascimento este paradoxo que envolve o entretenimento e a propaganda de um lado (interesses econômicos) e a cidadania de outro (serviço social) (RESENDE, 1999). Assim, estabeleceu-se na complexa posição de agente intermediador entre o público e o privado:

[...] o paradoxo da mídia que, apesar de portadora de opiniões e interesses *particulares* (em sentido amplo), atua na esfera *pública* por excelência, ao se auto-requerer in(formar) a opinião pública, em prol, portanto, dos interesses públicos. A simultaneidade público/ privado revela, em verdade, **um manancial de tensões, que se constitui em contradição** (FONSECA, 2000, p.200, grifo meu).

No centro desta contradição, a visão editorial dos veículos da mídia, muitas vezes, volta-se mais para o consumidor do que para o cidadão, como se pode perceber pelo comentário da jornalista Scalzo (2004, p. 98, grifo meu) sobre as dificuldades da *Capricho*¹ em adquirir anunciantes, no final dos anos oitenta:

Dizia-se que os adolescentes não consumiam e, por isso, nenhum anunciante investiria em publicações voltadas especificamente para tal faixa de público. Fizemos, então, um exaustivo trabalho junto à agência de publicidade, para mudar a imagem da revista no mercado publicitário. **Precisávamos mostrar o que hoje é óbvio que o público adolescente era um extraordinário consumidor em potencial.**

Aliás, em se tratando do público adolescente, o predomínio da publicidade sobre o jornalismo pode ser ainda maior. Sampaio (2000) destaca que, muitas vezes, a comunicação dirigida ao público adolescente constitui um elemento em um núcleo maior de consumo, pois são atrelados produtos comerciais (camisetas, bonés, material escolar, entre outros) e promoções à informação. Deste modo:

Não há como negar a interferência do “ator” mercado no processo de produção de notícias e mesmo no modo como se articula uma sociedade da comunicação: ele, definitivamente, é parte constitutiva do processo comunicacional (RESENDE, 1999, p. 38).

Evidentemente, não dá para negar que a notícia é uma mercadoria e, assim, questionar:

[...] se todos os outros tipos de mercadoria, seus processos produtivos e seus proprietários são, de alguma forma, controlados por mecanismos governamentais e da sociedade, por que a mercadoria notícia não deveria submeter-se a mecanismos semelhantes? (FONSECA, 2000, p.203).

A partir do questionamento supracitado, Fonseca (2000) debate a importância de uma regulação democrática da mídia, deixando claro que a

¹ A *Capricho* é um das revistas analisadas nesta dissertação.

liberdade de expressão deve nortear qualquer mecanismo de controle eventual para impedir qualquer possibilidade de censura.

O paradoxo aqui debatido, que coloca o jornalismo entre a cidadania e os interesses de mercado, não representa a única ambivalência do jornalismo; a era contemporânea coloca o jornalista no centro de outros dois paradoxos. O segundo paradoxo é a necessidade de conciliar a exigência da era da informação, na qual o relevante “é a quantidade e a rapidez com que se transmite o novo” (RESENDE, 1999, p. 46), com a exigência de cumprir diversas tarefas complexas para produzir um conteúdo jornalístico de qualidade como: reflexão; atualização; seleção e consulta de fontes variadas; apuração de fatos e contextos; relação entre os fatos; contextualização; interpretação dos acontecimentos; cuidado com a precisão e com estilo do texto e criação de mecanismos de atratividade para dar conta de um leitor contemporâneo enfasiado pelo excesso de informação e com falta de tempo para reflexão (CALDAS, 2005; RESENDE, 1999). O terceiro paradoxo, refere-se ao jornalismo ter que apreender a complexidade do real no mundo contemporâneo tendo raízes no pensamento moderno. Segundo Resende (1999), a comunicação social foi estruturada na visão moderna positivista e de mercado, ficando marcada por conceitos como: causa e efeito; recepção linear entre emissor e receptor; conhecimento linear e sistemático; normatização; compactação de textos e linguagem rápida e pronta e apresentação da verdade. Esta estrutura ainda influencia a produção jornalística, mas não se enquadra mais em um mundo contemporâneo plural, complexo, fragmentado, circular, onde a verdade está em crise (como, por exemplo, a verdade científica) (RESENDE, 1999).

Considerando os desafios desta ambivalente e complexa área, Cornu (1998, p. 15-16) eleger cinco zonas críticas que o jornalista tem que superar para fazer um jornalismo de qualidade:

- a) A frágil dependência dos jornalistas em suas relações com os diversos poderes;
- b) as negligências na certificação das informações, sob a influência conjugada das leis de mercado, da velocidade da informação, da eficiência dos comunicadores profissionais;
- c) a confusão entre a liberdade de expressão, patrimônio de todos, e a liberdade de imprensa, própria somente de alguns;
- d) a espetacularização da informação que privilegia certos aspectos da realidade como método para manter os níveis de audiência e o número de leitores;
- e) os danos causados às pessoas pela exploração da violência, pelo desrespeito à privacidade, pela violação da presunção de inocência.

Destaca-se que no caso do jornalista que faz divulgação científica² ou que cobre assuntos que envolvem conhecimentos científicos como, por exemplo, medicina e nutrição, o desafio do jornalista pode ser ainda maior, considerando-se as seguintes questões:

- Dificuldade quanto à decodificação do discurso científico por causa da especificidade das áreas científicas que abarcam termos (jargões técnicos) e conceitos específicos (linguagem científica) (BUENO, 2010; ZAMBONI, 2001);
- Divergências entre pesquisadores/ especialistas e jornalistas (BUENO, 2010);
- Interesses envolvidos, como, por exemplo, o interesse das indústrias farmacêuticas e da alimentação (POULAIN, 2004) e o interesse por promoção pessoal de pesquisadores e especialistas (LATOUR e WOOLGAR, 1997; VOGT *et al.*, 2009);
- Caráter provisório e parcial dos enunciados das ciências (GRANGER, 1994, LATOUR e WOOLGAR, 1997);
- Contradições e divergências entre diferentes linhas de pesquisa, ou seja, falta de consenso científico (POULAIN, 2004);
- Responsabilidade social envolvida, por exemplo, pelo risco de transformar conhecimentos positivos cientificamente estabelecidos

² Bueno (2009, p. 162) define divulgação científica como: "...utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo."

em preceitos de escolha e de ação que possam ser adotados pelo público leigo significando riscos, por exemplo, à saúde e à segurança alimentar (GRANGER, 1994; VOGT *et al.*, 2009).

A dificuldade em superar estes desafios, muitas vezes, resulta na divulgação de conteúdos inadequados que podem, por um lado, servir ao interesse de pesquisadores mais do que ao interesse público ou, por outro lado, que podem comprometer a credibilidade dos cientistas (VOGT *et al.*, 2009).

No caso de servir ao interesse do pesquisador, diversas vezes, o jornalista reproduz o discurso científico sem contextualização e sem contraposição com outras visões, sendo, em muitos momentos, instrumentalizado pelos próprios pesquisadores que buscam promoção pessoal. Latour e Woolgar (1997) e, também, Granger (1994) orientam a este respeito:

Para dar independência às análises da ciência, é necessário, pois, não se basear unicamente no que os pesquisadores e descobridores dizem de si mesmos. Eles devem tornar-se o que os antropólogos chamam de “informantes”, certamente informantes privilegiados, mas sempre informantes de quem se duvida (LATOURE e WOOLGAR, 1997, p.19-20).

Não devemos diante das ciências ostentar nem uma fé cega, nem um otimismo desconfiado e sim uma admiração profunda e uma confiança razoável (GRANGER, 1994, p.114).

Quanto aos conteúdos relacionados à saúde, Kucinski (2000, p. 183) toma a mesma posição:

O jornalista que hoje cobre problemas de saúde não pode mais se limitar as categorias definidas pela prática médica dominante. Deve poder dialogar com essa prática médica a partir de uma postura crítica. Ao jornalista, por sua ética, cabe uma visão holística do processo saúde-doença, e a consciência do relativismo da prática médica dominante.

Ainda em relação à saúde, quando a imprensa não se empenha em ter uma visão crítica, pode acabar contribuindo para a construção de representações sobre a saúde ou sobre a alimentação e nutrição limitadas ou distorcidas.

Figueiredo (2009), em sua tese de doutorado, realizou uma pesquisa que indicou que a imprensa, apoiada no discurso médico hegemônico, contribuiu para o processo de medicalização³ da obesidade, ou seja, não favoreceu uma visão holística do processo saúde-doença envolvido na obesidade, como proposto por Kucinski (2000). A obesidade, como mostram os estudos epidemiológicos, realmente representa riscos sérios à saúde (OLIVEIRA *et al.*, 2010); mas, a mídia, ao representar socialmente a obesidade dentro da esfera médica como algo anormal e desviante (medicalização), “corre o risco de participar da legitimação do fenômeno da estigmatização⁴” (POULAIN, 2004, p. 139) e de incentivar uma abordagem prescritiva limitada a aspectos científico-biológicos em detrimento da promoção da saúde favorecendo, assim, o grande mercado que gira em torno da obesidade e do sobrepeso ao invés de cumprir um papel social e cidadão de cobrar políticas públicas que garantam a segurança alimentar e nutricional (POULAIN, 2004). Deppe (2001), em sua dissertação de mestrado, tendo por objeto de estudo a revista *Nova*, também mostrou que a mídia teve um papel importante na medicalização, no caso do seu estudo, da medicalização da beleza ao tratar este tema pelo viés de um discurso de saúde englobando a nutrição.

O jornalista, algumas vezes, também acaba por representar os interesses do cientista, por não conseguir fazer uma análise crítica dos discursos científicos, pela falta de conhecimento geral sobre ciências ou porque os discursos científicos são construídos com tamanha força de convicção (objetivam convencer), a ponto de adquirirem estatuto de fato, enquanto, na realidade, representam uma versão como comentam Latour e Woolgar (1997, p.277):

O estilo de um artigo pode ser tal que fique difícil para o leitor não acreditar nele. A precisão na formulação dos enunciados pode desarmar as objeções dos leitores.

³ “processo pelo qual problemas que se encontravam fora da esfera médica em determinado contexto social são transpostos para o domínio médico, através da participação de diversos atores sociais, além dos próprios médicos.” (FIGUEIREDO, 2009, p. 1).

⁴ “processo de desvalorização e de exclusão que diz respeito a um indivíduo considerado “anormal” ” (POULAIN, 2004, p. 139).

No caso de comprometer a credibilidade do pesquisador, pode ocorrer do jornalista por pressão de tempo, por imposição da visão editorial do veículo de comunicação ou por despreparo produzir um conteúdo inadequado quanto ao rigor científico, com termos ou conceitos incorretos ou com recorte limitado da pesquisa ou com abordagem sensacionalista, como por exemplo, com a valorização de fatos científicos como “grandes descobertas”.

Tais considerações sobre os paradoxos do jornalismo e dos desafios da divulgação científica apontam para uma reflexão sobre a formação do jornalista. Em relação ao jornalismo em geral, Caldas (2005) afirma que a formação do jornalista precisa ser discutida e destaca a importância do docente que forma o jornalista desenvolver uma ação pedagógica pautada no resgate do sentido público da informação e da responsabilidade social do comunicador através da formação ética do cidadão. Especificamente, quanto ao jornalismo científico, Vogt *et al.* (2009) defendem que é fundamental que jornalistas que cobrem ciência e cientistas que fazem divulgação científica se especializem, através de cursos interdisciplinares com abordagens amplas da cultura científica⁵. Em adição, Vogt *et al.* (2009, p. 1, grifo meu) afirmam que é fundamental, também, que jornalistas e cientistas compreendam suas funções sociais e que trabalhem em parceria:

A responsabilidade social do jornalista especializado em cobertura de assuntos da ciência é grande e precisa ser partilhada com os cientistas. **Ambos devem trabalhar em cooperação**, embora não necessariamente em cumplicidade, pois nem sempre os objetivos de um são compatíveis com os do outro. A democratização do conhecimento científico é parte do trabalho do jornalista, que deve estar a serviço da sociedade e não do cientista.

Por fim, todos estes paradoxos e desafios confirmam a asserção da jornalista Graça Caldas: “A profissão de jornalista [...] é uma das mais difíceis do mundo” (CALDAS, 2005, p.99). Faz sentido, porém, as dificuldades não parecem abater as esperanças e a satisfação dos jornalistas:

⁵ O *Mestrado em Divulgação Científica e Cultural e a Especialização em Jornalismo Científico*, oferecidos pelo Laboratório de Estudo Avançados em Jornalismo (Labjor) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, são exemplos deste tipo de curso (VOGT *et al.*, 2009).

O jornalismo romântico e ético do passado pode e deve conviver com o jornalismo industrial e ágil, exigência dos tempos modernos, da era da globalização [...] A principal arma de um profissional da mídia é entender as regras do jogo, mas nunca sucumbir a elas (CALDAS, 2005, p. 100-1).

[...] o jornalista *free-lancer* Steve Mirsky declarou a certa altura: “Fazer jornalismo científico é o privilégio de ser porta-voz da fronteira do conhecimento humano.” O impacto dessa afirmação, recebida com aplausos pela mais de centena de jornalistas presentes na plateia, levou-nos a refletir que **o jornalismo científico pode, de fato, ter uma belíssima missão a cumprir** (OLIVEIRA, 2000, p. 312, grifo meu).

1.1.2. A Internet e suas ferramentas

Além da reflexão sobre o fazer jornalístico, interessa aos propósitos desta dissertação fazer uma breve reflexão sobre a Internet a partir do questionamento sobre o potencial das ferramentas da rede: a hipertextualidade⁶, a hipermediação⁷ e a interatividade⁸.

No tocante ao hipertexto, a segmentação do texto em unidades menores não lineares interconectadas pelos *links* muda o percurso para a construção do sentido. Por um lado, a mudança de percurso pode significar uma eventual ampliação ou complementação ou validação da informação; “o leitor tem a oportunidade de ampliar as ocasiões de produção de sentido e enriquecer sua leitura” (GALLI, 2010, p. 151); isso pode ocorrer, por exemplo, quando o *link* leva para uma fonte citada no texto (livro, publicação científica, legislação, entre outros); por outro lado, exigem mais do leitor que pode ou não realizar uma conexão coerente entre os *links*; “ao delegar a ele a decisão da integração de conhecimento, o hipertexto faz exigências cognitivas muito fortes e difíceis.” (MELO, 2010, p. 172). Além disso, o leitor pode ser encaminhado para textos que

⁶ Segmentação do texto em unidades menores interconectadas através de *links* digitais que promove uma escrita/ leitura não linear na Internet (BRAGA, 2010).

⁷ Relação de unidades de informação de natureza diversa (texto verbal, som, imagem) dentro de uma estrutura hipertextual (BRAGA, 2010).

⁸ Participação ativa do usuário em uma comunicação digital (LÉVY, 1999).

desviem do enunciado primordial, por exemplo, para publicidade (XAVIER, 2010). Com a ampliação da informação que a hipertextualidade propicia, as pessoas podem ter dificuldades em estabelecer critérios para selecionar informação no ciberespaço (XAVIER, 2010), o qual é *locus* “sem fechamento dinâmico ou estrutural” onde um fluxo profuso e desordenado de informações se multiplicam (LÉVY, 1999, p.160). Melo (2010) refere que “os usuários podem considerar-se sobrecarregados pela multiplicidade de escolhas”. Levando-se em conta a temática nutrição e alimentação, a carga sobre o leitor pode aumentar consideravelmente, já que a questão alimentar e nutricional é permeada pela pluralidade de discursos que podem ser contraditórios ou incompletos e por vários interesses (econômicos, políticos, sociais, culturais, etc.) muitas vezes dissonantes (POULAIN, 2004).

Sobre a hipermídia, Braga (2010) discute que as pessoas podem ter estilos cognitivos distintos e a apresentação de uma mesma informação através de canais diferenciados contribui para o aprendizado, assim, o ambiente hipermídia pode facilitar a retenção de informação. Porém, sendo a Internet um ótimo canal de *marketing*, podemos encontrar, por exemplo, ao lado de um texto informativo uma imagem mais atrativa do que o texto promovendo um produto comercial.

Em relação às ferramentas que favorecem a interatividade, como por exemplo, os campos para comentários, estas podem favorecer o diálogo e se constituir em instrumentos da democracia e da cidadania como destaca Castells (2003, p.128): “torna possível aos cidadãos solicitar informação, expressar opiniões e pedir respostas a seus representantes”. Porém, na ausência de conhecimentos prévios (educação) e de um jornalismo que promova além da informação, a interpretação e a crítica reflexiva, o uso produtivo desta ferramenta pode ser inviabilizado.

Por fim, as ferramentas da Internet podem se expressar de modo ambíguo na prática e não se pode definir como será a construção de sentido na

rede; no entanto, o uso adequado das ferramentas pode agregar valor à comunicação digital.

1.1.3. O tema alimentação e nutrição em pauta

Massarani (2013) comenta que os veículos de comunicação de massa representam uma das principais fontes de informação sobre saúde para o público em geral e que isso ocorre em vista de um duplo motivo: o interesse do público por notícias sobre saúde e medicina⁹ e o fato de que os veículos de comunicação reservam espaços significativos para este tema. Figueiredo (2009) refere, com base em estudos sobre a cobertura de ciência pela mídia, que a medicina é um dos temas mais abordados pelos jornalistas. Serra (2001), Freire (2011) e Rangel-S *et al.* (2012) observam a presença crescente do tema alimentação e nutrição na mídia. Rangel-S *et al.* (2012) destacam a Internet e referem que a busca na *web* por informações sobre saúde em geral e sobre alimentação e nutrição, em particular, tornou-se muito frequente.

Sendo a saúde um direito do cidadão, Kucinski (2000) defende que a informação jornalística sobre saúde adquire um valor político na esfera da cidadania, além de seu valor pedagógico quando se direciona para medicina preventiva ou para o “jornalismo de serviço”. Com base nesta asserção de Kucinski (2000) e no fato de que a alimentação também é um direito estabelecido na Constituição Federal (BRASIL, 2010a), pode-se assumir que a informação jornalística sobre alimentação também tem um valor político e articulado com a cidadania.

Sem dúvida, o tema da alimentação é de grande relevância na sociedade brasileira atual justificando sua forte presença na comunicação social, sobretudo, em vista da importância da alimentação saudável para prevenção das

⁹ Nesta categoria, muitos assuntos sobre alimentação e nutrição se enquadram.

doenças crônicas não transmissíveis (obesidade, hipertensão, diabetes e dislipidemias) que se relacionam aos altos índices de morbimortalidade por doenças cardiovasculares no Brasil (OLIVEIRA *et al.*, 2010). Em consonância com esta relevância da comunicação social da alimentação, documentos referentes a políticas públicas de saúde e de alimentação tem abordado a questão. A “Política Nacional de Alimentação e Nutrição” (PNAN) sublinha a importância da socialização do conhecimento sobre alimentos (BRASIL, 2013). Da mesma forma, o “Marco de referência de educação alimentar e nutricional para políticas públicas” (BRASIL, 2012, p.42, grifo meu), quando aborda a necessidade de estabelecer parcerias para a realização de ações de educação alimentar e nutricional, refere-se à mídia:

É urgente promover o diálogo com outras áreas de conhecimento e prática; **estabelecer parcerias e compromissos com diferentes canais de mídia** e firmar um compromisso ético entre todos os setores.

Entretanto, a cobertura do tema alimentação pela mídia tem sido questionada quanto a sua credibilidade e adequação por vários autores (SERRA, 2001; AMANCIO e CHAUD, 2004; TEO, 2010; FREIRE, 2011).

Serra (2001) analisou textos da revista impressa *Capricho* com o tema “práticas alimentares para emagrecimento” e constatou um grande distanciamento entre o discurso midiático da revista e o discurso nutricional acadêmico, concluindo que o primeiro se caracteriza por ser ambíguo e inadequado.

Amancio e Chaud (2004) analisaram dietas para emagrecimento publicadas em duas revistas, não científicas (nomes não divulgados), e verificaram que todas as dietas publicadas apresentavam uma ou mais inadequações nutricionais como distribuição inadequada de macronutrientes e níveis inadequados de cálcio, ferro e vitamina E.

Teo (2010, p. 435) analisou o discurso sobre alimentação saudável na revista feminina *Boa Forma* e concluiu que o discurso analisado contribui para a

formação de “um saber comum sobre práticas alimentares saudáveis que é frágil e predominantemente divergente do saber científico da área.”

O conteúdo sobre alimentação e nutrição da revista *Boa Forma* também foi analisado por Freire (2011) que observou uma abordagem inadequada com caráter prescritivo e com a valorização de alimentos industrializados e especiais (*diet e light*).

Finalizando, o tema da alimentação e nutrição está (e é importante que esteja) na mídia. No entanto, questões quanto à qualidade de seu conteúdo e do tipo de abordagem realizada colocam em dúvida a sua efetividade em contribuir com a cidadania, com o bem-estar e com o conhecimento sobre alimentação e nutrição. Os estudos supracitados foram essenciais para uma avaliação mais crítica do tema da alimentação e nutrição na mídia, mostrando que pesquisas em comunicação podem trazer contribuições para o jornalismo. Considerando-se a relevância da pesquisa em comunicação, o que está em pauta a seguir é a reflexão sobre as orientações teóricas e conceituais para a sua realização.

1.2. Pesquisa em comunicação: novos paradigmas?

Historicamente, o campo de estudo da comunicação caracterizou-se por diferentes escolas, correntes e tendências teóricas descontínuas, divergentes, com grande variação de termos e conceitos e com autores vindos de diversas disciplinas (ARAÚJO, 2007). Cada um destes modelos teóricos, em diferentes graus e modos, trouxeram e ainda trazem (muitas vezes, pela crítica que suscitam ou a partir de adaptações ou atualizações que recebem) contribuições para a ampliação do pensamento comunicacional, porém, não chegam a formar uma teoria da comunicação. Paradigmas como o clássico “funcionalista pragmático” relacionado à Escola de Chicago e como a “Teoria crítica” relacionada à Escola de

Frankfurt perderam suas forças explicativas revelando-se abordagens parciais ou reducionistas (FRANÇA, 1994), como sinaliza Mattos (2003, p. 1):

[...] vivemos atualmente um processo paradoxal de transição do ensino e da investigação em comunicação, não sendo possível assegurar a consolidação do movimento de ruptura com os paradigmas clássicos da comunicação e, menos ainda, a preservação do potencial explicativo dos seus pressupostos para analisar os processos sociocomunicativos gerados pela tecnocultura-comunicacional globalizada.

Esta colocação fica mais compreensiva ainda com o advento da Internet, a relação linear emissor-receptor presente no paradigma clássico, por exemplo, perdeu completamente o sentido e a ideia da razão como instrumento de dominação tendo os meios de comunicação totalmente a serviço do capitalismo como defenderam os frankfurtianos fica sem fundamento, como aponta Johnson *et al.* (2006, p.146) a partir da posição dos Estudos Culturais:

Discordando do entendimento dos meios de comunicação de massa como simples instrumentos de manipulação e controle da classe dirigente, os Estudos Culturais compreendem os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia.

Esta “natureza complexa, dinâmica e ativa” (JOHNSON *et al.*, 2006, p.146) se intensifica na Internet, na qual aquele que antes ocupava a posição de receptor hoje também produz conteúdos, não só quando veicula materiais na rede, mas, também, quando compartilha ou constrói outros sentidos através do hipertexto, como destaca Paveloski (2004):

Enquanto suporte, permitiu até agora estimular a inversão constante, simultânea quase, de emissor e receptor, num emaranhado de alterações de papéis que até então não tínhamos presenciado na nossa história da mídia.

Por este prisma, não se pode falar da atualidade da “Teoria Crítica” em relação à onipresença da mídia e à recepção passiva, mas, também, não se pode deixar de considerar a sua importância e pioneirismo em focar, na lógica do

consumo, o papel da mídia e da publicidade na formação da identidade e das práticas do cotidiano.

Atualmente podemos dizer que o número de atores sociais que participam e que se apoderam das técnicas de comunicação se ampliou e que não existe um único poder, mas um campo de disputas entre forças e interesses, como afirma Resende (1999) em sua reflexão sobre espaço público e comunicação:

O espaço público contemporâneo significa o modo como se negociam saberes e poderes, ou ainda, o modo como se articulam forças e interesses em um mundo regido pelos meios de comunicação.

Novos desafios são enfrentados pela pesquisa da comunicação social nos dias de hoje e, diante disto, segundo Lopes (2000), a atual tendência latino-americana tem sido a inserção da pesquisa em comunicação no espaço das ciências sociais e humanas de modo transdisciplinar e com um enfoque sociocultural a partir do entendimento de que as complexidades da sociedade contemporânea ultrapassam os limites convencionais das ciências.

Esta tendência se alinha ao conceito “paradigma da complexidade” proposto por Morin (1986), o qual não se trata de um instrumento de análise, mas uma postura intelectual que concebe a complexidade do problema estudado e vislumbra na transdisciplinaridade a estratégia de alcance de todas as suas dimensões:

[...] conjunto de princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, poderiam determinar as condições de uma visão complexa do universo físico, biológico, antropossocial (MORIN, 1986, p. 246).

Ainda sobre esta questão da transdisciplinaridade, Morin (2003, p. 30) indica que esta abordagem ainda não é uma realidade:

As ciências humanas não têm consciência dos caracteres físicos e biológicos dos fenômenos humanos. As ciências naturais não tem consciência da sua inscrição numa cultura, numa sociedade, numa história [...].

Apesar da transdisciplinaridade não estar ativa, como deveria ser, na prática acadêmica, pode-se perceber na tradição dos Estudos Culturais um caminho para ela. Os Estudos Culturais não chegam a ser transdisciplinares, pois, segundo Martino (2012, p. 92), parecem “se orientar mais no sentido de “agregar” do que de “articular””, mas, se inserem em uma perspectiva interdisciplinar, plural e com um olhar para as complexidades, o que já se configura como um grande avanço epistemológico para a análise de objetos complexos como a comunicação e a alimentação.

Por último, cabe salientar que qualquer que seja a orientação teórica, conceitual ou metodológica utilizada para embasar a pesquisa em comunicação social, esta deve conter ou somar referentes que possibilitem a compreensão da sociedade contemporânea, “uma sociedade estruturada e ambientada pela comunicação.” (RUBIM, 2000, p.80).

A reflexão sobre a sociedade contemporânea é desenvolvida no próximo capítulo desta dissertação.

CAPÍTULO 2

CONTEMPORANEIDADE: PENSAMENTOS SOBRE SOCIEDADE, CULTURA, CORPO E ALIMENTAÇÃO

[...] não se pode entender o estado atual do saber, isto é, que problemas seu desenvolvimento e difusão encontram hoje, se não se conhece nada da sociedade na qual ele se insere (LYOTARD, 2013, p.23).

Não se tem consenso total quando o assunto é retratar o presente. Pensadores contemporâneos se distanciam quanto a termos e definições. O filósofo francês Jean-François Lyotard, o crítico literário e teórico político norte-americano Frederic Jameson e o sociólogo e filósofo francês Jean-Baudrillard nomeiam a época atual como *pós-modernidade* e a definem como uma nova fase marcada pela crise dos conceitos modernos. De modo diferente, o filósofo francês Gilles Lipovetsky não acredita em uma ruptura com a época moderna e defende a ideia de intensificação dos fundamentos modernos, o que ele denomina de *hipermodernidade*. Ao passo que para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman também não há uma ruptura, mas uma passagem do que ele chama de *modernidade sólida* para *modernidade líquida*. Já na definição do filósofo alemão Jürgens Habermas, a modernidade é um projeto inacabado que precisa ser completado. Por fim, na visão do filósofo, sociólogo e antropólogo francês Bruno Latour a modernidade não passou de um projeto e, portanto, se a modernidade não existiu, também não existe pós-modernidade como anuncia o título de um de seus livros mais famosos “*Jamais fomos modernos*” (FEATHERSTONE, 1995; SHINN, 2008).

Contudo, apesar da falta de consenso entre os pensadores supracitados sobre a ruptura com o período histórico denominado modernidade e o início de outra etapa na história mundial, é evidente que nossa época apresenta

deslocamentos, transformações e questionamentos em relação à ideia de modernidade clássica iniciada no século XVIII, principalmente desde meados da década de 80, seja quanto à base da produção material ou quanto à base do pensamento moderno (valores, normas, princípios, cultura) (CHAUI, 2008).

O propósito desta dissertação não é discutir e comparar as teses dos intelectuais supracitados ou de outros pensadores da contemporaneidade, mas recorrer a uma ou outra de suas observações sobre o presente para desenvolver algumas reflexões sobre o contexto atual que possam apoiar a leitura dos textos do *corpus* desta dissertação tornando-a mais rica e aprofundada. Nesta dissertação, para se referir à época atual, opta-se por utilizar os termos contemporaneidade e pós-modernidade como sinônimos.

2.1. Olhar comparativo: modernidade e contemporaneidade

2.1.1. Tecnologias da comunicação e informação como base material da pós-modernidade: impacto cultural

A base material da modernidade foi representada pela sociedade industrial, fruto da *Revolução Industrial* e caracterizada pelo poder econômico e político associado às indústrias e à exploração do trabalho produtivo, organizados nos Estados Nacionais (HOBBSBAWN, 2002). De modo diferente, a base material da contemporaneidade é representada pela sociedade que vem sendo denominada de pós-industrial, resultado da *revolução das tecnologias da comunicação e da informação* e caracterizada pelo deslocamento do poder econômico e político das indústrias para o capital financeiro e para o setor de serviços das redes eletrônicas de automação e informática, os quais são

organizados mais globalmente do que dentro dos limites dos Estados Nacionais (CHAUI, 2008)

Na sociedade industrial, a posse de fábricas, máquinas, carvão, ferro e produção de bens como carros era a posse do poder; hoje "...a posse de informações (científicas, técnicas, econômicas, políticas, militares) é posse de poder" (CHAUI, 2008); um poder que não está mais localizado no Estado Nacional, mas distribuído global e virtualmente nas redes da "sociedade informática" (termo usado por Adam Schaff para designar a sociedade contemporânea) (CASTELLS, 1999). Castells (1999, p. 21) comenta a transformação da base material da sociedade:

Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável.

Esta remodelação da base material altera a oferta/ consumo de produtos no mercado capitalista. Na sociedade industrial, buscou-se a oferta e o consumo cada vez maiores de bens de consumo, enquanto que na sociedade pós-industrial, busca-se multiplicar a oferta e o consumo não só de bens materiais; mas, principalmente, de conhecimento e informação através de signos, imagens, ideias e experiências (BAUDRILLARD, 2010; BAUMAN, 2008; CHAUI, 2008; JAMESON, 2002):

Com o aumento da competição entre produtores e distribuidores, com o crescimento do mercado da moda, com o advento da sociedade pós-industrial cujos produtos são descartáveis, sem durabilidade (a sociedade pós-industrial é a "sociedade do descarte") e de consumo imediato (alimentos e refeições instantâneos), e sobretudo à medida que pesquisas de mercado indicam que as vendas dependem da capacidade de manipular desejos do consumidor a até de criar desejos nele, a propaganda comercial foi deixando de apresentar o produto propriamente dito (com suas propriedades, qualidades, durabilidade) para afirmar os desejos que ele realizaria: sucesso, prosperidade, segurança, juventude eterna, beleza, atração sexual, felicidade. Em outras palavras, a propaganda ou publicidade comercial passou a *vender imagens e signos* e não as próprias mercadorias Chauí (2008, p.294).

Refletindo, ainda, sobre a oferta/ consumo de produtos, destaca-se que a modernidade foi a “era do automóvel”. O carro foi o objeto do desejo da sociedade ocidental moderna; pode-se ter uma ideia disso pelo aumento do número de carros; na Itália, por exemplo, o número de carros subiu de 750 mil em 1938 para 15 milhões em 1975 (HOBSBAWN, 2002). Na pós-modernidade, ocorreu um deslocamento no consumo de produtos e o corpo despontou como o grande objeto de consumo:

Na panóplia do consumo, o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objetos – ainda mais carregado de conotações que o automóvel que, no entanto, os resume a todos – é o CORPO (BAUDRILLARD, 2010, p.168).

Ademais, além dos produtos, como debatido, passarem a ser mais valorados pelo significado cultural do que por características objetivas, com a globalização, ocorre um processo de homogeneização cultural (a cultura do global), assim, além do corpo despontar como mercadoria, ele torna-se uma mercadoria padronizada¹⁰. Vale salientar que, paralelamente, também, observa-se uma abertura à pluralidade cultural, as tecnologias de informação e comunicação possibilitam que as culturas locais possam ser vistas no mundo, o que não significa serem aceitas (WOLTON, 2011).

Em resumo, a revolução das tecnologias da comunicação e da informação impulsionam uma revolução cultural (HALL, 1997; JAMESON, 2002):

[...] as revoluções da cultura a nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro – sobre a “cultura” num sentido mais local. [...] Estas mudanças culturais globais estão criando uma rápida mudança social (HALL, 1997, p.2).

Em outras palavras, ocorre uma revolução social que tem por base tanto a cultura quanto a informação e comunicação globais estreitamente inter-relacionadas, como explica Hall (1997, p.10, grifo meu):

¹⁰ Esta questão é aprofundada no item 2.2.

A “virada cultural” está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. O próprio termo “discurso” refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento.

Como supracitado, Hall (2007) defende que as revoluções da cultura que, como foi discutido, se inter-relacionam com as revoluções das tecnologias da informação e comunicação, impactam as vidas cotidianas das pessoas alterando o seu modo de viver; uma destas mudanças nas práticas vividas se relaciona ao tempo; a compressão do espaço e do tempo imposta pela globalização e pelas tecnologias da comunicação e da informação, além de mudar a dinâmica da circulação de negócios e produtos; estende-se pela vida das pessoas, como descreve Lipovetsky (2004, p. 75, grifo meu):

A sociedade hipermoderna se apresenta como a sociedade em que o tempo é cada vez mais vivido com preocupação maior, **a sociedade em que se exerce e se generaliza uma pressão temporal crescente.**

2.1.2. Pensamento moderno em crise: o pós-moderno ensaia novas visões de mundo

Para uma melhor compreensão do mundo pós-moderno, vale aprofundar a reflexão com o debate sobre as transformações na base do pensamento moderno.

O pensamento moderno baseou-se, principalmente, no racionalismo e nos ideais iluministas; o racionalismo caracterizou-se pela convicção no determinismo da razão técnico-científica para dominar e controlar a natureza, a

sociedade e os indivíduos (ciência neutra, imparcial e reveladora da verdade) e, os ideais iluministas se expressaram, principalmente, através do papel regulador do Estado Nacional (cidadania, dever, direito, burocracia, nacionalismo e fronteiras) (SHINN, 2008). Ao passo que, o pensamento pós-moderno baseia-se, sobretudo, na ideia de complexidade e no ideal neoliberal. A ideia de complexidade caracteriza-se pelo desbotamento do otimismo científico-tecnológico (maior consciência dos limites da ciência em explicar o mundo e suas complexidades – ciência como verdade produzida, parcial e provisória) (LYOTARD, 2013; LATOUR, 1997). Já o ideal neoliberal, revela-se pela perda de terreno do Estado Nacional e do cidadão para o mercado global e para o consumidor, percebe-se um encolhimento da esfera pública e alargamento dos interesses privados de mercado (SHINN, 2008; CHAUI, 2008).

Neste contexto, dois aspectos interessam a esta dissertação, a representação social da ciência frente às influências dos pensamentos moderno e pós-moderno e a questão da cidadania frente ao ideal neoliberal.

Quanto à representação social da ciência, observa-se que tanto o pensamento moderno quanto o pós-moderno participam da construção do imaginário popular sobre ciência e que isso se expressa na representação da alimentação e nutrição na mídia e na vida das pessoas (CHAUI, 2008). Percebe-se ainda a força do pensamento moderno na expectativa por novas descobertas e verdades, mas também, percebe-se o pensamento pós-moderno na desconfiança sobre a ciência (por exemplo, em relação aos alimentos transgênicos) (LYOTARD, 2013; LATOUR, 1997). Assim, no imaginário social observa-se uma visão social dúbia da ciência (vilã ou heroína), um sentimento ambivalente entre a visão moderna e pós-moderna que gera ansiedade no senso comum; a fé na ciência e na tecnologia divide espaço com a desconfiança. Em geral, o senso comum valoriza a ciência e a tecnologia ao identificar resultados de aplicações científicas, muitas vezes em produtos de interesse de mercado destacados pelo *marketing*, como aponta Chauí (2008, p. 235):

A ideologia e mitologia científicas ¹¹ encaram a ciência não pelo prisma do trabalho do conhecimento, mas pelo prisma dos resultados (apresentados como espetaculares e miraculosos) e sobretudo como uma forma de poder social e de controle do pensamento humano. Por esse motivo, aceitam a ideologia da competência, isto é, a ideia de que há, na sociedade, os que sabem e os que não sabem, que os primeiros são competentes e têm o direito de mandar e exercer poderes [...].

Em relação à cidadania, percebe-se que a luta coletiva por direitos no campo da cidadania perde força diante do individualismo associado a uma ética consumista hedonista (HALL, 1997; BAUDRILLARD, 2010; BAUMAN, 2008). O acesso a produtos e serviços considerados direitos humanos e sociais, como à saúde e à alimentação adequada, passam a ocorrer mais pelo consumo e pela mídia do que pela ação cidadã, como conclui Canclini (2008, p. 14):

Para muitos homens e mulheres, sobretudo jovens, as perguntas próprias dos cidadãos, sobre como obter informação e quem representa nossos interesses, são respondidas antes pelo consumo privado de bens e meios de comunicação do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação em organizações políticas desacreditadas. Este processo pode ser entendido como perda e despolitização em relação aos ideais da democracia liberal ou iluminista.

2.1.3. Conclusão: traços contemporâneos

Retomando-se os aspectos levantados pelo olhar comparativo entre modernidade e contemporaneidade neste capítulo, pode-se destacar como características da contemporaneidade: a sustentação pelas tecnologias da comunicação e informação, a centralidade da cultura (global e local), a ambiguidade na expectativa quanto à ciência, a ampliação do significado e da prática do consumo e a valorização da esfera individual frente à esfera pública.

¹¹ Segundo Chauí (2008, p. 235) a ideologia científica é a “crença no progresso e na evolução dos conhecimentos científicos que, um dia, explicarão totalmente a realidade e permitirão manipulá-la tecnicamente, sem limites para a ação humana” e a mitologia científica é a “crença na ciência como se fosse magia ou poderio ilimitado sobre as coisas e os homens...verdades intemporais, absolutas e inquestionáveis.

2.2. Olhares sobre o corpo feminino na contemporaneidade

Como discutido no item anterior deste capítulo, o corpo, na época pós-moderna, desponta como um objeto de consumo. Compreender melhor este corpo pós-moderno é fundamental para análise que se pretende fazer nesta dissertação, de modo que é oportuno focar mais o olhar sobre ele.

O corpo é uma construção sociocultural como se pode perceber pelas diferentes representações que assumiu ao longo da história. Na Idade Média, dentro da ordem católica, o corpo teve um valor negativo, sendo renegado à invisibilidade e à repressão; o corpo era pouco exposto e os desejos, apetites e paixões (considerados pecados) eram reprimidos em nome da virtude da alma (CORDEIRO, 2011). Na Idade Moderna, em grande parte, interessou ao sistema capitalista apoiado na regulação estatal, dentro da lógica industrial e racional, treinar e disciplinar os corpos para trabalhos pesados e monótonos nas fábricas (produtores) e nos campos de batalha (soldados), os quais requeriam força e obediência; o corpo era exercitado e a “alma” silenciada (desejos, vontades, prazeres, atitudes) (BAUMAN, 2008; FOUCAULT, 1989). Na época contemporânea, interessa ao capitalismo atual, dentro da lógica da “sociedade de consumidores”¹², colocar o corpo sob a responsabilidade individual e induzir a “alma” para a atitude narcisista, para o hedonismo e para o consumismo que, por sua vez, determina um poder indireto sobre o corpo que o transforma em objeto de consumo (BAUMAN, 2008; BAUDRILLARD, 2010).

Um aspecto importante sobre o corpo na modernidade foram as normatizações sobre o corpo apoiadas no pressuposto da racionalidade científica (DEPPE, 2001) e desenvolvidas através de dispositivos legais e médicos. Através de discursos sobre a saúde dos corpos, foram estabelecidos padrões de

¹² Bauman (2008, p.71) usa o termo “sociedade de consumidores” para definir a sociedade contemporânea que representa “o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas.”

normalidade, muitas vezes com marcas eugênicas e estigmatizantes. Foucault (1989) denominou estes investimentos de controle corporal de *biopoder*. A partir da citação de Portocarrera (2009, p. 203), pode-se perceber a amplitude do biopoder na vida cotidiana:

Foucault ressalta a importância da proliferação das tecnologias políticas, investindo sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e morar, as condições de vida, todo o espaço da existência.

Contudo, vale salientar que, na modernidade, o corpo não foi só sujeição, a época moderna também foi palco de reivindicações socioculturais em prol da liberação da sexualidade e do corpo, principalmente através do movimento político e intelectual feminista das décadas de 1970 e 1980, o qual ficou conhecido como o feminismo da segunda onda (DEPPE, 2001; KELLER, 2006). O feminismo inspirou estudos sobre gênero e ciência, mostrando o poder hegemônico masculino e o papel da ciência na sua legitimação. Keller (2006, p. 31), em seu artigo “Qual foi o impacto do feminismo na ciência”, comenta alguns estudos (críticas feministas da ciência) que mostraram, por um lado, como a construção de conceitos sobre as ciências biológicas foi influenciada pela visão masculina ocidental e, por outro lado, como o feminismo favoreceu a abertura da “ciência, da engenharia e da medicina para as mulheres” oferecendo novas condições de possibilidade para impedir pressupostos patriarcais inerentes aos protocolos de pesquisa.

A despeito da herança positiva do feminismo da segunda onda, Wolf (1992) considera que, na contemporaneidade, a sujeição do corpo feminino se manteve, através de um determinante extremamente forte na atualidade: a ideologia da beleza estabelecida na perspectiva do consumo, “a beleza tornou-se para a mulher um imperativo absoluto e religioso.” (BAUDRILLARD, 2010, p. 174). No trecho a seguir, Wolf (1992, p.13) comenta isso:

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de

controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar [...]. De imediato, as indústrias da dieta e dos cosméticos passaram a ser os novos censores culturais [...] a modelo jovem e esquelética tomou o lugar da feliz dona-de-casa como parâmetro de feminilidade bem-sucedida.

Neste contexto, a corporeidade pós-moderna passa a ser representada pelo corpo-mercadoria (BAUMAN, 2008; BAUDRILLARD, 2010). O corpo-mercadoria corresponde a um objeto de enorme valor simbólico, inserido nas tendências individualistas e hedonistas da sociedade de mercado, o qual é considerado condição primeira para o sucesso e para a felicidade (MARTÍN-BARBERO, 2000). Houve uma transformação imaginária do corpo em mercadoria, a qual passou a ser exibida nas vitrines, *vitrines corporais e midiáticas*, não sem antes ser emagrecido, (re)modelado, (re)construído, artificializado (BAUMAN, 2008; BAUDRILLARD, 2010, MAROUN e VIEIRA, 2008; WOLF, 1992).

O corpo e o seu modo de se inserir na sociedade passam a ser a base fundamental para a construção da identidade e da subjetividade. Não é mais o corpo para o trabalho do qual fala Foucault (1989), relacionado com a ideia de classe social; é o corpo-mercadoria, mais associado com o projeto individual, um projeto motivado e sustentado pela economia de mercado que se realiza com o apoio das mensagens, imagens, tendências divulgadas pela mídia, em geral, a partir de modelos corporais de celebridades (modelos, atrizes, cantoras, apresentadores de televisão) (CORDEIRO, 2011). Estes modelos corporais de celebridades formam o imaginário do corpo e alinham-se à estética da magreza. A estética da magreza corporal passa a ser um sinal de distinção social, assim como o sobrepeso fora no século XIX, quando havia escassez de comida e ser gordo representava riqueza e sucesso, como relata Poulain (2004, p. 140):

O modelo da estética da magreza emerge no momento em que de maneira durável se instala a abundância. Nos universos sociais em que os alimentos são raros, ser gordo e forte são qualidades positivas.

Em vários períodos da modernidade a privação alimentar foi uma grande preocupação, agora, na contemporaneidade, na qual se vive uma situação de superabundância alimentar em quase todo o mundo (POULAIN, 2004; CONTRERAS, 2011), a privação social parece ser a principal preocupação e, ironicamente, não resistir a uma oferta alimentar abundante pode representar o grande risco de sofrer privação social, ou seja, estigmatização (POULAIN, 2004). Bourdieu (2001, p. 295) refere-se à privação social:

Talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade.

Uma privação social que pode ser a realidade de muitos na contemporaneidade, visto que a estética da magreza guarda muito pouca correspondência com a realidade, como salientam Maroun e Vieira (2008, p. 173):

[...] indivíduos são incentivados a manter formas corporais que constituem simulacros aparentemente possíveis, mas, na verdade, nunca completamente atingíveis. Tudo o que é condição do corpo real (os efeitos degradantes do tempo, as formas naturais, a exposição a enfermidades, o fator genético e hereditário) parece ser negado e omitido.

Assim, a relação do corpo com a saúde, acaba sendo derivada, não a partir de demandas biológicas propriamente ditas, mas a partir de demandas culturais (BAUDRILLARD, 2010) como também enfatiza Poulain (2004, p.144):

As motivações ostentadas pelas mulheres em restrição cognitiva, ou seja, praticamente um regime alimentar destinado a controlar o ganho de peso, não são motivações de saúde, mas na maioria das vezes de ordem estética.

Observa-se uma busca incessante pelo corpo perfeito e jovem através de todo tipo de dietas, exercícios físicos, anabolizantes, cirurgias plásticas, entre outros recursos que as indústrias da moda, da estética e da medicina possam oferecer. A procura por serviços da área da saúde (médicos, farmacêuticos,

cirúrgicos, nutricionais, etc.) se distancia dos conceitos da promoção da saúde e do direito à saúde que apresentam a visão da saúde integral e coletiva e, por outro lado, se aproxima de um tipo de atenção prescritiva, comercial e individualizada que se beneficia de avançados conhecimentos médicos técnico-científicos mais em nome de satisfação pessoal e prestígio social do que de uma necessidade orgânica: “a saúde actualmente não é tanto um imperativo conexo com a sobrevivência quanto um imperativo social.” (BAUDRILLARD, 2010, p. 184). Eagleton (2010, p. 251) também aborda esta questão ao falar da cultura americana:

A cultura americana é profundamente hostil à ideia de limites e, portanto, à biologia humana. O pós-modernismo é obcecado pelo corpo e aterrorizado pela biologia. O corpo é um tópico tremendamente popular nos estudos culturais norte-americanos – mas, é o corpo plástico, remodelável e socialmente construído, não o pedaço de matéria que adoce e morre.

Nesta perspectiva, para se atender a uma demanda estética e virtual, corre-se o risco de se desrespeitar as necessidades orgânicas e reais do corpo. Propõe-se olhar esta questão por dois ângulos, o primeiro, diz respeito à consideração de que, ao se privilegiar a estética, questões biológicas importantes podem ficar em segundo plano. Ao se dar atenção exagerada para à aquisição do corpo segundo o padrão estético atual, o problema real, ou seja, o controle da obesidade pode ficar sem a devida atenção da mídia, da ciência e dos profissionais da saúde como alerta Poulain (2004, p.144):

O risco é de passar da luta contra a obesidade para a luta contra o sobrepeso e de ver o discurso médico legitimar uma busca obsessiva da magreza.

Para Vincent (2009, p. 285), “os meios de comunicação nos repetem que a pessoa tem o corpo que merece...”, o que leva a “...um novo sentido de responsabilidade”. Quando a mídia favorece a compreensão das pessoas de que a responsabilidade pelo seu corpo é pessoal, isso favorece um investimento

individual (financeiro e emocional) no corpo ao invés de uma luta pela garantia dos direitos à saúde e à alimentação saudável que são condições essenciais para a adequação e saúde corporais de todos, visto que a luta contra a obesidade depende de mudanças socioculturais e ambientais, não só de ações individuais¹³.

O segundo ângulo proposto para se pensar o desrespeito às necessidades orgânicas e reais do corpo corresponde à consideração de que a busca pelo corpo segundo o interesse estético, muitas vezes, ocorre sem que sejam respeitadas as diversidades dos biótipos e os riscos físicos e subjetivos que a busca do corpo “ideal” podem representar. De modo que, esta busca pode concorrer com quadros de sofrimento como, por exemplo, os transtornos alimentares (anorexia nervosa e bulimia nervosa)¹⁴ e a estigmatização do obeso (WOLF, 1992; MAROUN e VIEIRA, 2008). Estes quadros de sofrimentos denunciam a dificuldade de se lidar com o sentimento de não pertencimento que aflora diante das incoerências das referências sociais consideradas desejáveis, uma dificuldade de viver e afirmar a identidade individual e social em um contexto cultural marcado por uma corporeidade irreal.

Diante destas problemáticas é fundamental um olhar crítico sobre o corpo na contemporaneidade, principalmente sobre o corpo feminino, alvo principal da ditadura da beleza, de modo que seja possível a conciliação entre a saúde, a identidade social e a subjetividade.

Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (HARAWAY, 1995, p.16).

Para que todos os corpos tenham possibilidade de futuro, os corpos estigmatizados ou apagados da grande mídia precisam ganhar visibilidade

¹³ Questão aprofundada nas páginas 40 a 44.

¹⁴ Anorexia nervosa e bulimia nervosa: doenças psiquiátricas de etiologia multifatorial que afetam principalmente adolescentes do sexo feminino e que se caracterizam por alterações nas práticas alimentares e distúrbios da imagem corporal com prejuízos sociais, psicológicos e físicos (CORDÁS, 2004).

contribuindo para uma futura aceitação social, mesmo que a partir de ações alternativas, assim como defende Freire (2007, p. 167) em sua reflexão sobre a juventude com base nos Estudos Culturais:

A vida cotidiana conceituada não somente como um espaço de sujeição e alienação, mas como uma plataforma de fomento e expressão de micropolíticas de resistência.

Projetos de arte resistência como *The Nu Project* do fotógrafo norte-americano Matt Blum e *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia* da artista Fernanda Magalhães são dois exemplos de micropolíticas de resistência, nas quais a representação do corpo feminino se encaminha para a democratização corporal. O projeto *The Nu Project*, divulgado através do site <http://www.thenuproject.com/>, traz para frente das câmeras fotográficas mulheres comuns nuas de várias partes do mundo com corpos naturais com formas, medidas e características diversas em cenários que revelam diferentes culturas e estilos de vida cotidiana (BARRETO, 2012) e o trabalho *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia*, divulgado através de fotografias, auto-retratos, desenhos, colagens, textos, paisagens sonoras, instalações e performances, coloca em evidência corpos de mulheres gordas para criticar a estética da magreza (TVARDOVKAS e RAGO, 2007).

Nestes trabalhos os corpos não são apenas informação, são mensagem, pois, não se trata apenas de transmitir informação sobre diversidade corporal e cultural (obesos ou anoréxicos ou negros ou velhos, etc.), mas de abrir espaço para a comunicação que propõe a aceitação e respeito ao “diferente”. Estes exemplos estão alinhados à afirmação proposta pelo sociólogo Dominique Wolton na qual destaca o papel da comunicação para se negociar a tolerância:

Para que haja o respeito e tolerância, não basta salvar a informação, é preciso também salvar a comunicação e suas características de negociação e compreensão através das diferenças. Às vezes é preciso de tempo para descobrir que o outro não compreende o mundo e as coisas da mesma forma que nós (WOLTON, 2010, p.4).

2.3. Olhares sobre a alimentação contemporânea: ambivalências e possibilidades

[...] o que é colocado no prato serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza um pertencimento, servindo como um código de reconhecimento social (MACIEL, 2005, p. 54).

Assim como o corpo, o alimento também é uma construção sociocultural, as práticas e hábitos alimentares variam de cultura para cultura e sofrem transformações ao longo da história. A alimentação, por ser uma prática comum a todos os indivíduos, representa uma questão social, reflete a (re)organização da sociedade na qual ocorre a (re)construção dos alimentos e dos modelos alimentares (FLANDRIN e MONTANARI, 1998). Esta (re)construção ocorre ao longo da história é um sistema complexo no qual várias dimensões (biológica, psicológica, social, cultural, religiosa, entre outras) se integram e interagem de modo interdependente (um sistema biopsicossociocultural). Neste campo alimentar integrado, destaca-se que a alimentação é fortemente biológica e, assim como tudo que tem este caráter, extremamente ligada a normas, proibições, valores, símbolos, mitos, tabus, ritos (POULAIN, 2004).

Este sistema biopsicossociocultural é ativado para a tomada de uma decisão alimentar, a partir deste, uma série de critérios são estabelecidos e hierarquizados para a análise do custo-benefício de uma escolha alimentar. Deste modo, pode-se dizer que as escolhas alimentares não são nem individuais e nem totalmente racionais; para a tomada de decisão concorrem e interagem aspectos, da “norma social” (convenções, condições e contextos relacionados ao consumo) e a “norma dietética” (prescrições ou orientações técnicas e científicas visando à saúde), normas que são perspassadas por atributos tanto racionais, quanto subjetivos (POULAIN, 2004).

Uma questão primordial que diz respeito à decisão alimentar é que esta implica em assumir riscos objetivos e simbólicos, o que, por sua vez, resulta em

uma ansiedade alimentar. Beardsworth e Keil (2002) consideram esta ansiedade permanente e inerente à alimentação, precisando ser sempre regulada. Os autores a relacionam ao que chamam de “paradoxo do onívoro”, no qual, por um lado, há a necessidade biológica e o interesse em se ter uma alimentação variada com a inserção de novos alimentos e, por outro lado, há o perigo e a desconfiança diante de alimentos não identificados ou valorizados. Beardsworth e Keil (2002) apontam três dimensões do paradoxo da alimentação humana que correspondem a formas particulares de ansiedade: *paradoxo do prazer-desprazer* (o alimento pode provocar prazer sensorial a partir, por exemplo, do aroma e do sabor agradável; mas pode provocar desprazer, por exemplo, a partir do nojo e do vômito); *paradoxo da saúde-doença* (o alimento promove vitalidade, energia e saúde; mas pode ser um fator de risco para a saúde e causar intoxicações e doenças) e *paradoxo da vida-morte* (alimentos de origem animal são necessários à saúde e agradáveis ao paladar de muitos; mas o abate de animais pode implicar em conflitos morais).

Ao longo da história da alimentação, as culturas alimentares tentam administrar estas ambivalências, por exemplo, regular o *paradoxo do prazer-desprazer* através da culinária e o *paradoxo da saúde-doença* através do conhecimento empírico da cultura popular tradicional sobre os efeitos dos alimentos. Entretanto, várias características e questões da contemporaneidade provocaram um enfraquecimento das formas de regulação da ansiedade alimentar, resultando em crises alimentares (BEARDSWORTH e KEIL, 2002).

Da modernidade aos dias de hoje, vários eventos transformaram as práticas alimentares e enfraqueceram ou complicaram o vínculo dos alimentos com o homem, com a natureza e com os saberes das tradições populares: industrialização, urbanização, globalização, consumismo, individualismo, revolução da informação e da comunicação, medicalização da alimentação, discurso nutricional científico, estética da magreza, entre outros (POULAIN, 2004).

A produção de alimentos cresceu e se diversificou em decorrência do progresso econômico das sociedades ocidentais, da industrialização, da

urbanização e da monocultura extensiva agrícola. Até metade do século XX, havia uma preocupação com a fome e com a escassez de alimentos; atualmente, tem-se uma situação de abundância alimentar: a preocupação com a quantidade foi sendo substituída pela inquietação com a qualidade alimentar (CONTRERAS, 2011).

Ocorreu, também, um deslocamento do alimento de seu meio ambiente social e tradicional, da sua raiz geográfica, das limitações climáticas as quais se associava, da cozinha doméstica e do conhecimento popular com a industrialização, a urbanização e a globalização. O alimento foi colocado na condição de simples mercadoria, assim como o corpo; então, surgiram o corpo-mercadoria, o alimento-mercadoria e o comedor-consumidor (CONTRERAS, 2011; POULAIN, 2004). Fishler (1998, p. 846) comenta:

Com efeito, a alimentação torna-se, propriamente falando, um mercado de consumo de massa: a partir de então processa-se como produto altamente transformado por procedimentos industriais de vanguarda. Concebidos e comercializados com o apoio das mais modernas técnicas do *marketing*, *packaging* e publicidade, são distribuídos por redes comerciais que não cessam de aperfeiçoar seu poder e complexidade.

Ademais, a cozinha doméstica e regional foi terceirizada. No seu lugar, a indústria global e os restaurantes (*fast-food*, institucionais, *self-service*) passaram a fornecer os alimentos e preparações sem, no entanto, assumir a função social da cozinha e os alimentos, agora abundantes e diversificados, tornam-se cada vez menos identificados e distantes da administração das pessoas (FISHLER, 1998). Salienta-se que com a globalização, na qual se observa a redução do poder regulatório do Estado Nacional frente à hegemonia do mercado neoliberal global, os alimentos tornam-se mais distantes da regulação pelos governos nacionais (CANCLINI, 2008). Poulain (2004, p.27) comenta:

Agora, os mercados não raciocinam mais em âmbito nacional. As empresas agroalimentares transnacionais distribuem em todo o planeta carnes, peixes congelados, conservas enlatadas, queijo, Coca-cola, *ketchup*, hambúrguer, *pizza*.

A mundialização da alimentação apresenta dois lados ambivalentes. Por um lado, nunca se teve um acesso a uma diversidade alimentar como nos tempos atuais. Por outro lado, os produtos alimentares se padronizaram e se difundiram em escala transnacional; alguns alimentos foram transformados em produtos culturais homogeneizados para consumo de massa e para consumo rápido; muitos destes alimentos padronizados apresentam como denominador comum serem muito industrializados e pouco saudáveis, a exemplo do ícone da mundialização, o McDonald's (FISHLER, 1998).

Paralelamente, ocorre o desenvolvimento da ciência da nutrição e do conhecimento de suas relações com a saúde. Estudos epidemiológicos mostraram a relação dos alimentos com várias doenças como as crônicas não transmissíveis (hipertensão, diabetes, dislipidemia, obesidade, cânceres, entre outras), levando a uma valorização do estilo de vida saudável (DIEZ GARCIA, 2005). A valorização do estilo de vida saudável passa a ser fundamental para a prevenção das doenças, mas inclui a problemática de ser regida pelo paradigma biológico em detrimento do caráter social, cultural e psicológico da alimentação, favorecendo uma visão medicalizada da alimentação (DIEZ GARCIA, 2005; PROENÇA, 2010, BRASIL, 2012). A observação de Contreras (2011, p.22) mostra esta orientação:

[...] nossa sociedade contemporânea não parece que “come” maçãs, carne de frango ou de porco, atum, couve-flor, pão, iogurte ou bebe vinho ou cerveja, e, sim, parece que consome cálcio, ferro, polifenóis, flavonoides, vitaminas das mais diversas, carotenoides, glucosinolatos, fibra, ácidos graxos, licopeno, esteróis, ácido oleico, fósforo, álcool etílico etc. As categorias relativas aos alimentos parecem ter se modificado consideravelmente no sentido de uma maior “cientificização”.

Efetivamente, verifica-se uma dupla tendência, sob uma perspectiva positiva, ocorre um entusiasmo com as reais potencialidades da alimentação em melhorar a saúde e prevenir doenças, e, sob uma perspectiva negativa, ocorre uma maior dificuldade em regular a ansiedade alimentar relacionada ao *paradoxo da saúde-doença*, decorrente: do medo resultante do conhecimento dos riscos à saúde relacionados à alimentação, da desconstrução realizada pela ciência dos

conhecimentos populares sobre os alimentos (dietéticas leigas), da multiplicidade de discursos científicos contraditórios sobre nutrição e da dificuldade de compreensão pelas pessoas dos novos termos e conceitos nutricionais (POULAIN, 2004, p. 107):

O desenvolvimento da medicalização da alimentação e a difusão do discurso nutricional científico participam da erosão das dietéticas leigas, apontadas como “ideias falsas”. Entretanto, a dietética moderna científica é atravessada por correntes teóricas divergentes e encontra-se largamente submetida a efeitos da moda, deixando o comedor num estado de relativa incredulidade.

Além da multiplicidade dos discursos científicos sobre nutrição, os quais são marcados por flutuações e controvérsias, concorrem a eles outras categorias de discursos como o estético, o gastronômico, o hedonista, o consumista e de terapias alternativas (POULAIN, 2004). O comedor fica assim submetido às várias pressões contraditórias: é estimulado ao consumo em excesso de alimentos industrializados, é alertado sobre os riscos à saúde da obesidade e do consumo de alimentos industrializados, é estimulado a desfrutar do prazer gastronômico (mercado da gastronomia e do turismo), é chamado a se adequar ao padrão hegemônico da magreza, entre outros.

Em adição, apesar da importância e interesse que as pessoas dão à ciência da nutrição e à divulgação da alimentação e nutrição na mídia (MASSARANI, 2013), existe uma distância muito grande entre o conhecimento científico e popular quanto à forma de racionalidade e quanto à linguagem (POULAIN, 2004; ZAMBONI, 2001). Poulain (2004) fala em confronto de racionalidades, enquanto os especialistas pensam em termos probabilísticos e estatísticos, os leigos analisam a ciência a partir de dimensões plurais e relacionadas ao seu cotidiano (questões identitárias, por exemplo). O conhecimento científico tem sido produzido e modificado de modo acelerado e, em paralelo, as tecnologias da informação e da comunicação ampliam e aceleram sua divulgação (CONTRERAS, 2011). Contudo, este processo não tem sido

acompanhado por uma reflexão, compreensão e apreensão efetiva ou da maneira esperada por profissionais da saúde; termos como alimentos funcionais e alimentos transgênicos passam a ser conhecidos; mas não, necessariamente, os conceitos e as diferenças entre a teoria e a aplicação (DIEZ GARCIA, 2005).

Outro fator complexifica a dificuldade em regular a ansiedade alimentar na contemporaneidade: a decisão alimentar está mais individualizada. Vários determinantes participam deste fator: tendência contemporânea ao individualismo, diversificação da oferta dos alimentos, mudanças da estrutura familiar (aumento do trabalho feminino fora do lar), alimentação fora de casa, a desritualização das refeições, a ascensão do consumo de *fast food* e *junk food*, redução de influências religiosas e morais (POULAIN, 2004; CONTRERAS, 2011).

Esta “desregulação” das práticas alimentares remete para os indivíduos decisões outrora tomadas pelo grupo. A modernidade alimentar criou uma situação inédita que dá ao comedor uma parte maior de autonomia. De hoje em diante, para ele a questão central, “questão obsessiva”, vai ser “o que escolher?”, o comedor moderno deve fazer escolhas, a alimentação tornou-se objeto de decisões cotidianas e estas decisões caíram na esfera do indivíduo (POULAIN, 2004, p. 68).

Desse modo, ao indivíduo é colocado o desafio de escolher e assumir os riscos de sua escolha dentro de um cenário contemporâneo atravessado por contradições e dificuldades. Contudo, a realização de práticas alimentares saudáveis nem sempre dependem de uma decisão individual e, assim, nem sempre o indivíduo pode ser responsabilizado por uma escolha inadequada; aliás, em geral a possibilidade de se realizar uma prática alimentar adequada depende de fatores ligados à macroestrutura social e econômica (DIEZ GARCIA, 2005).

Estas questões que envolvem a alimentação contemporânea e a consideração do caráter biopsicossociocultural da alimentação suscitam reflexões quanto ao modo como a alimentação e a nutrição devem ser abordadas, tanto no plano das políticas de saúde, como no plano da comunicação social e, também, no plano individual. Como a ansiedade alimentar pode ser regulada na contemporaneidade para que as escolhas alimentares cotidianas favoreçam a

saúde e o bem-estar? A solução para este problema com certeza passa por uma mudança paradigmática, em todos os planos, com a superação dos reducionismos: alimento-mercadoria, comedor-consumidor e medicalização da alimentação. Em outras palavras; a mudança de paradigma passa por compreender o alimento como cultura e passa pela assunção do comedor a cidadão, com direito humano a uma alimentação e nutrição ajustadas às suas necessidades tanto nutricionais quanto socioculturais, assim:

Ressalta-se uma proposta de “desmedicalizar” a alimentação cotidiana, que não significa se privar dos conhecimentos das ciências da nutrição, mas articulá-los com as dimensões socioculturais da alimentação. O convite é para um movimento além da educação nutricional tradicional, que se refere prioritariamente aos nutrientes, para a educação alimentar e nutricional, considerando os diferentes horizontes do ato alimentar: sua relação com a saúde, sua relação com o prazer e suas dimensões sociais e simbólicas, respeitando os processos de socialização e de construção das identidades que articulam as particularidades sociais, regionais, religiosas, entre outras (PROENÇA, 2010, p.45).

Em adição, a assunção do comedor a cidadão significa que alimentação e nutrição não podem ser de responsabilidade individual, as pessoas precisam de suporte coletivo para que possam fazer escolhas alimentares saudáveis e não ficar a mercê dos interesses de mercado (CANESQUI e DIEZ GARCIA, 2005; GOMES *et. al*, 2010, NASCIMENTO e ANDRADE, 2010).

Cabe ao poder público e aos segmentos da sociedade civil comprometidos com a melhoria da qualidade de vida da população o enfrentamento desse debate, denunciando práticas que visam a proteger os interesses corporativos em detrimento dos interesses coletivos, e o desenvolvimento de medidas regulatórias que contribuam para a promoção de um padrão alimentar saudável (GOMES *et. al*, 2010, p.50).

GOMES *et. al* (2010) chamam atenção para a importância do debate entre o Estado e a sociedade no tocante ao papel regulador do Estado (potenciais e limites) quanto a questões alimentares e nutricionais contemporâneas; visto que, para a promoção de um padrão alimentar saudável é fundamental o debate sobre

a regulação da publicidade de alimentos; a regulação da rotulagem de alimentos, o controle do uso de agrotóxicos; o incentivo à agricultura orgânica, sustentável e familiar; os acordos do Estado com as indústrias de alimentos para a redução de nutrientes ou aditivos prejudiciais à saúde (ex: redução de sódio).

A formação de profissionais de saúde e de nutricionistas com uma orientação ampla, ou seja, que não se limite à hegemonia da abordagem biomédica, também é essencial para a promoção de um padrão alimentar saudável (CANESQUI e DIEZ, 2005; BRASIL, 2012). No entanto, Canesqui e Diez Garcia (2005, p. 276), em pesquisa que analisou a presença e o conteúdo de disciplinas de ciências sociais e humanas em cursos de nutrição no Brasil, consideraram a formação do nutricionista insuficiente para superar a “dicotomia das áreas biológicas e humanas”. Em consonância com Canesqui e Diez (2005), o documento que norteia políticas de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) no Brasil, “Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas” (BRASIL, 2012, p. 38), também aponta para fragilidades na formação do nutricionista, reveladas por um currículo marcado pela supremacia do paradigma biomédico e pela dificuldade de articulação com a sociologia, antropologia, filosofia e pedagogia, concluindo que “a estrutura curricular não responde ao contexto e desafios atuais”.

De fato, no Brasil, na prática cotidiana, o discurso de profissionais de saúde, entre eles o do nutricionista, nem sempre parece alinhado a um conceito da alimentação e da nutrição ampliado e integrado ao contexto da cultura e da cidadania, pelo menos é isso o que sugerem os resultados e evidências de pesquisas de vários autores realizadas a partir de conteúdos midiáticos (SERRA, 2001; AMANCIO e CHAUD, 2004; TEO, 2010; FIGUEIREDO, 2009; FREIRE, 2011).

De modo diferente, no âmbito das políticas públicas, observa-se uma mudança paradigmática correspondente ao caráter conceitual de alguns instrumentos e documentos legais brasileiros que visam garantir uma alimentação saudável e adequada a todos os brasileiros (NASCIMENTO e ANDRADE, 2010).

Entre estes instrumentos e documentos, são primordiais a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN)¹⁵ (BRASIL, 2006a) e a inclusão¹⁶ da alimentação entre os direitos sociais garantidos pela Constituição Federal (BRASIL, 2010a), marcando a conquista do direito humano à alimentação pelo brasileiro e consolidando a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) como uma questão de cidadania. O texto da Constituição Federal que institui a alimentação como direito social é mostrado a seguir:

Art. 6º da Constituição Federal: “São direitos sociais a educação, a saúde, **a alimentação**, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil, 2010a, grifo meu).

A LOSAN, assim como o Sistema Único de Saúde (SUS), é norteada pelos princípios da universalidade, participação social, intersetorialidade e equidade (social, econômica, étnica e de gênero) (NASCIMENTO e ANDRADE, 2010). Ademais, a LOSAN reafirma as obrigações do Estado de respeitar, proteger e promover a alimentação adequada e apresenta um conceito de SAN que abarca a complexidade e pluralidade da alimentação e da nutrição e que integra outras necessidades e direitos básicos como saúde, habitação e educação (BRASIL, 2006a):

A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis (Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, art. 3º, 2006a).

A partir deste conceito, SAN engloba não só o acesso aos alimentos, mas, também, a qualidade, a promoção da saúde, a diversidade cultural, a

¹⁵ A LOSAN foi instituída, em 2006, pela lei federal 11.346; foi regulamentada, em 2010, pelo decreto 7.272 e criou o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN).

¹⁶ Inclusão pela promulgação da Emenda constitucional 64 em 2010 (BRASIL, 2010a).

sustentabilidade ambiental e o estímulo a uma economia solidária (CUSTÓDIO, 2013). Considerando a amplitude da SAN, pode-se considerar que esta “passa a ocupar um lugar central nas estratégias de desenvolvimento humano...” (NASCIMENTO e ANDRADE, 2010, p. 37).

Quanto à dimensão mais específica de saúde, a SAN, a qual abarca a promoção da alimentação saudável, alinha-se ao conceito da promoção da saúde, um conceito mais amplo e abrangente cujo “objetivo contínuo e permanente é alcançar um adequado nível de vida, em toda a sua complexidade.” (PINHEIRO, 2005, p.6). Por consequência, afasta-se da visão curativa, prescritiva, medicalizada e desarticulada com as macroestruturas socioeconômicas e culturais.

Por fim, apesar das ambivalências e desafios da contemporaneidade, a promoção da alimentação saudável no Brasil encontra subsídios legais para criar suas condições de possibilidade. Direitos foram conquistados, mas, para que ocorra o efetivo exercício da cidadania, o cidadão precisa se conscientizar de seu papel fundamental no processo democrático. Para esta conscientização do cidadão, o acesso a informações de interesse público que digam respeito à saúde e à alimentação, direta ou indiretamente, é primordial; por consequência, a comunicação social sobre saúde ou sobre assuntos associados também é essencial na busca da concretização do direito à alimentação adequada (KUCINSKI, 2000); iniciativas, como por exemplo, a do documentário “Além do Peso”¹⁷, que promove uma conscientização sobre a qualidade inadequada da alimentação das crianças e de sua relação com a publicidade de alimentos, são de grande valor para a conscientização cidadã. Um exemplo de questão que necessita de uma cobertura pela mídia, para favorecer a participação cidadã, é o processo pela regulação da publicidade de alimentos, um processo longo e polêmico no qual está em jogo o interesse público contra o interesse corporativo de poderosas indústrias de alimentos (GOMES *et. al*, 2010). Este processo teve,

¹⁷ Documentário “Muito Além do Peso” (2012), direção de Estela Renner e patrocínio do Instituto Alana (Organização da sociedade civil sem fins lucrativos engajada com a defesa da infância). Disponível em: <http://www.muitoalemdopeso.com.br/>.>. Acesso em: 24 de maio 2014.

como marco importante, a publicação da resolução RDC Anvisa 24/ 2010 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) (ANVISA, 2010), a qual regulamenta que qualquer publicidade de alimentos com teor excessivo de açúcar, sódio, gordura saturada ou gordura trans seja associada a advertências sobre os prejuízos que o consumo excessivo desses alimentos pode trazer à saúde. Entretanto, esta resolução vem sofrendo forte reação das indústrias de alimentos e do setor de empresas de comunicação e publicidade que moveram ações contra sua execução (GOMES *et. al*, 2010). Neste processo pela regulação da publicidade de alimentos, por exemplo, a opinião pública é fundamental para determinar uma solução final a favor do interesse público; contudo, a opinião pública depende de informações adequadas sobre os desdobramentos desta questão para exercer sua participação cidadã.

CAPÍTULO 3

ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA: CONSIDERAÇÕES SOBRE ALIMENTAÇÃO, SAÚDE, CORPO E MÍDIA

[...] tudo que este adolescente pensa, sabe, sente, sonha e faz é profundamente marcado por sua malha de relações e por suas condições sociais, econômicas e culturais (BRASIL, 2010b, p. 56).

A adolescência não tem uma definição universal por ser um conceito sociocultural; a duração e as características da adolescência sofrem variações e transformações no espaço e no tempo em razão do contexto social, cultural e histórico de cada sociedade e época. Na Idade Média não havia a distinção entre as fases da infância e da vida adulta, apenas no final do século XVIII que a ideia de adolescência como uma etapa singular da vida passou a ser considerada; mas, foi apenas no século XX que esta ideia se consolidou. Desde então, suas definições conceituais passaram por várias transformações, entre elas, o prolongamento de seu termino que resultou na distinção da fase da juventude, conceito também sociocultural não unificado e em evolução (LÍRIO, 2012).

No contexto sociocultural ocidental contemporâneo, cronologicamente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) (WHO, 2004) e, por seguimento, o Ministério da Saúde do Brasil definem a adolescência como o período dos 10 aos 19 anos e a juventude como o período dos 15 aos 24 anos (BRASIL, 2010b). Conceitualmente, a adolescência representa a transição entre a infância e a idade adulta, uma fase na qual o crescimento e o desenvolvimento são impulsionados em todas as suas dimensões: física, mental, emocional, sexual e social. A fase da adolescência inicia-se com a puberdade e se completa com a afirmação da identidade pessoal e o estabelecimento do indivíduo como sujeito social (TRAVERSO-YÉPEZ, 2002). Entretanto, apesar da puberdade ser um evento

biológico que deixa explícito o início da puberdade, fixar uma idade universal para o seu início é bastante questionável, visto que a idade cronológica não é um indicador preciso da idade biológica, a qual difere entre os sexos e sofre variações quanto ao seu início, observando-se atualmente uma antecipação do seu início entre várias populações (ALVES *et al.*, 2007).

Na puberdade, ocorre o crescimento ósseo, muscular e adiposo¹⁸, o desenvolvimento dos órgãos sexuais e das características sexuais secundárias e o desenvolvimento cerebral (VITOLLO, 2003; UNICEF, 2011). A afirmação da identidade pessoal e o estabelecimento do indivíduo como sujeito social é um processo e intensifica-se no final da fase da adolescência; um momento no qual ocorre a formação e consolidação de valores, atitudes, hábitos e comportamentos e que é crucial para a transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro. Durante este processo o adolescente busca autonomia em relação aos pais, identificação com o grupo de amigos e integração no contexto social.

Cada indivíduo apresenta um potencial genético de crescimento e de desenvolvimento; porém, para a plena expressão deste potencial, vários fatores ambientais e individuais precisam ser satisfeitos como a alimentação saudável e a nutrição; a atividade física apropriada; a saúde emocional e a ausência de doenças. Da mesma forma, o resultado do processo de construção de identidade pessoal e social depende de outros fatores. Além dos intrapessoais (características inatas e adquiridas da personalidade), concorrem para o resultado os fatores interpessoais (identificação com outras pessoas) e culturais (valores da sociedade global e local) (SCHOEN-FERREIRA, 2003). Assim, o crescimento e o desenvolvimento do adolescente e, também, a afirmação da identidade pessoal e o estabelecimento do indivíduo como sujeito social podem ser comprometidos se as condições ambientais, sociais, culturais, econômicas e emocionais não forem favoráveis. A violência (física, sexual e psicológica), que atinge os adolescentes, sobretudo do sexo feminino; e o uso abusivo de álcool, de tabaco e de outras

¹⁸ Cerca de 20% da altura do adulto e 50% do peso do adulto são adquiridos durante a puberdade (VITOLLO, 2003).

drogas são situações que comprometem gravemente a adolescência e são preocupações clássicas em relação à adolescência na atualidade (UNICEF, 2011). As características da contemporaneidade discutidas no capítulo anterior, como, por exemplo, a alimentação industrializada e globalizada, a valorização da estética da magreza e a ditadura da beleza, o consumismo e o individualismo despontam como novas situações que marcam a adolescência podendo oferecer risco para o desenvolvimento integral e adequado do adolescente, sobretudo, da adolescente do sexo feminino que é mais vulnerável às imposições da ditadura da beleza e aos transtornos alimentares (OLIVEIRA e HUTZ, 2010).

As marcas da contemporaneidade nos adolescentes evidenciam que o caráter sociocultural da adolescência (significado, interpretado e construído) precisa ser interpretado dentro do contexto da sociedade na qual o adolescente está inserido. Resumindo, a adolescência:

É uma fase de ajustamento que exige do adolescente um espaço/tempo para que ele possa fazer uma mediação entre a ação provocada pelas mudanças fisiológicas e as influências da estrutura social em que está inserido, como o ajuste corporal promovido pelo crescimento puberal e a identificação de pares (LIRIO, 2012, p. 79).

Entendendo que a condição da adolescência envolve tanto questões fisiológicas quanto socioculturais inter-relacionadas e dependentes do contexto, procura-se, neste capítulo, tecer considerações sobre o modo como estas questões se dão na contemporaneidade, recortando-se assuntos-chave para esta dissertação: a alimentação e nutrição dos adolescentes e suas imbricações com questões da saúde e da corporeidade, destacando-se, também, conexões desses assuntos com a mídia, o consumo e o individualismo e privilegiando-se, sempre que possível, o olhar para a menina adolescente.

3.1. Consumo alimentar do adolescente brasileiro

Dados da “Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF 2008-2009” (POF 2008-2009) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apresentados na publicação “Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil” (IBGE, 2011), evidenciaram várias inadequações na alimentação dos adolescentes brasileiros. Observou-se, por um lado, alto consumo de alimentos que são marcadores negativos da dieta¹⁹ como biscoitos recheados, refrigerantes, linguiça, salsicha, mortadela, sanduíches, *pizza* e salgados e, por outro lado, reduzido consumo de alimentos marcadores positivos²⁰ da dieta como feijão, verduras, legumes, frutas e leite (IBGE, 2011).

Comparando-se o consumo dos adolescentes com o de adultos e de idosos, percebe-se uma quantidade bem maior de alimentos de baixa qualidade, intitulados *junk food* e *fast food*, na alimentação diária do adolescente; no caso de biscoitos recheados, por exemplo, o consumo dos adolescentes foi quatro vezes maior do que em adultos e vinte vezes maior do que em idosos. O alto consumo de frios, embutidos e salgados justifica os adolescentes terem apresentado as maiores médias de consumo de colesterol. O alto consumo de biscoitos recheados foi um dos principais responsáveis pelo consumo de açúcar pelos adolescentes ter sido o maior entre todas as faixas etárias, ficando 30% acima do consumo dos idosos e 15% acima do consumo dos adultos. O consumo de sucos, refrescos e refrigerantes, fontes importantes de açúcar de adição, também foi superior entre os adolescentes contribuindo para o maior consumo de açúcar observado; no caso dos refrigerantes, o consumo médio dos adolescentes foi mais do que o dobro do consumo de adultos e idosos (IBGE, 2011). O alto consumo de açúcar é

¹⁹ Alimentos com alto teor de açúcar de adição e/ou com alto teor de gordura saturada e/ou com alto teor de sódio e/ou com baixo teor de fibras são frequentemente utilizados como marcadores negativos da dieta (IBGE, 2011).

²⁰ Alimentos-fonte de micronutrientes de importância em saúde pública como ferro, ácido fólico, vitamina A, vitamina C, cálcio), alimentos-fonte de proteína, alimentos-fonte de fibras são frequentemente utilizados com marcadores positivos da dieta (IBGE, 2011).

preocupante, visto que representa um adicional calórico de baixo valor nutritivo; sobretudo, considerando-se que o consumo de alimentos com alto teor de ácidos graxos *trans*, um adicional calórico sem valor nutritivo, também foi excessivo.

Este consumo de alimentos calóricos com baixa densidade de nutrientes resulta na inadequação do consumo de várias vitaminas e minerais. Veiga *et al.* (2013), também, a partir de dados da POF 2008-2009, analisaram a prevalência de inadequação da ingestão de micronutrientes entre adolescentes brasileiros e constataram, independente de sexo, ingestão insuficiente de cálcio e vitamina E em quase 100% dos adolescentes; de fósforo e de vitamina A em dois terços dos adolescentes; de vitamina C em um terço dos adolescentes e ingestão excessiva de sódio em 70% dos adolescentes. Constataram, ainda, 24% de inadequação do consumo de ferro entre as adolescentes de 14 a 18 anos (IBGE, 2011). Estes dados são indicativos do consumo insuficiente dos grupos alimentares recomendados pelo Guia Alimentar para a População Brasileira (Guia Alimentar²¹), situação indesejável, visto que a adesão às recomendações do Guia Alimentar é um marcador importante de alimentação adequada (JUNIOR *et al.*, 2013). A inadequação da ingestão de cálcio, por exemplo, sugere um consumo insuficiente de alimentos do grupo “Leite e derivados”, visto que os principais alimentos-fonte deste mineral fazem parte deste grupo (leites, iogurtes e queijos); a inadequação da ingestão de ferro evidencia consumo insuficiente do grupo “Carnes e ovos” e do grupo “Feijões”, dois grupos que contêm alimentos-fonte de ferro (carnes bovinas, vísceras, feijão, lentilha, ervilha, entre outros), e a inadequação da ingestão de vitamina C evidencia insuficiência dos grupos “Frutas” e “Legumes e verduras”, considerando-se que estes grupos abarcam os principais

²¹“Instrumento informativo que define as diretrizes do País sobre alimentação saudável visando à promoção da saúde. Nota: elaborado com base no cenário epidemiológico-nutricional e no contexto socioeconômico e cultural do País, apresenta um conjunto de recomendações destinadas à população em geral e traduz os conhecimentos científicos sobre alimentação e nutrição em mensagens práticas, facilitando a seleção dos alimentos e orientando sobre a forma e a quantidade em que devem ser consumidos” (BRASIL, 2008, p.32).

alimentos-fonte de vitamina C (acerola, laranja, mexerica, tomate, pimentão, goiaba, caju, entre outros) (PHILIPPI, 2008; IBGE, 2011).

Outro dado importante da POF 2008-2009 foi sobre o consumo fora de casa, os adolescentes foram os que reportaram com maior frequência o consumo fora do lar (IBGE, 2011). Este dado apresenta concordância com a representação social que o comer fora de casa pode assumir para os jovens contemporâneos; muitas vezes representa independência, diferenciação social, identificação com o grupo e entretenimento (MOREIRA, 2010). Revela, também, a influência na vida cotidiana do adolescente de algumas marcas da contemporaneidade mencionadas no capítulo anterior: consumismo, individualismo e pressão temporal. O consumismo se expressa pela escolha do alimento-mercadoria globalizado; o jovem, como comenta Moreira (2010, p. 24), é “alvo constante da publicidade” e substitui cada vez mais a comida de casa (alimentos tradicionais da dieta do brasileiro como o arroz e o feijão, como evidenciado pela POF 2008-2009) pelo alimento-mercadoria, produtos culturais homogeneizados para consumo de massa, mais valorados por sua imagem e signo do que por sua qualidade (FISCHLER, 1998; CHAUI, 2008) (*junk food* e *fast food* apontados pela POF 2008-2009 como característicos do consumo dos adolescentes brasileiros). O individualismo e a pressão temporal se expressam pelo abandono da mesa, do garfo, da faca, do encontro com a unidade social familiar pelos alimentos em porções individuais, em embalagens descartáveis e para rápido consumo, ideais para se comer na frente da televisão e do computador.

Os resultados sobre o consumo alimentar dos adolescentes da POF 2008-2009 e o comportamento alimentar marcado pelo mercado de consumo, pelo individualismo e pela rapidez do consumo são muito preocupantes pelo comprometimento do crescimento e do desenvolvimento que podem causar e pelas relações que guardam com o excesso de peso, com as DCNT e com as doenças carenciais (IBGE, 2011), como abordado no próximo subtópico.

3.2. Implicações do hábito alimentar inadequado sobre a saúde

3.2.1. Deficiências nutricionais: obstáculos ao crescimento e desenvolvimento

As inadequações de ingestão de vitaminas e minerais (vitaminas A, C e E; ferro, cálcio e fósforo) relatadas por Veiga *et al.* (2013), são particularmente problemáticas na adolescência, visto que as demandas de nutrientes estão aumentadas nesta fase devido ao intenso crescimento e desenvolvimento (muscular, esquelético e endócrino principalmente) (VITOLLO, 2003).

As deficiências de nutrientes que mais preocupam nesta fase são as de cálcio, ferro, fósforo, zinco e de vitaminas A, C, D e E (VEIGA *et al.*, 2013; VITOLLO, 2003); sendo que as deficiências do cálcio e do ferro representam uma maior preocupação.

A demanda de ferro é alta na adolescência em vista do aumento expressivo do volume sanguíneo determinado pela construção da massa muscular (maior nos meninos) e das perdas férricas menstruais (nas meninas). A demanda aumentada e a inadequação da ingestão aumentam os riscos de anemia por deficiência de ferro, uma das doenças mais comuns na adolescência (prevalência de até 31% no Brasil) (DUARTE, 2009), a qual pode ser um obstáculo ao pleno crescimento e desenvolvimento do adolescente. A anemia pode prejudicar a resposta imunológica, reduzir a resistência à infecção, limitar a memória espacial resultando em queda do aprendizado e causar a mortalidade materna de forma indireta (DUARTE, 2009, UNICEF, 2011).

Em nenhuma fase da vida a necessidade de cálcio está tão aumentada, a ingestão adequada de desse nutriente na adolescência é fundamental para o alcance do pico da massa óssea e manutenção da integridade do esqueleto e consequente prevenção da osteoporose e fraturas na vida adulta (VEIGA *et al.*, 2013; VITOLLO, 2003).

Cabe destacar que as meninas adolescentes são mais vulneráveis a problemas nutricionais do que os meninos adolescentes, principalmente à anemia (UNICEF, 2011).

3.2.2. Excesso de peso e obesidade: relações com a saúde

O padrão de consumo alimentar dos adolescentes brasileiros²² justifica parcialmente o aumento do excesso de peso e da obesidade observados entre os adolescentes brasileiros (IBGE, 2011). O aumento do excesso de peso e da obesidade foi evidenciado pela publicação “Antropometria e Estado Nutricional de Crianças, Adolescentes e Adultos no Brasil”, também realizada a partir de dados da POF 2008-2009 (IBGE, 2010). A publicação mostrou que a prevalência de excesso de peso entre os adolescentes tem aumentado continuamente, sendo que, em relação a 34 anos atrás, aumentou em seis vezes no sexo masculino (passou de 3,7% para 21,7%) e quase três vezes no sexo feminino (passou de 7,6% para 19,4%), de modo que, atualmente, um quinto dos adolescentes brasileiros apresentam excesso de peso e, ressalta-se, que um quarto corresponde à obesidade (prevalência de 4,0% entre meninas adolescentes e de 5,8% entre meninos adolescentes).

A obesidade nos adolescentes tem uma ligação estreita com a obesidade nos adultos, ou seja, o adolescente obeso tem alta probabilidade de ser um adulto obeso (PINHO, 2012). Esta predisposição é bastante preocupante, visto que a obesidade associa-se à ocorrência das doenças cardiovasculares (DCV) (por exemplo, o infarto agudo do miocárdio e os acidentes vasculares cerebrais isquêmicos e hemorrágicos), as quais são as principais causas de morte na população brasileira em pessoas acima de 30 anos (MANSUR e FAVARATO, 2012).

²² Padrão apresentado no subtópico 3.1.

A obesidade preocupa por ser um forte fator de risco independente para as DCV, mas, também, por favorecer a ocorrência de outros fatores de risco primordiais para DCV: a hipertensão, o diabetes e as dislipidemias (DCNT prevalentes na população brasileira); fatores que podem ter sua origem na adolescência ou, mesmo, já ocorrer na adolescência (VITOLLO, 2003; SANTOS, 2008).

A obesidade, a hipertensão, o diabetes e as dislipidemias são considerados fatores de risco modificáveis, ou seja, que podem ser controlados através de mudanças no estilo de vida, tais como mudança nos hábitos alimentares (SANTOS, 2008). Assim, a construção de hábitos alimentares saudáveis e o controle da obesidade desde a adolescência são medidas fundamentais para prevenção da ocorrência destes fatores de risco na vida adulta, como contempla o “Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), 2011 – 2022” (BRASIL, 2011), documento no qual o Brasil firma compromissos de prevenção e cuidado com as DCNT. Neste documento, uma das metas estabelecidas para a prevenção das DCNT é a redução da prevalência da obesidade em adolescentes de 10 a 19 anos.

A obesidade na adolescência também tem sido correlacionada e problematizada quanto à antecipação da puberdade²³. Quanto à correlação, apesar da falta de consenso sobre as causas da puberdade precoce, a obesidade e a alimentação, estão despontando entre as principais causas. Em meninas, já está bem estabelecido o potencial do excesso de peso em provocar alterações hormonais que resultam em antecipação da primeira menstruação (CASTILHO *et al.*, 2012). Em relação à alimentação, estudos apontam que a função hormonal pode sofrer interferências de agrotóxicos presentes em alimentos diversos,

²³ No Brasil, o início da puberdade ocorre aos 9,7 anos em meninas e 10,7 anos em meninos; mas, estudos têm mostrado a antecipação da puberdade, em média, em 1-2 anos (ALVES *et al.*, 2007).

anabolizantes presentes em carnes e fitoestrógenos²⁴ (ALVES *et al.*, 2007). Rogers *et al.* (2010) verificaram uma relação entre a antecipação da menarca e o consumo alto de proteínas e de carnes. No tocante a problematização do início precoce da puberdade, a antecipação da puberdade pode comprometer o alcance total da estatura, aumentar o risco de desenvolvimento futuro de câncer de mama devido ao maior tempo de exposição das mulheres ao estrogênio durante a vida e gerar conflitos por causa do descompasso entre a prontidão biológica e o amadurecimento da personalidade e das competências sociais (ROGERS *et al.*, 2010, CASTILHO, 2012).

Em adição, o excesso de peso e a obesidade na adolescência preocupam, ainda, pelos problemas emocionais que podem ocasionar; manter a autoestima para o adolescente obeso é um grande desafio na sociedade atual que estigmatiza o obeso, cultua o corpo magro e malhado e fornece orientações contraditórias sobre e para o corpo (OLIVEIRA e HUTZ, 2010), principalmente, pela perspectiva de sua relação com a alimentação e nutrição. A cultura pós-moderna, sobretudo, através da mídia, promove o combate à obesidade por dois prismas, o da prevenção da saúde (importância das práticas alimentares saudáveis e as relações da obesidade com as outras DCNT) e o da estética (culto ao corpo magro) e, paralelamente e de modo contraditório, promove o consumo de alimentos industrializados, calóricos e rápidos (*fast food* e *junk food*) e um estilo de vida sedentário que, por sua vez, promovem a obesidade e as outras DCNT (SANTOS, 2001; VIANA, 2008; OLIVEIRA e HUTZ, 2010).

²⁴ Compostos presentes naturalmente em alguns alimentos, entre eles a soja, os quais têm uma estrutura química e atividade hormonal semelhante ao estrogênio que, por sua vez, é um hormônio ligado à puberdade (ALVES *et al.*, 2007).

3.2.3. Transtornos alimentares: imagem corporal e mídia

A questão corporal não é motivo de problemas emocionais apenas para o adolescente obeso. O corpo sofre mudanças profundas, complexas e rápidas durante a adolescência e a reapropriação da autoimagem transformada é gradual, o adolescente vive um conflito envolvendo o corpo que engloba um estranhamento em relação ao próprio corpo e um reconhecimento do corpo como elemento fundamental para a afirmação da identidade pessoal e o estabelecimento do indivíduo como sujeito social. O adolescente, como já abordado, busca a identificação com o grupo de amigos e integração no contexto social e, neste movimento, nutre a expectativa de atender ao padrão de beleza socioculturalmente construído (UNICEF, 2011).

Principalmente para as adolescentes, a questão da beleza é central, “a autoestima, o bem-estar subjetivo e a felicidade parecem estar diretamente relacionados ao ideal de corpo.” (OLIVEIRA e HUTZ, 2010, p.580). Muitas vezes, esta expectativa é acompanhada de ansiedades profundas em relação à imagem corporal e culmina em comportamentos alimentares inadequados como o seguimento de dietas restritivas podendo, sobretudo, nas meninas, contribuir para o aparecimento dos transtornos alimentares: anorexia nervosa e bulimia nervosa.

A anorexia nervosa e a bulimia nervosa são doenças psiquiátricas graves e de difícil tratamento que afetam, principalmente, mulheres entre 13 e 17 anos (BORGES *et al*, 2006). A incidência da anorexia é estimada entre 0,5% a 1% e da bulimia entre 1% a 3%; entretanto, sabe-se que nem todos os casos são diagnosticados e que distúrbios alimentares que atendem parcialmente os critérios de diagnóstico da anorexia e da bulimia são mais frequentes, estima-se que tenham uma incidência de 5% a 10% (OLIVEIRA e HUTZ, 2010).

Em linhas gerais, a anorexia se caracteriza pela perda intensa de peso secundária à recusa em se alimentar relacionada a uma distorção da imagem corporal e a bulimia pelo consumo de alimentos seguido de sentimentos de culpa

e medo de engordar que resultam em comportamentos como indução de vômito e uso de laxantes e diuréticos visando à perda de peso rápida (CAMPOS e HAACK, 2012). A anorexia nervosa pode ter sérias complicações clínicas, entre elas: desnutrição, desequilíbrios hidroeletrolíticos, anemia, osteopenia, constipação intestinal, diarreia, fadiga, queda de cabelo e amenorreia, podendo levar à morte. A bulimia pode resultar em complicações clínicas como gastrite, esofagite, desequilíbrios hidroeletrolíticos e irregularidade menstrual (BORGES *et al.*, 2006).

A anorexia nervosa e a bulimia nervosa têm etiologia multifatorial, envolvendo fatores individuais (biológicos e psicológicos), culturais e familiares; contudo, o aumento destas doenças na contemporaneidade tem sugerido que os fatores culturais tenham forte influência na determinação da ocorrência destas doenças (OLIVEIRA e HUTZ, 2010). Giordani (2009, p. 811), em estudo sobre a anorexia nervosa, também destaca o corpo na constituição da doença:

O corpo, que é o fundamento e a condição para participar do mundo social, aparece também como o alicerce para a experiência socialmente constituída da doença.

A mídia tem um papel fundamental no estabelecimento desta condição, principalmente através da publicidade²⁵ (SANTOS, 2001; VIANA, 2008; OLIVEIRA e HUTZ, 2010).

Outra evidência da relevância do caráter cultural nos transtornos alimentares é a presença na Internet de vários *sites*, *blogs*, comunidades, *chats*, entre outros, mantidos e frequentados por adolescentes do sexo feminino que se apresentam como espaços virtuais pró-anorexia, divulgando dietas restritivas, atitudes para perda de peso rápida (por exemplo, indução de vômito) ou para mascarar sinais e sintomas de suas práticas e, ainda, imagens de celebridades esqueléticas como modelo ideal de beleza corporal (FAVA e PERES, 2011). Os

²⁵ Os adolescentes foram descobertos de vez como consumidores nos anos 90, quando passaram a ser vistos não só como um segmento de mercado, mas também como modelos para outras gerações, pois o corpo jovem passou a representar um ideal de beleza tanto para a criança, como para o adulto (FISHLER, 1996).

conteúdos destes espaços virtuais pró-anorexia são potencialmente indutores de transtornos alimentares e, desse modo, perigosos para a saúde das adolescentes.

Apesar da presença na Internet de conteúdos potencialmente desfavoráveis à alimentação e nutrição e à saúde; a Internet configura-se como um espaço privilegiado para a comunicação da alimentação e nutrição com o adolescente, sobretudo pela presença marcante do adolescente brasileiro na rede²⁶ e pelo potencial de suas ferramentas. Na contramão dos espaços virtuais pró-anorexia, espaços com conteúdos favoráveis podem e devem ser criados, por exemplo, através de um jornalismo consciente que considere que o adolescente mais do que consumidor é um cidadão em uma fase rica, aberta a novos conhecimentos e debates e que, se bem informado, tem grande potencial de mudar hábitos e de promover transformação social e cultural (SCHOEN-FERREIRA, 2003).

²⁶ Em 2011, entre as mulheres de 10 a 19 anos, o percentual de usuários da Internet foi de 70,2%; o maior acesso entre todas as faixas etárias e sexo (IBGE, 2013).

CAPÍTULO 4

MATERIAL E MÉTODOS

Nesta investigação, foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, adotando-se por referencial metodológico técnicas de análises sistemáticas e objetivas do método *Análise do Conteúdo*²⁷ segundo Bardin (2011). As análises também foram embasadas por orientações teóricas e conceituais dos *Estudos Culturais*²⁸. Embora, o caráter da pesquisa seja qualitativo, dados quantitativos foram utilizados para auxiliar a compreensão do objeto de estudo.

O gênero midiático revistas femininas para adolescentes constituiu o universo para a escolha do objeto de análise. Primeiramente, foi realizado um levantamento dos três principais títulos de revistas brasileiras da categoria feminina jovem segundo circulação no ano 2012²⁹. Como mostrado na TABELA 1, verificou-se que a *Capricho*, a *Gloss* e a *Todateen*, nesta ordem, eram os três títulos com maior circulação no Brasil.

Tabela 1. Títulos de revistas e média de circulação por edição (mil) em 2012.

Título das revistas	Média de circulação por edição (mil)
<i>Capricho</i>	142,1
<i>Gloss</i>	132,0
<i>Todateen</i>	84,1

Fonte: GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO, 2013.

Após o levantamento inicial, as revistas *Capricho* e *Todateen* foram selecionadas para a pesquisa. A revista *Gloss* foi excluída por apresentar em seu perfil de leitoras uma percentagem maior de público adulto (67%) do que de

²⁷ Detalhado no item 4.3.

²⁸ Detalhado no item 4.4.

²⁹ Ano referente ao recorte temporal da pesquisa.

público adolescente (33%)³⁰ que é o foco desta dissertação. Verificou-se que as duas revistas selecionadas possuem, além da versão impressa, *site* oficial na Internet e perfis em redes sociais. Optou-se por excluir a versão impressa e escolher entre o *site* e as redes sociais, em atenção ao alto percentual de usuários adolescentes do sexo feminino na Internet³¹ e em razão do interesse em observar características digitais.

Por fim, através de uma visualização inicial dos *sites* e dos perfis nas redes sociais das revistas, verificou-se a presença no *site* de um conteúdo com maior possibilidade de análise textual do que nas redes sociais (textos mais extensos e detalhados) e optou-se por delimitar a pesquisa aos *sites* das revistas. Deste modo, os *sites* das revistas *Capricho*³² e *Todateen*³³ foram definidos como os objetos de análise da pesquisa.

4.1. Revistas: características gerais

4.1.1. *Capricho*

A revista impressa *Capricho* foi criada em 1952 pela Editora Abril S.A. inaugurando o segmento de publicação feminina da editora e do Brasil. A primeira versão da revista era dirigida ao público adulto jovem e tinha um conteúdo constituído inicialmente por fotonovelas. O conteúdo logo foi ampliado para moda, beleza, contos e variedades e a revista se estabeleceu com sucesso

³⁰Fonte: *Site* da Editora Abril. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/22/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

³¹ Em 2011, entre as mulheres de 10 a 19 anos, o percentual de usuários da Internet foi de 70,2%; o maior acesso entre todas as faixa etária e sexo (IBGE, 2013).

³² <http://capricho.abril.com.br/home/>

³³ <http://todateen.uol.com.br/>

no mercado atingindo, em 1956, a maior tiragem de uma revista da América Latina para a época (marca dos quinhentos mil exemplares) (GRUSZYNSKI, 2006).

Nos anos 70, com o sucesso das telenovelas e surgimento de outras revistas como a *Nova* (criada em 1973), a revista perdeu espaço e, então, começou a mudar a sua linha editorial voltando-se mais para moda, tendências e comportamento (GRUSZYNSKI, 2006).

O ano de 1985 é reconhecido como o início da *Capricho* com o perfil atual, visto que foi o ano no qual a revista tornou-se claramente voltada ao público adolescente feminino. De 1985 até hoje a revista passou por várias reformulações gráficas e editoriais (GRUSZYNSKI, 2006).

Nesta dissertação, interessa citar o reposicionamento editorial e de *marketing* ocorrido em 2006, quando houve o fortalecimento da presença da *Capricho* na Internet garantindo à revista uma aparência mais jovem e moderna (SILVA e OLIVEIRA, 2012). Em 2006, o *site* foi reformulado e passou a oferecer conteúdos exclusivos para Internet, convergência com mídias sociais e interação com o público, tornando-se o maior *site teen* do mundo³⁴.

Segundo dados recentes³⁵, a audiência do portal corresponde a 5.428,000 milhões de *unique visitors*³⁵ e 47.636,000 milhões de *page views*³⁶ e o perfil de seus usuários corresponde a 100% do sexo feminino, 97% com idade entre 10 a 19 anos e 80% das classes sociais A e B.

Em relação à estrutura, o *site* apresenta 11 seções e 38 subseções, onde são abordados os assuntos moda, beleza, ídolos, comportamento e outros temas diversos do mundo *teen*. O QUADRO 1 apresentado a seguir mostra o nome das seções e subseções.

³⁴ Informação do *site* da *Capricho*. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/capricho/sites/informacoes-gerais>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

³⁵ Visitantes únicos: número de usuários diferentes que visitaram um *site* em um determinado período de tempo.

³⁶ Visualização de páginas: página solicitada expressamente por ordem do usuário através de um clique ou um comando.

Quadro 1. Seções e subseções do *site* da *Capricho*.

Seções	Subseções
Famosos	Fofocas; Música; Cinema e TV.
Moda	Moda das famosas; Notícias e tendências; Dicas de estilo; Formatura; Look do dia.
Beleza	Maquiagem; Cabelo; Unhas; Corpo
Vida Real	Garotos; Amigas; Escola; Família; Sexo; Você; Micos; Olha o que ele fez; Namorar, pegar ou largar.
Blogs	15 anos; BBB; Blog da galera; Club do livro; Depois dos quinze; Disney & Orlando; It Girls; Karol Pinheiro; Louca por series; Não provoque; Radioactive Unicorns; Series of Serendipity; Sexo; SOS Corpo; Tech Girls; The blonde cherry.
Horóscopo	-
Testes	-
TV Capricho	-
Produtos CH	-
Assine	-
Promoção	-

Fonte: *Site* da *Capricho*, 2014. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/home/>>. Acesso em: 12 maio 2014.

4.1.2. *Todateen*

A revista impressa *Todateen* foi criada em 1995 pela Editora Alto Astral e desde o seu início teve como público-alvo as adolescentes. Embora tenha passado por reformulações gráficas e editoriais, a revista sempre manteve o mesmo conceito editorial, sendo relevante para esta dissertação, citar a criação do *site* da *Todateen* em 2004 (ano no qual as vendas da revista impressa superaram 26 milhões de exemplares) e a convergência para mídias sociais em 2011. O *site* apresenta conteúdo próprio, mas segue a mesma linha editorial da versão impressa abordando, com um linguajar informal e na posição de companheira da internauta, assuntos como ídolos, música, beleza, moda, comportamento e games (GIORGI, 2012).

De acordo com dados do *site*³⁷ da *Todateen*, a audiência mensal do *site* é de 653.000 *unique visitors* e de 3 863.000 *page views* e o perfil do usuário tem as seguintes características: 99% do sexo feminino, idade entre 12 e 17 anos (43% entre 12 e 14 anos e 37% entre 15 e 17 anos) e classes A, B e C.

A estrutura do *site* com 10 seções e 42 subseções é apresentada a seguir no QUADRO 2.

Quadro 2. Seções e subseções do *site* da *Todateen*.

Seções	Subseções
Teenweek	-
Toda Diva	It girl; Batalha dos Looks; Beleza; Moda; Make; Unhas.
Papo BFF	Meu mundo; Amor; Amizade; Paquera; Papo sério.
Gatos	Meus ídolos; Mundo dos meninos; Duelo de gatos.
Blogs	Da redação; Toda tech; Ler é TDB!; Sou assim todateen; Garotas todateen; Aos 18.
Testes	-
Promoções	-
Fun	Games; Cinema e TV; Vídeos; Fotos; Downloads
Astral	Previsão do dia; Combinação de signos; Combinação de nomes; Tarô; Perfil dos signos; No maior astral.
Vc na tt	OH Boy; Cartas; Pet Paixão; Mural; Fale com a gente; Fashion help; Micos & CIA; Dilema; Papo Íntimo; Desafio Todateen.

Fonte: *Site* da *Todateen*. Disponível em: <<http://todateen.uol.com.br/>>. Acesso em: 12 de mar. 2012.

4.2. Seleção do *corpus* da pesquisa

A seleção do *corpus*³⁸ da pesquisa foi norteadada por dois critérios principais: utilização de palavras-chave relacionadas ao tema alimentação e nutrição e o recorte temporal. As palavras-chave escolhidas foram: alimentação, alimento(s), anorexia, bulimia, cardápio(s), comer, nutrição, comida(s),

³⁷ Informação obtida no *site* da *Todateen*. Disponível em: <<http://altoastral.com.br/2011/index.php/publicidade/>>. Acesso em: 06 jun 2014.

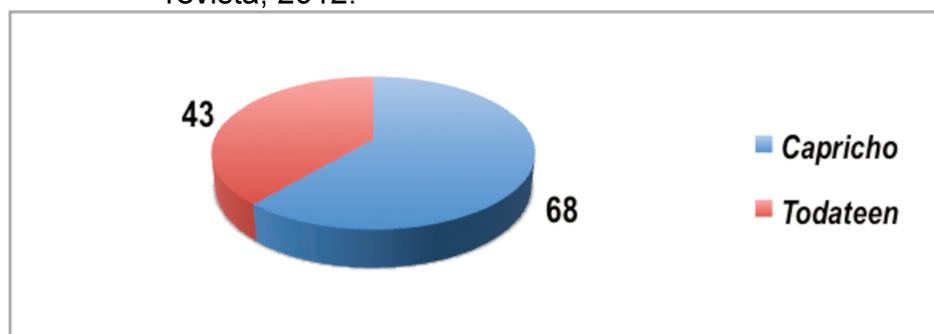
³⁸ “O *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p. 126).

desnutrição, dieta(s), emagrecer, engordar, gorda(s), magra(s), magreza, nutrição, obesidade, peso, receita(s) e sobrepeso.

Foi definido o recorte temporal de 01 de janeiro de 2012 a 31 de dezembro de 2012. O ano de 2012 foi escolhido por ser o ano de ingresso no curso de mestrado. O recorte de um ano foi estabelecido com base em uma avaliação geral do conteúdo dos *sites* que indicou que a ampliação temporal não resultava em ganhos analíticos por causa da repetição anual de temas e dos formatos das matérias.

A seleção do *corpus* foi realizada pela digitação de cada uma das palavras-chave no campo de busca presente no *site* de cada revista seguida da seleção dos textos postados em 2012, resultando em 68 textos da revista *on-line Capricho* e 43 da revista *on-line Todateen* com possibilidade de análise, de modo que o *corpus* foi constituído por 111 textos (GRÁFICO 1).

Gráfico 1. Distribuição numérica dos textos do *corpus* segundo revista; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Vale ressaltar que, como não era o objetivo desta pesquisa analisar as imagens, estas não foram incluídas no *corpus*. Os comentários de usuários e *hiperlinks* também não foram incluídos no *corpus*, mas foram observados (apenas a ocorrência foi verificada).

Os títulos dos textos do *corpus* segundo revista e data de postagem são listados no QUADRO 3 (títulos dos textos da revista *on-line Capricho*) e no QUADRO 4 (títulos dos textos do *corpus* da revista *on-line Todateen*).

Quadro 3 – Título, dia e mês de postagem dos textos do *corpus*; *Capricho*; 2012.
(continua)

Título	Data
10 hábitos que fazem bem para a sua pele	03/ 06
3 maneiras de prevenir as espinhas	23/ 10
3 receitas quentinhas para o frio	04/ 05
4 alimentos que causam celulite	10/ 07
4 receitas deliciosas de bolo com frutas	21/ 09
4 receitas juninas deliciosas!	23/ 06
4 receitas lights e divertidas para o Halloween!	30/ 10
4 receitas saudáveis (e deliciosas) com frutas!	20/ 08
5 dicas para gostar mais do seu corpo	02/ 05
5 receitas de petiscos (lights!) para o feriado!	11/10
6 passos para organizar uma festa com as amigas!	10/ 02
7 alimentos que te ajudam a manter o peso	31/05
7 dicas para deixar suas unhas mais fortes	14/ 08
7 passos para chapar a barriga	16/ 03
8 mitos e verdades sobre dietas	30/ 11
9 dicas para ter um sorriso lindo	19/ 04
9 truques pra quem quer ficar em forma	15/ 11
Aprenda a fazer 3 receitas gostosas (e fáceis!) no liquidificador	27/ 05
As espinhas estão acabando com minha autoestima! ☹	12/ 09
Até que idade a gente cresce?	10/ 05
Bruna Marquezine fala sobre amigos, Lurdinha e amor à Capricho!	29/ 11
Checklist: você sabe comer direito?	25/ 09
Checklist: você sabe tudo sobre menstruação?	09/ 11
Como acabar com a celulite?	15/ 03
Como acabar com a gordura que fica na lateral da barriga?	29/ 08
Como acabar com as estrias?	04/ 03
Como é a sua relação com a comida?	08/ 02
Como fazer: bolo arco-íris!	31/ 05
Como fazer: cakepops, bolinhos no palito!	24/ 08
Como fazer: cookies de Nutella	29/ 06
Como fazer: fondue de queijo light	13/ 07
Como ficar com o bumbum mais durinho	27/ 04
Como lidar com a TPM?	26/ 04
Como reduzir as minhas olheiras?	26/ 06

Quadro 3 – Título, dia e mês de postagem dos textos do *corpus*; *Capricho*; 2012.
(continuação)

Demi Lovato arrasa em show em São Paulo!	01/ 10
Demi Lovato: 7 frases inspiradoras da diva	17/ 04
Depoimento de leitora: “Perdi 13 kg em um ano”	13/ 12
Descubra que dieta é perfeita para você	22/ 07
Detox pós-Natal para encarar o biquíni	27/ 12
Drinque de festa: smoothie de melancia!	08/ 02
É normal ter mais espinhas no verão?	04/ 12
Eu quero engordar	09/ 04
Faltam 3 dias para a Fuvest! Saiba como se preparar!	22/ 11
Festa à fantasia: dicas para comemorar seus 15 anos de uma forma diferente!	17/ 08
Lady Gaga responde crítica a seu peso revelando sofrer de bulimia e anorexia!	26/09
Lição das famosas: família, como lidar?	10/ 04
Linda na praia: o projeto verão começa agora!	25/ 07
Lucy Hale revela: “Às vezes passava dias sem comer”!	09/ 08
Meu cabelo cai demais, isso é normal?	19/ 09
Minha amiga se acha gorda	13/ 05
O que suas unhas dizem sobre você?	01/ 04
Óleo de coco emagrece?	30/ 04
Para a sua festa: cookie com recheio de sorvete!	09/ 03
Para secar as gordurinhas	10/ 12
Quero crescer!	07/ 08
Receitinhas de verão para fazer com as amigas!	21/ 12
Robert Pattinson posa para a revista “BlackBook”. Veja fotos!	24/ 07
Sabotadores da dieta – parte 1	08/ 03
Sabotadores da dieta – parte 2	11/ 03
Será que eu vou ficar menstruada?	30/ 07
Tira-dúvidas: como fazer o cabelo crescer mais rápido?	28/ 12
TPM: 4 mitos e 3 verdades	04/ 12
Troca-troca inteligente: café da manhã	07/ 12
Troca-troca inteligente: faça as escolhas certas em casa	15/ 04
Viagem dos sonhos: Berlim!	16/ 06
Viagem dos sonhos: Roma!	12/ 08
Viagem dos Sonhos: Sul da França!	22/ 09
Você sabe seguir uma dieta?	21/ 11

Fonte: PURCINO, 2014.

Quadro 4 – Título, dia e mês de postagem dos textos do *corpus*; *Todateen*; 2012.

Título	Data
15 produtos e sete dicas para suavizar olheiras	23/ 04
5 tratamentos estéticos para o verão	19/ 01
Alimentos que deixam a pele bonita o ano todo	29/ 09
Ao lado de Liam Hemsworth, Miley Cyrus exhibe corpão!	28/ 06
Atitudes para o garoto não perder o interesse nas férias	26/ 11
Beyoncé emagreceu 27Kg depois da gravidez!	29/ 05
Big Time Rush e The Wanted fazem exigências para o camarim do Z Festival	15/ 09
Caroline Bittencourt fala de moda de inverno e beleza	21/ 01
Como combater a celulite	21/ 09
Como evitar e suavizar as olheiras	18/ 07
Como ter cabelos brilhantes e saudáveis	31/ 08
Conheça a cantora Marina and The Diamonds	29/ 10
Conheça os tratamentos contra estrias	11/ 06
Demi Lovato não uso o celular há 3 meses!	17/ 07
Descubra as causas das olheiras e o tratamento adequado	01/ 02
Dicas para cabelos tingidos	17/ 02
Dicas úteis para ir a shows e festivais	25/ 01
Fãs jogam salsichas em Lady Gaga durante show em Barcelona	09/ 10
Gusttavo Lima só come uma vez por dia!	09/ 05
J. Lo, sua poderosa!	22/ 06
Jennifer Lawrence revela que não vai emagrecer	11/ 11
Lady Gaga revela luta contra anorexia e bulimia	26/ 09
Liam Hemsworth fala sobre as qualidades de Miley Cyrus!	24/ 07
Luan Santana garante: “não engordei nem um grama”	10/ 11
Lucy Hale, de “Pretty Little Liars”, passava dias sem comer!	09/ 08
Luisa Mell fala sobre sua causa com os animais	21/ 01
Manual de sobrevivência para quem ama e para quem odeia o carnaval	31/ 01
Maurren Maggi vai ao desfile da Cavalera no SPFW	25/ 01
Miley Cyrus desabafa sobre mudanças de peso!	04/ 06
Mitos e verdades sobre acne	29/ 05
Modelo fala sobre a rotina em época de Fashion Rio	25/ 05
Nicole Scherzinger já sofreu com distúrbios alimentares	05/ 10
Obesidade e depressão. Elas podem estar ligadas!	20/ 08
Pele muito oleosa ou ressecada? Veja como tratar!	01/ 10
Perfil: Anahi	09/ 02
Rihanna quer ter seu bumbum de volta	19/ 03
Segredos dos grandes salões para cada tipo de cabelo	02/ 05
Seguidores de Lady Gaga acusam cantora de incentivar anorexia!	15/ 04
Tratamento de açaí da cabeça aos pés	26/ 05
Tratamento de beleza com chocolate	05/ 04
Truques para disfarçar as imperfeições das unhas	05/ 09
Tudo sobre menstruação	03/ 07
Você sabe o que é acne?	23/ 01

Fonte: PURCINO, 2014.

4.3. Análise do Conteúdo

O método *Análise do Conteúdo* é composto por técnicas que possibilitam uma leitura aprofundada das comunicações e tem por princípio que as mensagens guardam significados ocultos nem sempre revelados por uma leitura aparente, como comenta Bardin (2011, p. 34):

[...] apelar para esses instrumentos de investigação laboriosa de documentos é situar-se ao lado daqueles que, de Durkheim a P. Bourdieu passando por Bachelard, querem dizer não “à ilusão da transparência” dos fatos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea [...] lutar contra a evidência do saber subjetivo, destruir a intuição em proveito do “construído”, resistir a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais, mas que somente atinge a projeção da sua própria subjetividade.

Bardin (2011) afirma, ainda, que se deve aceitar o caráter provisório das hipóteses não se prendendo às primeiras impressões e esclarece que não se deve levar em conta apenas o caráter representacional do código (algo nas palavras que permite ter indicadores válidos sem que sejam consideradas as circunstâncias), mas que, também, se deve considerar o caráter instrumental da mensagem, ou seja, a informação veiculada pelos dados do contexto e das circunstâncias que envolvem a mensagem.

O desenvolvimento da *Análise do Conteúdo* (BARDIN, 2011) é estruturado em três fases:

- **Fase descritiva:** enumeração das características do texto de forma objetiva, sistemática e quantitativa, que permite que sejam evidenciados indicadores;
- **Fase inferencial:** dedução lógica de conhecimentos dos conteúdos realizada através de indicadores (quantitativos ou não) que permitem a

inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens;

- **Fase interpretativa:** significação das características.

Quanto à fase inferencial, a inferência é como uma operação lógica, uma proposição é admitida em vista de sua relação com outras proposições já estabelecidas como verdadeiras, sendo que, os saberes deduzidos podem ser de natureza diversa (psicológica, sociológica, cultural, etc.) (BARDIN, 2011).

A análise categorial constituiu-se na principal técnica da *Análise do Conteúdo* utilizada nesta pesquisa, a qual se estrutura a partir da escolha de categorias que permitem a classificação e agregação do conteúdo do *corpus* da pesquisa. As categorias representam classes que reúnem um grupo de elementos em função de características comuns, como explica Bardin (2011, p. 43):

A técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir alguma ordem na confusão inicial [...] tudo depende, no momento da escolha dos critérios de classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar.

Para a escolha das categorias deve-se respeitar às seguintes regras (BARDIN, 2011):

- **exclusão mútua** – cada elemento só pode existir em uma categoria;
- **homogeneidade** – para definir uma categoria, é preciso haver só uma dimensão na análise;
- **pertinência** – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa e às questões norteadoras;
- **objetividade e fidelidade** – se as categorias forem bem definidas, se os índices e indicadores que determinam a entrada de um elemento numa categoria forem bem claros, não haverá distorções devido à subjetividade dos analistas;

- **produtividade** – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos.

Vale ressaltar que embora a *Análise do Conteúdo* tenha regras de base, é um método muito empírico que não é constituído de procedimentos metodológicos definidos e fechados e, de acordo com a área do conhecimento estudada e os objetivos pretendidos, pode sofrer adaptações (BARDIN, 2011).

4.3.1. Categorização e sistematização dos dados textuais

Foram construídas grades analíticas com categorias e subcategorias de acordo com os interesses da investigação. As grades foram agrupadas em três núcleos intitulados “ESTRUTURA”, “ASSUNTO” e “ENQUADRAMENTO”. O NÚCLEO ESTRUTURA foi composto por grades analíticas direcionadas à descrição de elementos da composição do texto jornalístico, como mostra a FIGURA 1.

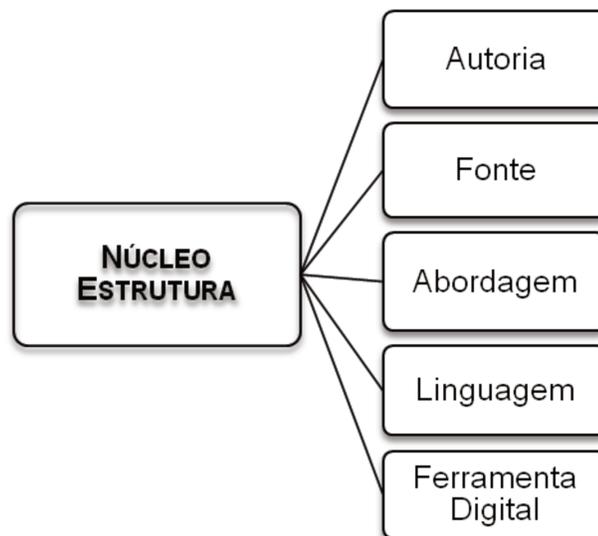


Figura 1. NÚCLEO ESTRUTURA e respectivas grades analíticas.
Fonte: PURCINO, 2014

O NÚCLEO ASSUNTO foi construído com grades analíticas que objetivaram a verificação da presença nos textos de assuntos relacionados ao tema alimentação e nutrição no campo da saúde e da promoção da alimentação saudável. Na FIGURA 2 são mostradas as grades do NÚCLEO ASSUNTO.

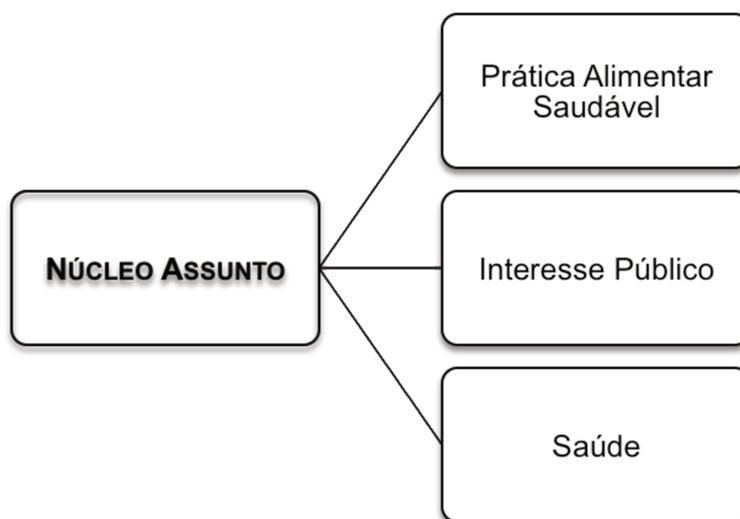


Figura 2. NÚCLEO ASSUNTO e respectivas grades analíticas
Fonte: PURCINO, 2014

Para a construção das categorias do NÚCLEO ASSUNTO foram consideradas as diretrizes e as recomendações do *Guia Alimentar para População Brasileira* (BRASIL, 2006b) e do Plano de Ações Estratégicas das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) 2011-2022 (BRASIL, 2011). Na grade “Prática alimentar saudável”, foram distribuídas nas categorias as informações encontradas nos textos do *corpus* consideradas potencialmente promotoras da alimentação saudável e adequada como, por exemplo, o incentivo ao consumo de frutas.

O NÚCLEO ENQUADRAMENTO foi construído com grades analíticas voltadas para o propósito de identificar ações, posições ou visões relacionadas à

alimentação e à nutrição nas mensagens dos textos. A FIGURA 3 mostra o NÚCLEO ENQUADRAMENTO com suas respectivas grades.

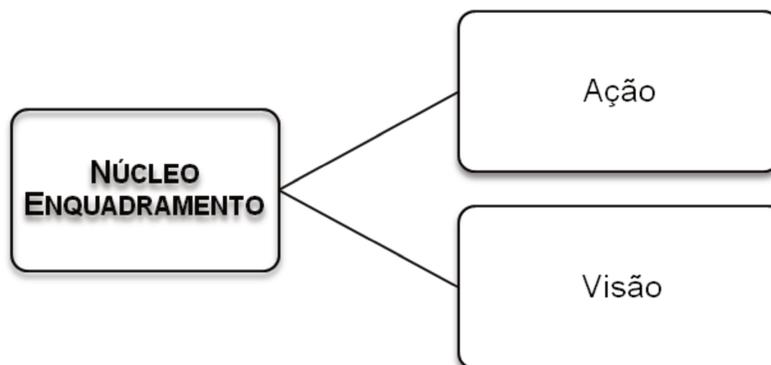


Figura 3. NÚCLEO ENQUADRAMENTO e respectivas grades analíticas

Fonte: PURCINO, 2014

As grades de análises foram construídas com categorias e subcategorias abrangentes visando uma alta produtividade através da apreensão de inferências diversas a partir dos diferentes gêneros de textos contidos nos *corpus* (receitas, notícias, matérias, etc.); entretanto, vale explicar que devido à heterogeneidade dos textos, conteúdo pouco extenso ou pouco aprofundado de alguns textos e dificuldade em precisar o caráter de alguns conteúdos, a pertinência de algumas categorias foi reduzida para alguns textos, sendo necessário a inclusão da subcategoria “Não se aplica”; por exemplo, o conteúdo de algumas notícias não forneceram indicadores suficientes ou forneceram indicadores imprecisos para inferência de ações e visões presentes na mensagem, optando-se por classificar o texto na subcategoria “Não se aplica”.

Nos quadros apresentados a seguir, são descritas as categorias e subcategorias das grades analíticas de cada núcleo (QUADRO 5, QUADRO 6 e QUADRO 7).

Quadro 5. Grades, categorias e subcategorias do NÚCLEO ESTRUTURA.

Grade	Categoria	Subcategoria
AUTORIA	<i>Autoria</i>	Jornalista
		Redação
		Cientista ou especialista
		Internauta
		Outros
FONTE	<i>Fonte de informação</i>	Cientista ou Instituição científica
		Publicação científica
		Publicação não científica
		Profissional da saúde ³⁹
		Profissional da estética
		Celebridade
		Empresa
	<i>Função das fontes</i>	Internauta
		Dar crédito
		Ratificar
		Contradizer
		Acrescentar
		Relato pessoal
ABORDAGEM	<i>Tipo de abordagem textual⁴⁰</i>	Factual
		Contextual restrito
		Contextual amplo
LINGUAGEM	<i>Termo linguístico (uso e sentido)</i>	Senso comum sem prejuízo
		Senso comum com prejuízo
		Genérico sem prejuízo
		Genérico com prejuízo
		Técnico-científico sem explicação
		Técnico-científico e sentido correto
		Técnico-científico e sentido errado
		Não se aplica ⁴¹
FERRAMENTA DIGITAL	<i>Hiperlink</i>	Presente
		Ausente
	<i>Comentário (maior que 10)</i>	Presente
		Ausente

Fonte: PURCINO, 2014

³⁹A subcategoria “Profissional da saúde” foi dividida nas subcategorias: “enfermeiro”, “fisioterapeuta”, “médico”, “nutricionista”, “psicóloga” e “outro”.

⁴⁰Crítérios para inclusão na categoria: **factual** (superficial: ausência de fontes relevantes, contextualização e pontos de vista diferentes); **contextual restrito** (pouco aprofundada: pelo menos uma fonte de informação relevante ou contextualização ou com presença de pontos de vista diferentes) e **contextual amplo** (aprofundada: combinação de citação de uma ou mais fontes, com contextualização e com presença de pontos de vista diferentes).

⁴¹ Categoria para classificação de textos que apesar de abordarem o tema alimentação e nutrição não apresentam termos linguísticos capazes de produzir maiores questionamentos.

Quadro 6. Grades, categorias e subcategorias do NÚCLEO ASSUNTO.

Grade	Categoria	Subcategoria
PRÁTICA ALIMENTAR SAUDÁVEL	<i>Consumo do grupo das frutas</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo do grupo das hortaliças</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo do grupo dos feijões, oleaginosas e sementes</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo do grupo dos carboidratos</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo do grupo do leite</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo do grupo das carnes e ovos</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo equilibrado de todos os grupos alimentares</i>	presente ou ausente
	<i>Ingestão de água</i>	presente ou ausente
	<i>Limite ou melhora do consumo de gorduras</i>	presente ou ausente
	<i>Limite do consumo de sódio</i>	presente ou ausente
	<i>Limite do consumo de açúcar</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo preferencial de alimentos naturais</i>	presente ou ausente
	<i>Comportamento alimentar adequado</i>	presente ou ausente
	<i>Variedade alimentar</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo de alimentos orgânicos</i>	presente ou ausente
	<i>Consumo fracionado</i>	presente ou ausente
INTERESSE PÚBLICO	<i>Sustentabilidade</i>	presente ou ausente
	<i>Modificação genética</i>	presente ou ausente
	<i>Regulação da publicidade de alimentos</i>	presente ou ausente
	<i>Regulação da rotulagem de alimentos</i>	presente ou ausente
	<i>Regulação da merenda escolar</i>	presente ou ausente
	<i>Uso de agrotóxicos/ fertilizantes/ hormônios</i>	presente ou ausente
	<i>Acordo com a indústria: reduzir sódio/ gordura/ açúcar</i>	presente ou ausente
	<i>Papel da sociedade quanto à alimentação saudável</i>	presente ou ausente
<i>Direito à alimentação adequada e segura</i>	presente ou ausente	
SAÚDE	<i>Problema de saúde</i>	Baixo peso
		Excesso de peso e obesidade
		Transtorno alimentar
		Anemia
		DCNT
		Acne

Fonte: PURCINO, 2014

Quadro 7. Grades, categorias e subcategorias do NÚCLEO ENQUADRAMENTO.

Grade	Categoria	Subcategoria
AÇÃO	<i>Centralidade do tema alimentação e nutrição</i>	Principal
		Secundária
	<i>Dimensão predominante do tema alimentação e nutrição</i>	Biológica
		Emocional/ comportamental
		Sociocultural
		Política/ econômica
	<i>Campo predominante do tema alimentação e nutrição</i>	Promoção de saúde ou prevenção de doenças
		Crescimento e desenvolvimento do adolescente
		Perda ou ganho de peso
		Beleza estética
		Entretenimento ou prazer
		Não se aplica
	<i>Ação predominante da mensagem sobre alimentação e nutrição</i>	Sugere diagnóstico
		Avalia consumo
		Informa sobre a importância para saúde
		Informa sobre a importância para beleza
		Indica ou contraindica consumo para beleza
		Indica ou contraindica consumo para saúde
		Indica ou contraindica consumo para perda de peso
		Informa sobre composição ou rótulo
Informa sobre propriedades nutricionais ou funcionais		
Crítica à alimentação inadequada		
Promove alimentação inadequada		
Esclarece sobre mitos e tabus		
Incentiva à prática culinária		
Debata tema de interesse público		
Faz publicidade de alimento ou serviço		
Indica ou valoriza produtos dietéticos		
Indica ou valoriza complementos ou suplementos		
Não se aplica		
VISÃO	<i>Concepção predominante sobre alimentação e nutrição</i>	Reeducação alimentar/ Alimentação saudável
		Dieta/ Prescrição dietética
		Alimentação livre
		Não se aplica
	<i>Visão sobre a ciência relacionada à nutrição</i>	Exagera potencial
		Considera limitação
	<i>Sentimento predominante associado à alimentação e nutrição</i>	Satisfação com alimentação saudável
		Sofrimento com alimentação saudável
		Satisfação com dieta
		Sofrimento com dieta ou transtorno alimentar
		Satisfação com alimentação livre ou inadequada
		Culpa com alimentação livre ou inadequada
	Não se aplica	
<i>Responsabilização do usuário por problemas alimentares</i>	Presente	
	Ausente	

Fonte: PURCINO, 2014.

As grades analíticas e respectivas categorias e subcategorias foram estruturadas no editor de planilhas *Microsoft Office Excel*[®]. A seguir, os textos foram lidos, codificados com números e sistematizados. Foi realizada uma nova leitura aprofundada dos textos para identificação e distribuição dos conteúdos na planilha segundo categoria e subcategorias.

4.4. Estudos Culturais: referencial teórico para interpretação dos dados

Considerando que orientações teóricas e conceituais da área dos *Estudos Culturais* foram tomadas como referencial para a interpretação dos dados da pesquisa, algumas observações sobre esta área são apresentadas a seguir para a melhor compreensão de como estas orientações influenciaram a leitura dos textos do *corpus*.

A área dos *Estudos Culturais* não apresenta um repertório conceitual e metodológico consensual, foi criada na convergência de pensadores dos mais diversos espaços e formações acadêmicas tendo como denominador comum o entendimento da cultura de uma forma ampla e central (assunção de todas as práticas cotidianas como expressões culturais) (MARTINO, 2012).

É um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea (ESCOSTEGUY, 1998, p. 88).

Desse modo, ter nesta dissertação os *Estudos Culturais* como referencial, não significa adotar métodos e ferramentas específicas desta corrente, significa orientar-se por estudos desta área e admitir a cultura como central para a compreensão do conteúdo midiático estudado como preconizado no trecho a seguir (HALL, 1997, p. 13):

O que aqui se argumenta, de fato, *não* é que “tudo é cultura”, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural.

A partir desta perspectiva, a teoria cultural passa a contemplar novos objetos de estudo presentes nas práticas culturais, como indica Eagleton (2010, p. 52):

A teoria cultural estava lá para lembrar a esquerda tradicional o que ela havia menosprezado: arte, prazer, gênero, poder, sexualidade, linguagem, loucura, desejo, espiritualidade, a família, o corpo, o ecossistema, o inconsciente, etnicidade, estilo de vida, hegemonia.

Pensando na análise textual, por exemplo, a consideração da cultura e dos novos objetos de estudo muda a leitura textual. De acordo com Johnson (2006, p.75):

O “texto” não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis.

Além de assumir a centralidade da cultura e abarcar as contribuições dos *Estudos Culturais*, é preciso contextualizá-la na sociedade contemporânea, visto que, “a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis” dentro das transformações da globalização impulsionadas pela revolução cultural e da informação (HALL, 1997, p.4). Eagleton (2010, p. 90), em consonância com Hall (1997), comenta o caráter central e mutante da cultura:

Agora é a cultura, não Deus nem a Natureza, que é o fundamento do mundo. Não é, com certeza, um fundamento dos mais estáveis, dado que as culturas mudam e há muitas variedades delas.

Assim, nesta pesquisa, a análise dos resultados foi realizada na perspectiva dos estudos culturais considerando-se as reflexões teóricas sobre as marcas e as tendências da sociedade contemporânea debatidas no capítulo 2.

CAPÍTULO 5

RESULTADOS

Neste capítulo da dissertação são apresentados os resultados de acordo com os núcleos de análise. Os resultados são apresentados separados por revistas de forma paralela, não comparativa. A comparação das revistas não foi objeto desta pesquisa, pois apesar das revistas serem similares, durante a análise do *corpus*, observou-se diferenças importantes entre as amostras de textos das duas revistas, as quais poderiam gerar inconsistência na análise comparativa.

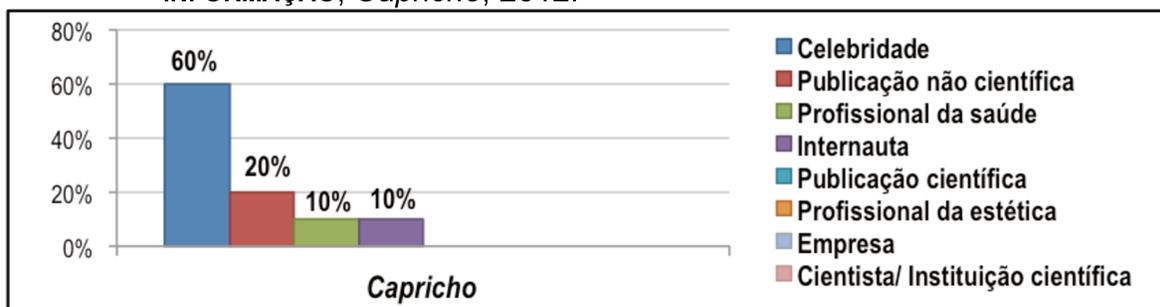
5.1. Núcleo estrutura

Os textos do *corpus* de ambas as revistas foram assinados por jornalistas (82,3% na *Capricho* e 79,0% na *Todateen*) ou pela redação (17,7% na *Capricho* e 21,0% na *Todateen*). Cientistas, especialistas e internautas não confeccionaram nenhuma matéria.

Observou-se que apenas 10 textos da revista *Capricho* (14,7%) apresentaram fontes de informação e que a maior parte dos textos da revista *Todateen*, 38 textos (90,7%), apresentou fontes de informação. As celebridades constituíram a fonte de informação preferencial dos textos das duas revistas e a segunda fonte de informação mais prevalente variou entre as revistas: foram os profissionais da saúde na *Todateen* e publicações não científicas na *Capricho*. As subcategorias INTERNAUTA e PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA foram observadas apenas na *Capricho* e a categoria PROFISSIONAL DA ESTÉTICA somente foi verificada na

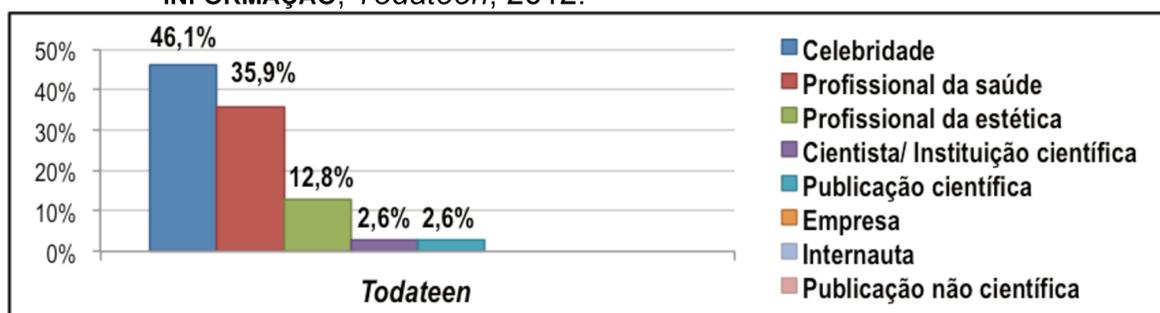
Todateen. A distribuição dos textos com indicação de fonte segundo a categoria FONTE DE INFORMAÇÃO é apresentada no GRÁFICO 2 e no GRÁFICO 3.

Gráfico 2. Distribuição percentual dos textos segundo categoria FONTE DE INFORMAÇÃO, *Capricho*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Gráfico 3. Distribuição percentual dos textos segundo categoria FONTE DE INFORMAÇÃO, *Todateen*; 2012.

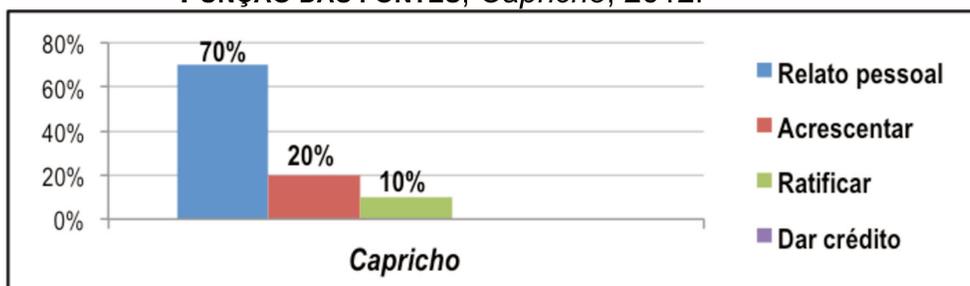


Fonte: PURCINO, 2014.

A decomposição da subcategoria PROFISSIONAL DA SAÚDE segundo tipo de profissão revelou que o médico foi a fonte de informação principal: 100% (n=1) na *Capricho* e 85,7% (n=12) na *Todateen*. Na amostra da *Todateen* o nutricionista e o psicólogo também foram fontes, mas em apenas um texto cada (7,1%).

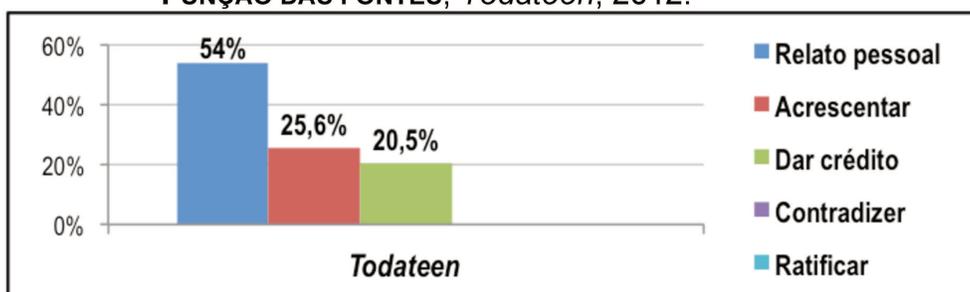
A principal função das fontes foi relatar experiências pessoais. Em menor proporção, foram encontradas fontes com função de acrescentar novas informações; ratificar a informação do autor (*Capricho*) e conferir credibilidade à informação (*Todateen*). Não foi encontrada nenhuma fonte com a função de trazer o contraditório. Estes resultados são mostrados no GRÁFICO 4 e no GRÁFICO 5.

Gráfico 4. Distribuição percentual dos textos segundo categoria FUNÇÃO DAS FONTES; *Capricho*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

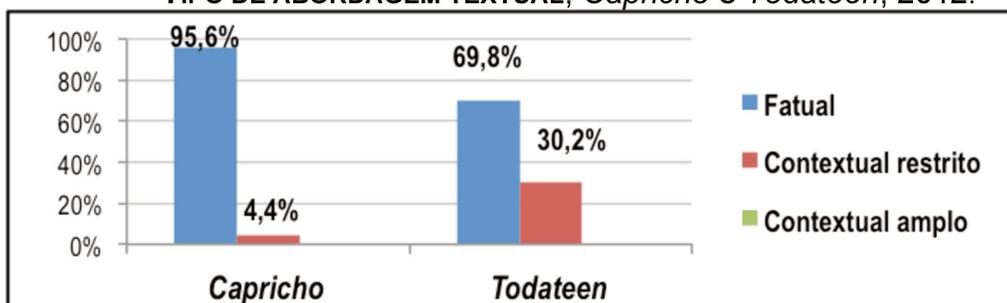
Gráfico 5. Distribuição percentual dos textos segundo categoria FUNÇÃO DAS FONTES; *Todateen*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

A abordagem dos textos foi sobretudo fatural e não foi observada nenhuma abordagem amplamente contextualizada como indica o GRÁFICO 6:

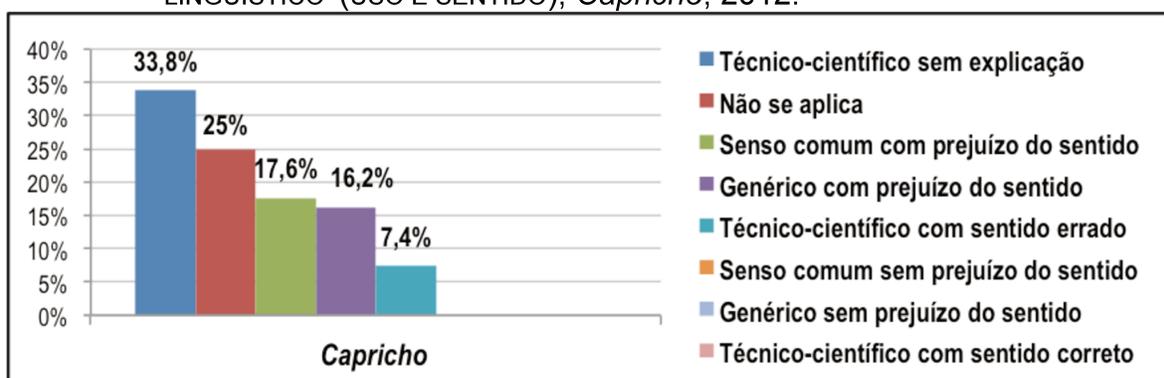
Gráfico 6. Distribuição percentual dos textos segundo categoria TIPO DE ABORDAGEM TEXTUAL; *Capricho* e *Todateen*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

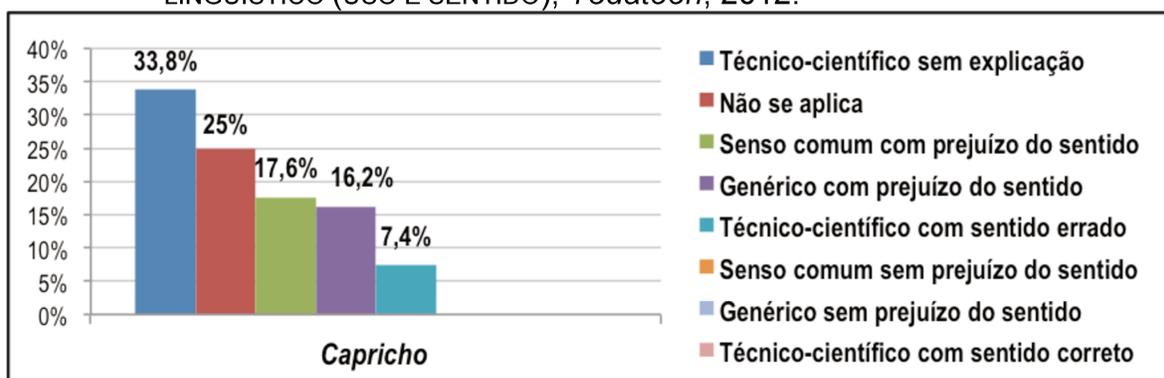
Quanto aos termos linguísticos observados no *corpus*, os mais frequentes foram, em primeiro lugar, os termos técnico-científicos sem explicação (33,8% na *Capricho* e 30,2% na *Todateen*); em segundo lugar, os termos genéricos com prejuízo do sentido (25,6% na *Todateen* e 16,2% na *Capricho*) e, em terceiro lugar, os termos do senso comum com prejuízo do sentido (17,6% na *Capricho* e 11,6% na *Todateen*). No GRÁFICO 7 e no GRÁFICO 8, pode-se visualizar a distribuição da porcentagem de ocorrência em todas as subcategorias.

Gráfico 7. Distribuição percentual dos textos segundo categoria TERMO LINGUÍSTICO (USO E SENTIDO); *Capricho*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Gráfico 8. Distribuição percentual dos textos segundo categoria TERMO LINGUÍSTICO (USO E SENTIDO); *Todateen*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Em relação às ferramentas digitais, o *hiperlink* foi pouco verificado nos textos do *corpus* (ocorrência de 5,9% na *Capricho* e de 20,9% na *Todateen*) e os

comentários (em número superior a dez por texto) foram pouco presentes na *Todateen* (6,7%) e frequentes na amostra da *Capricho* (50%).

5.2. Núcleo Assunto

Os dados obtidos através das grades de análise do NÚCLEO ASSUNTO possibilitaram verificar a ocorrência de assuntos relacionados ao tema alimentação e nutrição no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis, da conscientização sobre problemas de saúde na adolescência e das questões de interesse público e cidadania.

De modo geral, constatou-se a ocorrência de vários tipos de informações promotoras de práticas alimentares saudáveis; no entanto, com percentagens de ocorrência, na grande maioria das vezes, pouco relevantes. Estes resultados podem ser conferidos a seguir na TABELA 2 e na TABELA 3.

Na TABELA 2 são apresentados os resultados relativos à amostra da *Capricho*. Quanto às informações promotoras do consumo dos grupos alimentares, pode-se observar que a maior ocorrência de informação foi sobre os grupos das frutas e das hortaliças e a menor foi sobre os grupos dos feijões, oleaginosas e sementes e das carnes e ovos, sendo que a ocorrência de informação sobre o consumo equilibrado dos grupos foi reduzida. Em relação à qualidade, percebe-se que a presença de informações sobre o controle do consumo de gorduras foi a principal, seguida da informação sobre o controle do consumo de açúcar, ao passo que a presença de informação sobre o consumo de sódio e de alimentos naturais foi reduzida e não houve referência ao consumo de alimentos orgânicos. Quanto às informações que envolvem a organização da alimentação e o comportamento, pode-se observar uma ocorrência maior de informação sobre o fracionamento da alimentação e menor sobre questões comportamentais.

Tabela 2. Distribuição da ocorrência de informações segundo categorias da grade PRÁTICA ALIMENTAR SAUDÁVEL; *Capricho*, 2012.

Categorias	Percentagem de ocorrência		
	Presente (%)	Ausente (%)	Total (%)
<i>Consumo do grupo das frutas</i>	33,8	66,2	100
<i>Consumo do grupo das hortaliças</i>	32,4	67,6	100
<i>Consumo do grupo dos carboidratos</i>	32,3	67,7	100
<i>Consumo do grupo do leite</i>	23,5	76,5	100
<i>Limite ou melhora do consumo de gorduras</i>	19,1	88,9	100
<i>Consumo do grupo das carnes e ovos</i>	17,6	82,4	100
<i>Limite do consumo de açúcar</i>	14,7	85,3	100
<i>Consumo do grupo dos feijões, oleaginosas e sementes</i>	13,2	86,8	100
<i>Ingestão de água</i>	10,3	89,7	100
<i>Limite do consumo de sódio</i>	5,9	94,1	100
<i>Consumo fracionado</i>	5,9	94,1	100
<i>Consumo equilibrado de todos os grupos alimentares</i>	4,4	95,6	100
<i>Comportamento alimentar adequado</i>	2,9	97,1	100
<i>Consumo preferencial de alimentos naturais</i>	1,5	98,5	100
<i>Variedade alimentar</i>	0	100	100
<i>Consumo de alimentos orgânicos</i>	0	100	100

Fonte: PURCINO, 2014.

Na Tabela 3 a seguir, verifica-se que os grupos de alimentos mais promovidos na amostra da *Todateen* foram o grupo dos carboidratos e o grupo das frutas e que os menos promovidos foram o grupo do leite e, empatados, os grupos das hortaliças e dos feijões, oleaginosas e sementes. As informações sobre os grupos não foi acompanhada da informação sobre a importância do consumo equilibrado dos grupos. No quesito qualidade, observa-se maior ocorrência de informação sobre o controle de gordura, enquanto que a informação sobre o controle do consumo de açúcar e do sódio foi muito baixa. A ocorrência de informação sobre comportamento foi bem reduzida.

Tabela 3. Distribuição da ocorrência de informações segundo categorias da grade PRÁTICA ALIMENTAR SAUDÁVEL; *Todateen*, 2012.

Categorias	Percentagem de ocorrência		
	Presente (%)	Ausente (%)	Total (%)
<i>Consumo do grupo dos carboidratos</i>	32,6	67,4	100
<i>Consumo do grupo das frutas</i>	13,9	86,1	100
<i>Consumo do grupo das carnes e ovos</i>	11,6	88,4	100
<i>Ingestão de água</i>	11,6	88,4	100
<i>Consumo do grupo das hortaliças</i>	9,3	90,7	100
<i>Consumo do grupo dos feijões, oleaginosas e sementes</i>	9,3	90,7	100
<i>Limite ou melhora do consumo de gorduras</i>	7,0	93,0	100
<i>Consumo fracionado</i>	7,0	93,0	100
<i>Consumo preferencial de alimentos naturais</i>	4,7	95,3	100
<i>Consumo de alimentos orgânicos</i>	4,7	95,3	100
<i>Variedade alimentar</i>	4,7	95,3	100
<i>Limite do consumo de açúcar</i>	3,0	97,0	100
<i>Consumo do grupo do leite</i>	2,3	97,7	100
<i>Limite do consumo de sódio</i>	2,3	97,7	100
<i>Consumo equilibrado de todos os grupos alimentares</i>	2,3	97,7	100
<i>Comportamento alimentar adequado</i>	2,3	97,7	100

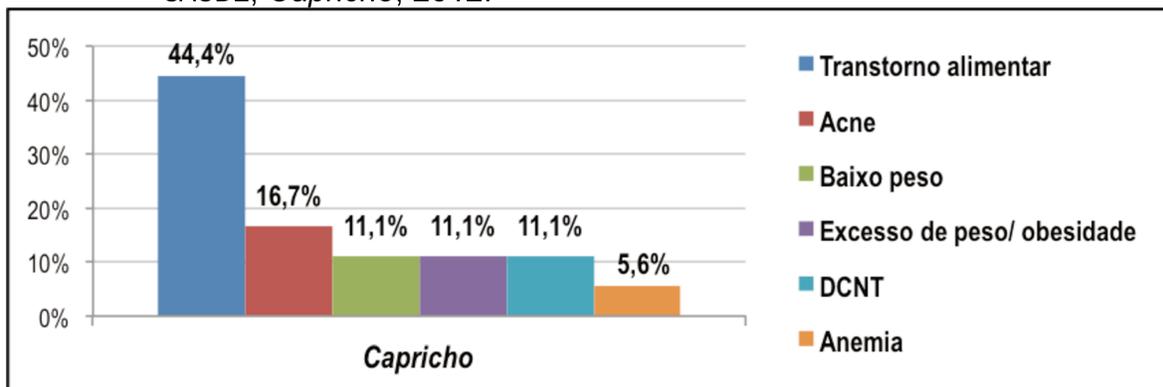
Fonte: PURCINO, 2014.

Os dados da pesquisa indicaram que os assuntos relacionados ao interesse público e à cidadania foram praticamente ausentes do *corpus*: apenas uma ocorrência (4,7%) na amostra *Todateen*, na subcategoria PAPEL DA SOCIEDADE.

Foram encontrados em 18 textos da *Capricho* e em 17 textos da *Todateen* o tema “problemas de saúde relacionados à alimentação e à nutrição”. O transtorno alimentar e a acne foram, nesta ordem, os assuntos mais prevalentes no *corpus* como um todo. A seguir, o GRÁFICO 9 e o GRÁFICO 10 mostram a

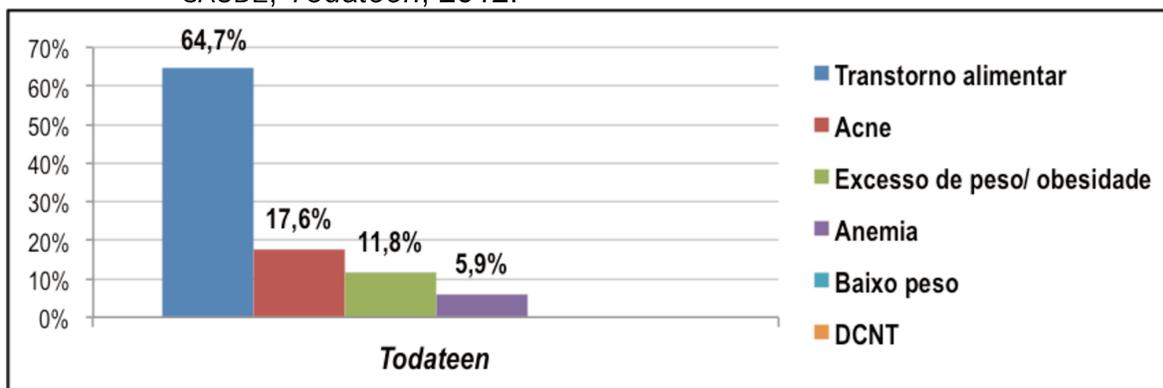
distribuição dos textos que abordaram problemas de saúde relacionados à alimentação e nutrição segundo tipo de doença.

Gráfico 9. Distribuição percentual dos textos segundo categoria PROBLEMA DE SAÚDE; *Capricho*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Gráfico 10. Distribuição percentual dos textos segundo categoria PROBLEMA DE SAÚDE; *Todateen*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

5.3. Núcleo enquadramento

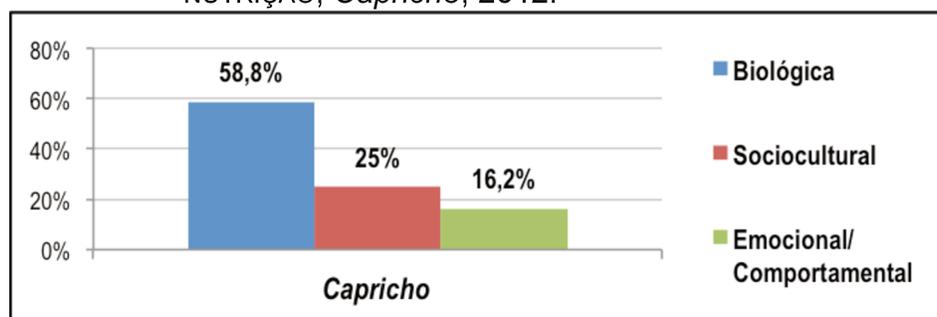
Através das informações fornecidas pelos dados das grades de análise do NÚCLEO ENQUADRAMENTO foram identificadas ações, visões e posições que

evidenciaram o enquadramento do tema alimentação e nutrição presente nos textos do *corpus*.

O tema alimentação foi secundário na maior parte dos textos da amostra da *Todateen* (67,4%) e em metade dos textos da amostra da *Capricho* (50%).

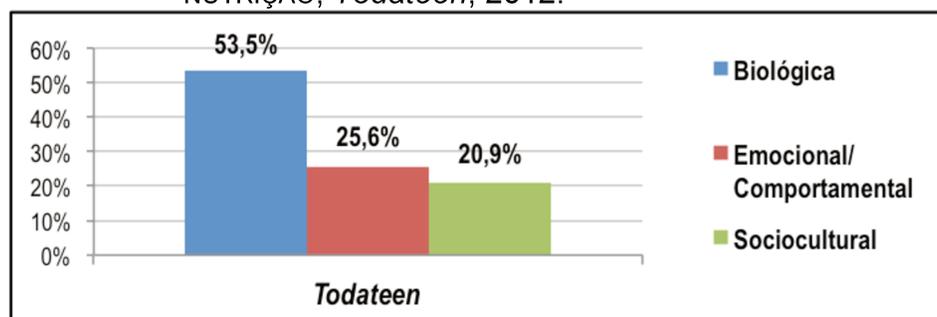
A dimensão biológica do tema alimentação e nutrição foi a mais destacada nos textos do *corpus* (GRÁFICO 11 e GRÁFICO 12):

Gráfico 11. Distribuição percentual dos textos segundo categoria DIMENSÃO PREDOMINANTE DO TEMA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; *Capricho*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Gráfico 12. Distribuição percentual dos textos segundo categoria DIMENSÃO PREDOMINANTE DO TEMA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; *Todateen*; 2012.

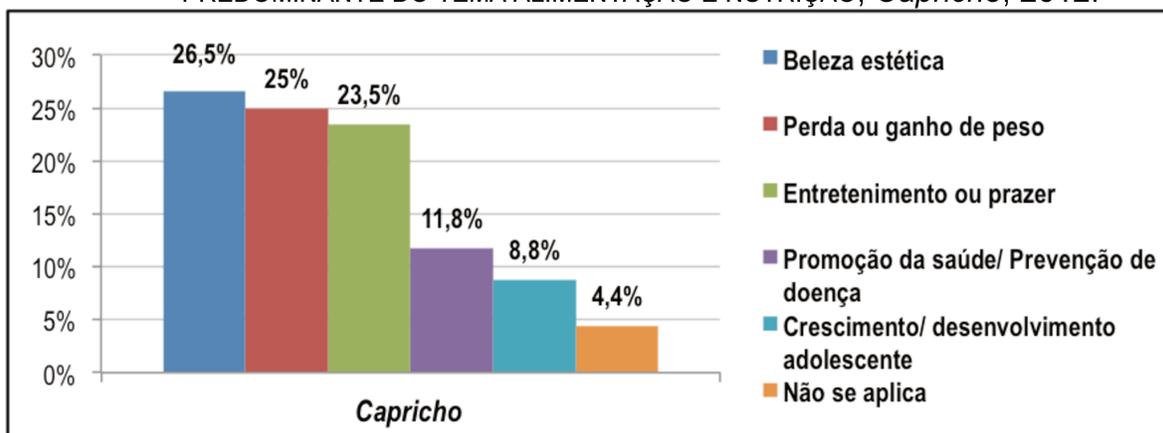


Fonte: PURCINO, 2014.

O tema alimentação e nutrição foi predominantemente enquadrado no campo da beleza estética nos textos do *corpus* como um todo. Na *Capricho*, o segundo campo mais enfocado foi a perda/ ganho de peso e, na *Todateen*, a

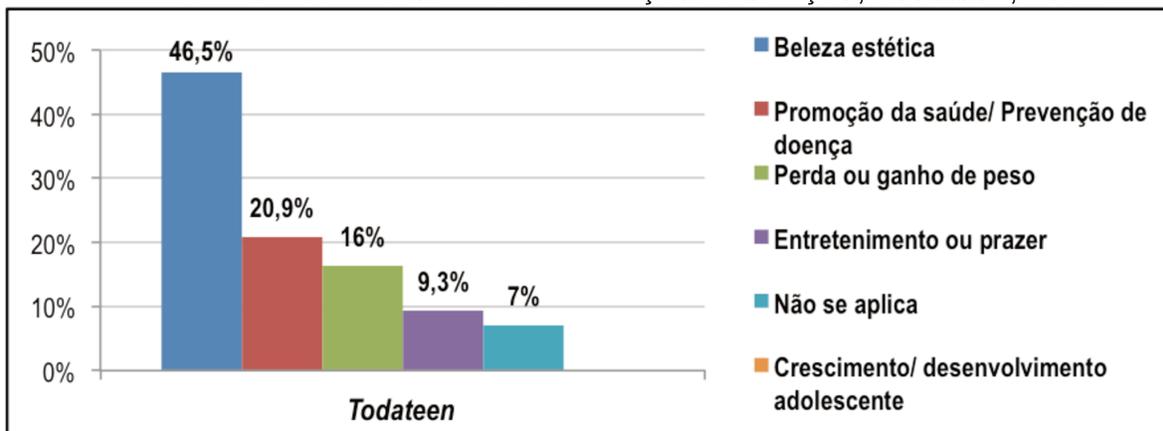
promoção da saúde/ prevenção de doença. O campo no qual o tema alimentação e nutrição foi menos enquadrado, em ambas as revistas, foi o correspondente ao crescimento e desenvolvimento do adolescente. O GRÁFICO 13 e o GRÁFICO 14 apresentam a distribuição dos textos segundo o campo predominante.

Gráfico 13. Distribuição percentual dos textos segundo categoria CAMPO PREDOMINANTE DO TEMA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; *Capricho*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

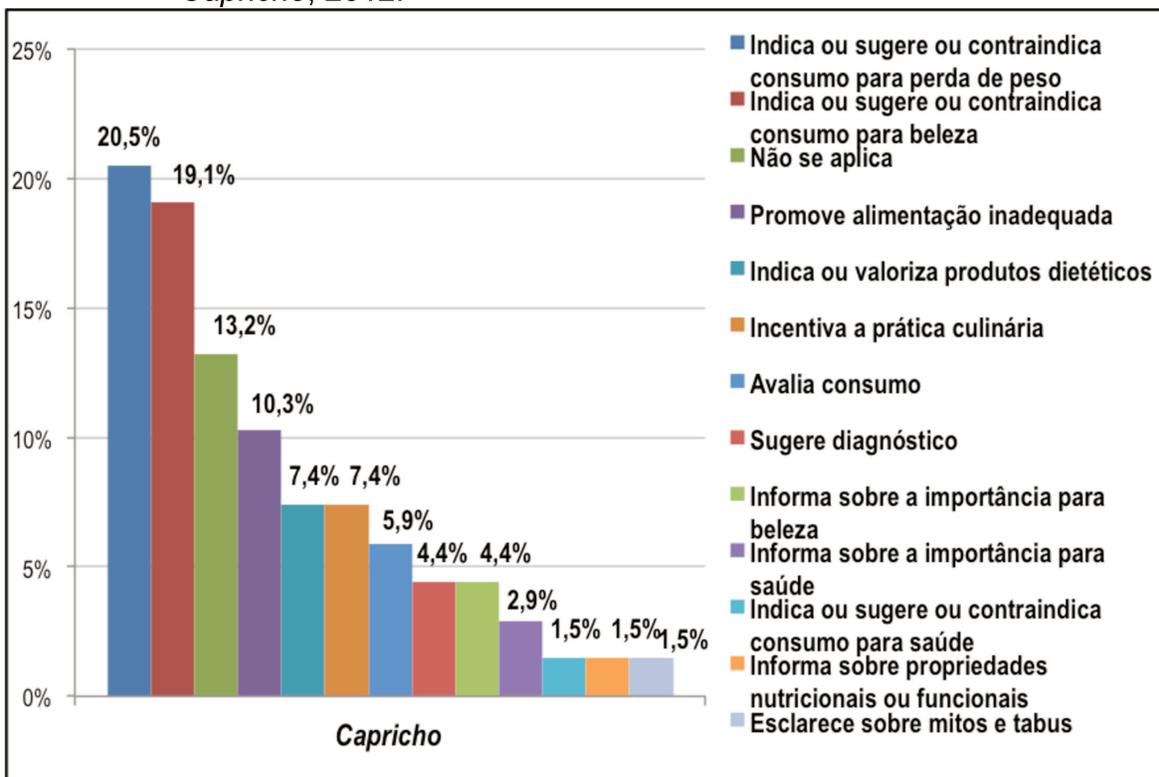
Gráfico 14. Distribuição percentual dos textos segundo categoria CAMPO PREDOMINANTE DO TEMA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; *Todateen*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

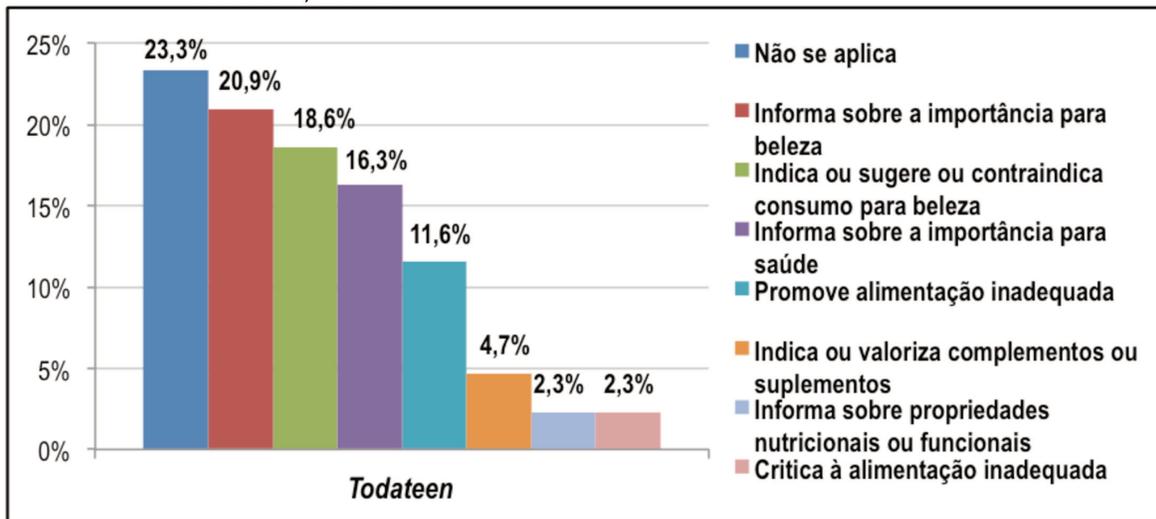
Foram inferidas das mensagens dos textos do *corpus* ações relacionadas ao tema alimentação e nutrição que são exibidas no GRÁFICO 15 (amostra da *Capricho*) e no GRÁFICO 16 (amostra da *Todateen*):

Gráfico 15. Distribuição percentual dos textos segundo categoria AÇÃO
 PREDOMINANTE DA MENSAGEM SOBRE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO;
Capricho; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Gráfico 16. Distribuição percentual dos textos segundo categoria AÇÃO
 PREDOMINANTE DA MENSAGEM SOBRE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO;
Todateen; 2012.

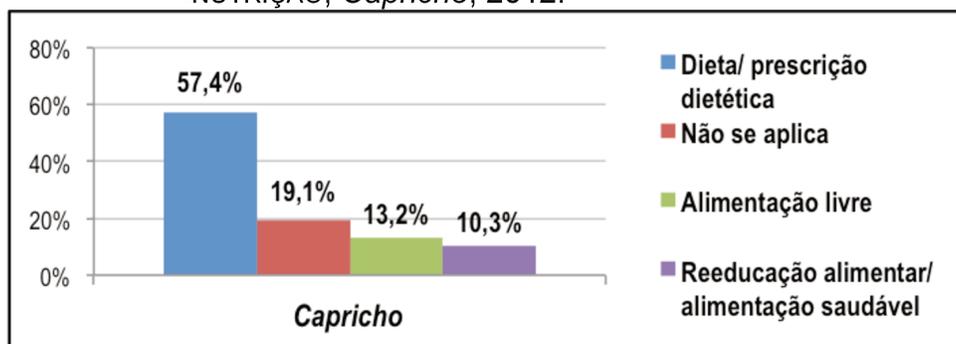


Fonte: PURCINO, 2014.

O GRÁFICO 15 mostra que a indicação ou sugestão ou contraindicação de alimentos para perda de peso foi a principal ação identificada na *Capricho* e o GRÁFICO 16 indica que a importância da alimentação e nutrição para a beleza foi a ação mais verificada na *Todateen*.

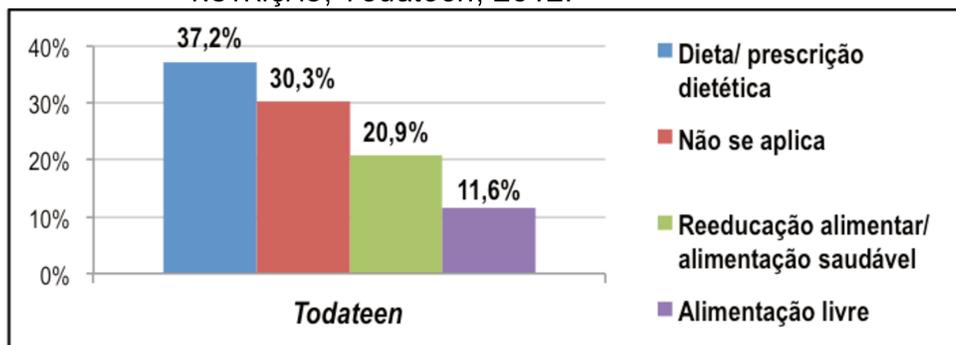
Verificou-se que a concepção sobre o tema alimentação e nutrição mais prevalente no *corpus* foi a de dieta ou de prescrição dietética (GRÁFICO 17 e GRÁFICO 18).

Gráfico 17. Distribuição percentual dos textos segundo categoria CONCEPÇÃO PREDOMINANTE SOBRE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; *Capricho*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Gráfico 18. Distribuição percentual dos textos segundo categoria CONCEPÇÃO PREDOMINANTE SOBRE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; *Todateen*; 2012.



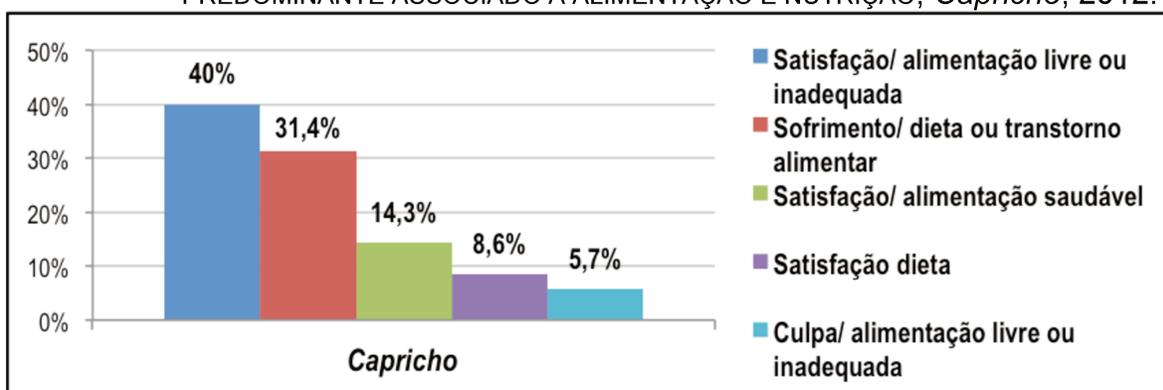
Fonte: PURCINO, 2014.

Observou-se a abordagem de aspectos científicos da nutrição em 38,2% (n=26) dos textos da *Capricho* e em 30,2% (n=13) dos textos da *Todateen*,

dos quais foi inferida a expectativa exagerada acerca dos potenciais da ciência (88,5% na *Capricho* e 92,3% na *Todateen*) e pouca consideração dos limites da ciência (11,5% na *Capricho* e 7,7% na *Todateen*).

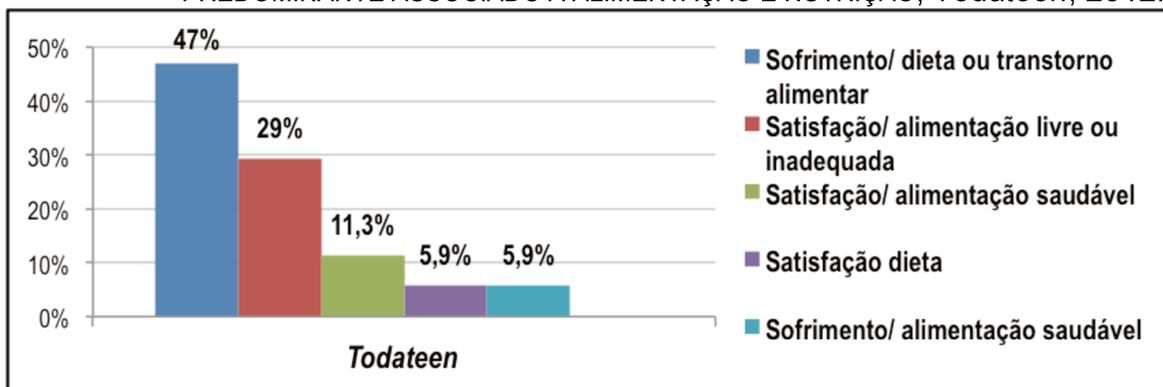
Foi possível inferir dos textos do *corpus* sentimentos associados ao tema alimentação e nutrição conforme distribuição mostrada no GRÁFICO 19 e no GRÁFICO 20.

Gráfico 19. Distribuição percentual dos textos, categoria SENTIMENTO PREDOMINANTE ASSOCIADO À ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; *Capricho*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Gráfico 20. Distribuição percentual dos textos, categoria SENTIMENTO PREDOMINANTE ASSOCIADO À ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO; *Todateen*; 2012.



Fonte: PURCINO, 2014.

Na amostra da *Capricho*, a subcategoria SATISFAÇÃO COM ALIMENTAÇÃO LIVRE OU INADEQUADA obteve a maior percentagem de ocorrência, seguida da subcategoria SOFRIMENTO COM DIETA OU TRANSTORNO ALIMENTAR. Enquanto que, na

amostra da *Todateen*, ocorreu o inverso, a subcategoria SOFRIMENTO COM DIETA OU TRANSTORNO ALIMENTAR apresentou a maior percentagem de ocorrência e a subcategoria SATISFAÇÃO COM ALIMENTAÇÃO LIVRE OU INADEQUADA a segunda maior percentagem de ocorrência. Destaca-se que o sentimento positivo de satisfação relacionado com uma alimentação saudável foi pouco encontrado nas amostras de ambas as revistas.

Verificou-se em 30,9% dos textos da amostra da *Capricho* e em 13,9% dos textos da amostra da *Todateen*, uma visão do tema alimentação e nutrição que sugere a responsabilização individual pela aquisição de um estilo alimentar adequado desconsiderando a complexidade da alimentação e nutrição e todos os fatores ambientais, genéticos, culturais e sociais que concorrem para que uma alimentação e nutrição adequada sejam possíveis e na determinação das implicações físicas a partir de sua adesão.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como apresentado no Capítulo 5, a análise do conteúdo dos textos do *corpus* forneceu vários resultados quanto aos procedimentos jornalísticos e à ocorrência e enquadramento de assuntos relacionados ao tema alimentação e nutrição. Estes resultados são discutidos neste capítulo.

A inexistência de matérias elaboradas por cientistas ou especialistas de áreas acadêmicas ou profissionais relacionadas à alimentação e à nutrição foi uma característica observada nos resultados e considerada uma desvantagem, tanto para as revistas como para os cientistas e os especialistas; na perspectiva das revistas, a confecção de matérias por profissionais com competência técnica-científica para discursar sobre o tema em questão tem o potencial de qualificar o conteúdo das revistas e, na perspectiva do cientista ou especialista, a produção jornalística é uma oportunidade de ampliar a transferência de conhecimento para a população fortalecendo sua atuação social e valorizando a avaliação de seu desempenho profissional através do registro de atividades de divulgação científica no currículo *Lattes*⁴² e do reconhecimento público. Quanto ao motivo desta ausência de matérias com assinaturas de cientistas e especialistas, a pesquisa de Deppe (2001) fornece uma pista para a sua compreensão. Deppe (2001) analisou edições da revista *Nova* (edições publicadas em 25 anos) e identificou que a partir dos anos 90 o interesse das revistas femininas foi deslocado de questões da saúde para a estética, fazendo com que colunistas especializados, como a nutricionista Débora Fontanelle, fossem substituídos por jornalistas e que o foco

⁴² A plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) integra as bases de dados de currículos e de instituições da área de Ciência e Tecnologia e reflete a produtividade dos pesquisadores (SILVA, 2009), sendo que foi recentemente complementada com campo para registro de atividades de educação e divulgação científica (STARLING, 2013).

das reportagens mudasse da saúde para beleza: “Isto significa que a saúde migra de um discurso especializado para penetrar nos interstícios do discurso corrente sobre beleza” (Deppe, 2001, p. 35). Este deslocamento alinha-se à ascensão do corpo-mercadoria descrito por Bauman (2008) e Baudrillard (2010), o corpo que desponta como objeto de enorme valor simbólico e de consumo, como discutido no Capítulo 2. Este interesse prioritário pela estética pode ser uma justificativa para a falta de espaço para a produção jornalística de cientistas e especialistas nas revistas *Capricho* e *Todateen*; ademais, outros resultados corroboram para esta afirmação, visto que vários dados da pesquisa vincularam a alimentação e nutrição à estética, como revela a discussão ao longo deste capítulo.

O cientista e o especialista (no caso, o profissional da saúde), assim como suas publicações científicas, não foram privilegiados como fontes de informação; em ambas as revistas, as celebridades foram os destaques neste quesito⁴³. Novamente, a representação do corpo-mercadoria na sociedade contemporânea também parece justificar os resultados quanto às fontes de informação; faz sentido, no contexto do corpo-mercadoria, a priorização da fala da celebridade sobre alimentação e nutrição, visto que é aquela que serve aos propósitos da estética; como observa Serra (2001), a imagem da celebridade tem maior poder de persuasão do que a palavra. O discurso acadêmico do cientista e do profissional da saúde, quando adequados, não podem servir aos propósitos únicos da beleza corporal padrão, visto que estes profissionais não podem desrespeitar as necessidades orgânicas do corpo biológico do adolescente e ignorar as limitações genéticas que o cercam; não podem legitimar uma perda de peso sem indicação e com o risco de não atender às necessidades nutricionais impostas pelo crescimento e desenvolvimento do adolescente; ou seja, deixar-se levar pela tendência contemporânea de desrespeito aos limites do corpo biológico observada por Eagleton (2010) a partir dos Estudos Culturais e comentado no Capítulo 2.

⁴³ Gráficos 2 e 3.

Apesar da predominância das celebridades como fontes de informação, tendo-se por base a comparação com a revista *Capricho*, considerou-se um aspecto positivo da revista *Todateen*⁴⁴, a sua maior atenção em conferir credibilidade as suas informações com a inclusão de fontes em geral e, também, da área de saúde; porém, a predominância do médico em detrimento do nutricionista foi considerada incoerente. Uma observação importante é que a maior parte dos médicos que foram fontes é representada pela especialidade da dermatologia (o único médico indicado como fonte na *Capricho* e 71,4% dos médicos indicados na *Todateen*) e falaram sobre a beleza da pele, dos cabelos e das unhas, outro dado que revela o foco na estética. A supremacia do médico como fonte de informação da área da saúde foi considerada incoerente porque o nutricionista é o profissional da área multiprofissional da saúde mais diretamente ligado ao tema alimentação e nutrição e habilitado técnica e legalmente para atuar na área da alimentação e nutrição humana, como define a Lei Nº 8.234 de 17 de setembro de 1991 (BRASIL, 1991). Serra (2001), em sua pesquisa tendo a *Capricho* impressa por objeto, também encontrou uma participação do nutricionista inferior a do médico como fonte de informação.

Kucinski (2002) relata que a escolha do médico, especialmente dos mais famosos e das autoridades de saúde, é uma característica comum nas coberturas jornalísticas de saúde que os assumem como os atores da legitimação científica ou da legitimação da autoridade, muitas vezes com a função mais de conferir credibilidade do que de fornecer informações; o autor critica esta atitude que desconsidera o caráter multiprofissional da área de saúde e, ainda, refere que alguns médicos aceitam ser fontes em busca de autopromoção, o que, por sua vez, ficou evidente em algumas matérias da *Todateen*, nas quais dermatologistas que foram fontes de informação tiveram as clínicas de estética de sua propriedade ou direção destacadas nas matérias (indicação do nome ou direcionamento através do *hiperlink* para o *site* da clínica). Tendo-se por referencial os Estudos

⁴⁴ Apesar da observação comparativa entre as duas revista, não se pretende aqui debater os motivos e significados desta diferença, visto não ser objeto deste estudo.

Culturais e o conceito de campo de Bourdieu⁴⁵ (SOCHA, 2008), a motivação para esta postura dos jornalistas pode estar ligada às representações socioculturais e relações de poder que marcam a saúde; um campo de disputas que de acordo com Kucinski (2002), se relaciona à crescente mercantilização da própria saúde e, segundo Aciole (2006), com a disputa entre as corporações profissionais pela hegemonia e controle do mercado da saúde; uma situação que evidencia a lógica do consumo presente na sociedade contemporânea, uma situação na contramão do interesse público e da promoção da saúde que se enriquece com a multiplicidade de saberes e de práticas, como destaca Aciole (2006, p. 50):

[...] o desdobramento social e cultural da condição pós-moderna aponta, cada vez mais, para a construção de práticas interdisciplinares, a interlocução de saberes e a construção coletiva como elementos paradigmáticos da construção de práticas e profissões, numa perspectiva de integração tanto da fragmentação e especialização de saberes, quanto do reconhecimento da vastidão e complexidade que o conhecimento científico e técnico tem atingido em todas as áreas.

Assim, advoga-se, em prol de uma maior qualidade jornalística, um número maior de nutricionistas como fontes de informação por ser a alimentação e nutrição sua esfera de competência, mas também, de outros profissionais da área da saúde além do médico, como, por exemplo, do psicólogo, cujos saberes são fundamentais para a abordagem do comportamento alimentar. A associação pelo jornalista de fontes de informação de diversos profissionais da área da saúde preservando suas atribuições específicas, mas integrando seus saberes, agrega muito mais qualidade ao conteúdo de matérias jornalísticas sobre alimentação e nutrição. Pode-se perceber, como abordado no Capítulo 1, um paradoxo do jornalismo, destacado por Resende (1999), da necessidade do jornalismo

⁴⁵ “...noção que caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna. Serve de instrumento ao método relacional de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde, assim, a um campo específico – cultural, econômico, educacional, científico, jornalístico etc -, no qual são determinados a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de maior volume de capital.” (SOCHA, 2008).

apreender a complexidade do mundo contemporâneo tendo raízes no pensamento moderno, o pensamento racionalista que determinou a fragmentação dos saberes.

Cabe aqui uma observação relacionada às fontes de informação dos profissionais de saúde; embora se tenha verificado na amostra da *Capricho* apenas um texto com indicação de fonte de profissional da área da saúde, não faltaram referências generalistas a estes profissionais, como ilustram os exemplos: “Os **médicos afirmam** que o tratamento anticelulite começa por uma boa dieta...”⁴⁶; “Os **especialistas afirmam** que o óleo de coco, de fato, é metabolizado rapidamente pelo organismo...”⁴⁷ e “Para emagrecer, o segredo é sempre o mesmo: dieta balanceada...(se você tem dúvida de como fazer isso, **um nutricionista pode ajudar**)”⁴⁸. Vale observar que as duas primeiras citações remetem a responsabilidade pelo discurso midiático para o profissional da saúde e a última citação aconselha a consulta do nutricionista, mas atribuindo a esta um valor relativo e secundário.

Verificou-se, da mesma forma, a alusão à ciência ou à pesquisa científica sem a devida citação de fonte de referência, como ilustram os exemplos: “...os estudos feitos até agora mostram é que esse óleo **ajuda a diminuir medidas na barriga.**”⁴⁹; “**Vários estudos** feitos com quem toma chá verde com frequência mostram que essa bebida ajuda a perder medidas (até da barriga)”⁵⁰ e “...quem toma café da manhã resiste melhor às tentações que aparecem durante o dia (**está provado pela ciência.**)”⁵¹. Quais estudos? Qual ciência? As matérias simplesmente não os definem e a outra matéria se limita a tratar a ciência como uma entidade que anuncia uma verdade. A ferramenta da Internet *hiperlink*, por exemplo, poderia ter sido utilizada para direcionar a leitora para as publicações dos estudos “citados”, mas esta ferramenta foi subutilizada em ambas as revistas. Além da citação genérica e inadequada do conhecimento científico, estes

⁴⁶ Jornalista, “Como acabar com a celulite?”, *Capricho*, 15/ 03/ 2012, grifo meu.

⁴⁷ Jornalista, “Óleo de coco emagrece?”, *Capricho*, 30/ 04/ 2012, grifo meu.

⁴⁸ Jornalista, “Sabotadores da dieta – parte 2”, *Capricho*, 11/ 03/ 2012, grifo meu.

⁴⁹ Jornalista, “Óleo de coco emagrece?”, *Capricho*, 30/ 04/ 2012.

⁵⁰ Jornalista, “7 alimentos que te ajudam a manter o peso”, *Capricho*, 31/ 05/ 2012, grifo meu.

⁵¹ Redação, “Troca-troca inteligente: café da manhã”, *Capricho*, 07/ 12/ 2012, grifo meu.

exemplos também permitem notar uma visão exagerada do potencial da ciência, situação observada com mais frequência na amostra. Esta abordagem da ciência nos remete à ideologia e mitologia científicas apontadas por Chauí (2008) e citadas no Capítulo 2 desta dissertação.

Retomando-se a discussão sobre as fontes de informação, a associação do tema alimentação e nutrição com a estética foi, ainda, refletida pela presença de profissionais de estética como fontes de informação na amostra da *Todateen* (12,8% das fontes). A participação de profissionais da estética, assim como de celebridades, como fontes de informação, reflete a banalização do tema alimentação e nutrição, visto que os discursos sobre alimentação e nutrição e sobre saúde requerem embasamento acadêmico-científico, não contemplados pelas práticas destes profissionais. Verificou-se que a fala de profissionais da estética foi genérica, mas mesmo assim, com potencial de sugerir práticas alimentares indevidas, como, por exemplo, o uso de vitaminas; duas matérias diferentes sobre cabelos, tendo por fontes *hairstylist*, abordaram o assunto “vitaminas” e trouxeram informações contraditórias ao falar, respectivamente, de brilho dos cabelos e de fios oleosos: “Vá a um bom endócrino...ele saberá o que é melhor para você, não só uma boa dieta, como vitaminas.”⁵² e “...a causa do problema pode ser estresse ou excesso de vitamina...”⁵³. Estes exemplos vão de encontro com a observação de Poulain (2004, p. 169) de que os discursos sobre alimentação e nutrição têm sido pouco sérios e, muitas vezes, futilizados:

[...] todo mundo come e tem sobre esta questão convicções íntimas muito fortes, que resultam de suas experiências pessoais e que lhe dão o sentimento de um verdadeiro entendimento sobre a questão.

Pensando-se nas funções das fontes, a presença da fala do senso comum nos textos do *corpus* fica ainda mais clara; a principal função das fontes foi

⁵² Leo Procknow, “Como ter cabelos brilhantes e saudáveis”, *Todateen*, 31/ 08/ 2012.

⁵³ Consultoria de vários *hairstylist*, “Segredos dos grandes salões para cada tipo de cabelo” *Todateen*, 02/ 05/ 2012.

relatar experiências pessoais⁵⁴, sendo que os relatos pessoais, com exceção de uma ocorrência⁵⁵, foram de celebridades. Interessa detalhar que foram inferidos destes relatos dois aspectos principais: um negativo, que foi a promoção da alimentação inadequada e, um positivo, representado pela prevenção de transtornos alimentares. O relato quanto ao seguimento de dietas restritivas e a valorização de alimentos ou práticas alimentares não saudáveis foram considerados promoção da alimentação inadequada; enquanto que o relato sobre o sofrimento de apresentar ou ter apresentado transtornos alimentares⁵⁶ foi considerado como uma mensagem relacionada à prevenção de doenças. Exemplificando, apresenta-se, nesta ordem, um relato associado com a promoção de alimentação inadequada e outro à prevenção de transtornos alimentares: “Eu me alimento uma vez por dia. As outras alimentações são com suplementos...”⁵⁷ e “...às vezes passava dias sem comer...sabia que tinha um problema. Foi um processo gradual, mas eu mudei.”⁵⁸

As ocorrências das fontes de informação caracterizadas pela presença de celebridades e de profissionais da estética e pela ausência ou reduzida participação de cientistas, profissionais de saúde e de publicações científicas justificam, em parte, os resultados encontrados quanto aos termos linguísticos que mostraram inadequação pela ocorrência de utilização de termos técnico-científicos sem explicação (33,8% na *Capricho* e 30,2% na *Todateen*), termos genéricos com prejuízo do sentido (25,6% na *Todateen* e 16,2% na *Capricho*) e termos do senso comum com prejuízo de sentido (17,6% na *Capricho* e 11,6% na *Todateen*). Seguem alguns exemplos, respectivamente, quanto ao uso do termo técnico-científico “alto índice glicêmico” sem explicação do conceito; do termo do senso comum “ingredientes” no lugar do termo técnico “proteína” com prejuízo de sentido e do termo genérico “gorduras animais” com prejuízo de sentido: “Como não

⁵⁴ 70% na amostra da *Capricho* e 53,8% na amostra da *Todateen*.

⁵⁵ Relato pessoal de leitora.

⁵⁶ Transtorno alimentar: principal problema de saúde nos textos do *corpus*.

⁵⁷ Gustavo Lima, “Gusttavo Lima só come uma vez por dia!”, *Capricho*, 09/ 05/ 2012.

⁵⁸ Lucy Hale, “Lucy Hale revela: “Às vezes passava dias sem comer!””, *Capricho*, 09/ 08/ 2012.

agravar - Evitar alimentos com alto índice glicêmico...”⁵⁹; “Queijos, carnes e leite têm ingredientes que são...”⁶⁰ e “Se você tem acne, perceba se piora quando vocêingere...gorduras animais...”⁶¹. Para uma melhor compreensão do problema do uso de termos inadequados, abre-se espaço para uma reflexão sobre o último exemplo. Neste caso, pode-se inferir que como efeito de sentido do termo genérico “gorduras animais”, a leitora pode ser sugestionada a evitar o consumo dos dois grandes grupos de alimentos fontes de gorduras animais, o grupo do leite e o grupo das carnes, dois grupos fundamentais para a saúde do adolescente por serem fontes, respectivamente, de cálcio e de ferro, nutrientes centrais para o crescimento e desenvolvimento do adolescente como referido no Capítulo 3 desta dissertação. Purcino e Toledo (2013) também observaram a ocorrência de termos técnico-científico sem explicação em outro estudo que analisou textos da *Todateen* e, também, da revista *Yes! Teen* (publicação do mesmo seguimento da *Capricho* e da *Todateen*). Esta problemática da linguagem é relatada por Kucinski (2002, p. 97) como um importante fator de conflito entre jornalistas e profissionais de saúde:

Os médicos e trabalhadores da área da saúde não se conformam com os erros cometidos pelos jornalistas, com o tipo de linguagem usado, generalista, superficial e repleto de equívocos.

Além da inadequação dos termos linguísticos empregados, denotativa de falha quanto ao rigor científico, observou-se que a objetividade ficou prejudicada por expressões de subjetividade do jornalista nas matérias, por exemplo, em uma matéria⁶², uma modelo declarou que em época de desfile não se alimentava de forma correta (“...passo o dia à base de lanchinhos...”) e, em seguida a jornalista fez um comentário de aprovação e identificação com a modelo (“Até a gente, em época de desfile, não come direito.”). Ao invés deste comentário

⁵⁹ Jornalista, “Pele muito oleosa ou recessaca?”, *Capricho*, 01/ 10/ 2012.

⁶⁰ Jornalista, “Como ficar com o bumbum mais durinho”, *Capricho*, 27/ 04/ 2012.

⁶¹ Jornalista, “Mitos e verdades sobre acne”, *Todateen*, 29/ 05/ 2012.

⁶² Alexia Belini, “Modelo fala sobre a rotina em época de Fashion Rio”, *Todateen*, 25/ 05/ 2012.

subjetivo que revela um enfoque mais apelativo do que informativo, um procedimento jornalístico qualificador desejável seria a contraposição com a presença de uma fonte de informação trazendo o contraditório; o contraponto e a apresentação de diferentes ângulos da questão é fundamental para a reflexão. Contudo, a abordagem foi fatural como na maioria dos textos do *corpus*, o que, lamentavelmente, parece ser característica de revistas para adolescentes femininas, considerando-se que em estudo de Purcino e Toledo (2013) esta situação também foi constatada em relação à revista *Yes! Teen*.

A abordagem fatural⁶³ relacionou-se com quatro questões principais: o caráter secundário do tema alimentação e nutrição; a ausência de fontes de informação com a função de trazer o contraditório⁶⁴; a ocorrência reduzida de outras fontes de informação em geral e a falta ou pouca contextualização dos fatos.

A falta ou pouca contextualização dos fatos pode ser percebida observando-se, por exemplo, o enquadramento dado ao tema alimentação e nutrição. Vários textos da amostra da *Capricho* trouxeram informações sobre perda de peso⁶⁵ relativas à indicação ou sugestão ou contraíndicação de consumo alimentar⁶⁶; no entanto, estas informações não foram contextualizadas dentro do cenário do excesso de peso ou da obesidade com a definição de suas classificações e implicações e com a orientação sobre as diferenças das indicações de perda de peso de acordo com o grau do excesso de peso, presença de comorbidades, situação orgânica (ex: gestação/ lactação) e fase da vida. A questão do excesso de peso e da obesidade praticamente não foi abordada⁶⁷, dando a entender que a indicação para a perda de peso e para o seguimento de dietas alimentares é generalizada e que o adolescente tem sempre condições de avaliar a sua necessidade de perda de peso; infere-se que estas informações

⁶³ Presente em 95,6% de textos da *Capricho* e 69,8% da *Todateen*.

⁶⁴ GRÁFICO 4 e 5.

⁶⁵ A maioria dos textos (25%) foram enquadrados no campo da perda de peso.

⁶⁶ 20,5% dos textos indica/ sugere/ contraíndica consumo para perda de peso.

⁶⁷ Apenas 2,9% dos textos abordaram o assunto excesso de peso/ obesidade.

direcionadas à perda de peso sem contextualização compactuam com a medicalização do controle de peso. Pelo enfoque observado, o discurso midiático pretensamente “nutricional” que permeia as informações do texto procura legitimar uma busca obsessiva da magreza, dando a entender que “... “estar de regime”, e isso sejam quais forem seus pesos reais, faz parte da condição normal da mulher” POULAIN (2004, p. 144). Este interesse exagerado pela perda de peso pode colocar em risco à saúde da adolescente, considerando-se as necessidades nutricionais aumentadas para o crescimento e desenvolvimento, o problema dos transtornos alimentares e o fato da adolescência ser um momento especial de construção da identidade e da subjetividade.

Vale complementar que esta tendência à medicalização e em prol da busca obsessiva da magreza associa-se, também, com a predominância da dimensão biológica da alimentação e nutrição⁶⁸ nos textos do *corpus* refletindo a omissão da função sociocultural da alimentação; com o enquadramento principal do tema alimentação e nutrição no campo da beleza estética⁶⁹ e com a concepção da alimentação e nutrição como dieta⁷⁰ e não como alimentação saudável.

Nota-se que, em razão da concepção da alimentação e nutrição como dieta, nos textos de ambas as revistas, foi priorizada a orientação prescritiva e individualizada voltada para indicação ou sugestão ou contra-indicação de consumo alimentar, com a valorização de alimentos *diet* e *light*⁷¹, em detrimento da promoção de práticas alimentares saudáveis e de assuntos de interesse público que são a base para a conquista coletiva e cidadã do direito à alimentação adequada e da segurança alimentar e nutricional.

Cardápios e listas com indicação de consumo ou de restrição tiveram lugar privilegiado nos textos do *corpus* e informações produzidas para difusão coletiva como as informações sobre os grupos de alimentos presentes no *Guia*

⁶⁸ Em 58,8% da amostra *Capricho* e 53,5% da amostra *Todateen* a dimensão biológica foi predominante (GRÁFICO 11 e 12).

⁶⁹ Em 26,5% da amostra da *Capricho* e em 46,5% da amostra da *Todateen* (GRÁFICO 13 e 14).

⁷⁰ Em 57,4% da amostra da *Capricho* e em 37,2% da amostra da *Todateen* (GRÁFICO 17 e 18).

⁷¹ No caso da amostra *Capricho*, ver GRÁFICO 15.

Alimentar para População Brasileira (BRASIL, 2006) e as recomendações visando o controle do consumo do sódio, do açúcar e de gorduras saturadas ficaram à margem. Esta situação pode ser exemplificada pela matéria intitulada “Para secar as gordurinhas”⁷² na qual são apresentados seis modelos de cardápio de 1700 calorias acompanhados do comando “Siga a dieta até você chegar no seu peso ideal”; além da total inadequação da matéria (a confecção de cardápio deve ser feita pelo nutricionista de modo personalizado e o estabelecimento da necessidade energética deve ser individualizada e realizada pelo nutricionista, levando em consideração o peso, a altura, a idade, o sexo e a atividade física), os cardápios apresentados são definidos pela limitação calórica e pela inclusão de alimentos especiais (*light* e *diet*) (requeijão *light*, maionese *light*, achocolatado *light*, barra de cereal *light*, etc) ou de alimento de baixa qualidade⁷³ como achocolatado em pó, queijo parmesão, brigadeiro, hambúrguer, salgados, bolos industrializados e sorvete de massa. A preocupação com o controle calórico sem a consideração da qualidade evidenciada nestes cardápios, também foi observada em outros textos, através de mensagens como “...atenção: refri *light* (ou zero, ou *diet*) são inocentes.”⁷⁴, a qual considera que a redução calórica do produto garante sua qualidade, ignorando que a qualidade dos refrigerantes é comprometida pelo alto conteúdo de aditivos como o sódio. Este ângulo da abordagem que destaca o caráter prescritivo foi encontrado por Freire (2011) e por Amancio e Chaud (2004) em revistas femininas; achados que geram preocupação, visto que não compete ao jornalista fazer prescrição dietética ou sugestão de diagnóstico ou avaliação de consumo e nem mesmo o nutricionista pode ter esta conduta na mídia⁷⁵.

A informação midiática deve ser aprofundada e detalhada, porém genérica, pois é direcionada para o grande público; seria de grande utilidade

⁷² Jornalista, “Para secar as gordurinhas”, *Capricho*, 10/ 12/ 2012.

⁷³ Alto teor de açúcar ou gordura ou sódio ou industrializados em substituição a produtos naturais ou preparações caseiras

⁷⁴ Jornalista, “Como acabar com a celulite?”, *Capricho*, 15/ 03/ 2012.

⁷⁵ No artigo 7º, inciso XVII, do Código de Ética do Nutricionista é vedado: “realizar, por qualquer meio que configure atendimento não presencial, a avaliação e o diagnóstico nutricional e a respectiva prescrição dietética do indivíduo sob sua responsabilidade profissional” (Resolução 541/ 14 de 14 de maio de 2014).

pública a difusão de informações incentivando o adolescente brasileiro, por um lado, a incluir em sua alimentação os grupos de alimentos para os quais a POF 2008-2009 (IBGE, 2011) indicou consumo insuficiente como o grupo dos feijões, das hortaliças, das frutas e do leite e, por outro lado, a limitar alimentos como biscoitos recheados, refrigerantes, embutidos, salgados, pizza, sanduíches para os quais a POF 2008-2009 (IBGE, 2011) indicou consumo excessivo. No entanto, foram encontradas poucas informações promotoras do consumo dos grupos alimentares supracitados, principalmente, dos grupos do leite e dos feijões; no caso do grupo do leite, foi até mesmo encontrada informação que pode desestimular o consumo deste grupo:

Se você tem acne, perceba se ela piora quando você ingere alimentos como chocolate, gorduras animais, amendoim e o **leite e seus derivados. Se sim, é melhor evitar consumi-los, ok?**⁷⁶

Quanto à amostra *Capricho*, cabe valorizar a presença de algumas informações promotoras do consumo de frutas, principalmente, através da apresentação de receitas culinárias destacando o uso das frutas:

Quando a gente pensa em bolo, logo vem à cabeça a imagem de um de chocolate, não é? Mas dá para fazer um com frutas, que também é bem gostoso e mais saudável.⁷⁷

Porém, o número de receitas culinárias que incentivaram o consumo de alimentos com alto teor de gordura ou açúcar ou sódio foi maior, destacando-se a presença de receitas culinárias de preparações como *cupcakes* e *cookies* que, por sua vez, evidenciam a valorização de preparações da cultura americana em detrimento de preparações da cultura nacional.

Tomando-se por referência os dados da POF 2008-2009 (IBGE, 2011) que indicam um expressivo consumo de alimentos industrializados e do consumo fora do lar, seria muito favorável o incentivo do consumo de alimentos naturais, de

⁷⁶ Jornalista, “Mitos e verdades sobre acne”, *Todateen*, 29/ 05/ 201, (grifo meu).

⁷⁷ Jornalista, “4 receitas deliciosas de bolo com frutas”, *Capricho*, 21/ 09/ 2012.

preparações caseiras e de refeições estruturadas; no entanto, pouca informação promotora destas práticas foi localizada nos textos, sendo encontradas, inclusive, informações que podem incentivar a substituição de alimentos naturais e convencionais e de refeições completas e balanceadas por suplementos alimentares, por exemplo, o depoimento de uma celebridade encontrado em um texto da amostra da *Todateen* pode ilustrar esta situação: “Eu me alimento uma vez por dia. As outras alimentações são com suplementos. Eu tomo muito *shake*.”⁷⁸

A falta de correspondência entre o conteúdo sobre alimentação e nutrição encontrado na mídia e o esperado em vista de sua importância social não parece ser um achado particular desta pesquisa, tomando-se por base, a observação de Escosteguy *et al.* (2006, p.49) sobre culturas hegemônicas na mídia à luz dos Estudos Culturais:

Muitas preocupações sociais não ganham absolutamente qualquer publicidade. Não se trata simplesmente do fato de que elas continuem privadas, mas de que elas são ativamente privatizadas, mantidas no nível do privado.

Ademais, ao lado deste enquadramento dado ao tema alimentação e nutrição que privilegia a concepção de dieta, foi constatado, no conteúdo dos textos de ambas as revistas, uma dicotomia entre alimentação e prazer; ora a alimentação foi abordada como dieta e relacionada ao sofrimento, ora como entretenimento (alimentação livre) e associada à satisfação dentro de um mecanismo compensatório. Seguem exemplos: “...Comendo salada e sonhando com um cheeseburger.”⁷⁹; “Eu só comi alface. Hoje à noite, eu vou me acabar de comer chocolate.”⁸⁰; “...a gente fala de dieta e em também nos momentos que a gente tem que ser feliz sem dieta...”⁸¹; “Se você chora ou fica deprimida...coma um

⁷⁸ Jornalista, “Gusttavo Lima só come uma vez por dia!”, *Todateen*, 09/ 05/ 2012.

⁷⁹ Cantora Lady Gaga, “Seguidores de Lady Gaga acusam cantora de incentivar anorexia!”, *Todateen*, 15/ 04/ 2012.

⁸⁰ Cantora Beyoncé, “Beyoncé emagreceu 27 kg depois da gravidez!”, *Todateen*, 29/ 05/ 2012.

⁸¹ Jornalista, “4 receitas juninas deliciosas!”, *Capricho*, 23/ 06/ 2012.

bombom...”⁸². Nesta perspectiva, alimentos tradicionais e naturais como frutas e hortaliças ganharam conotação negativa, sendo relacionadas com dieta e, alimentos como *fast food* e *junk food* adquiriram conotação positiva, reforçando-se a associação destes alimentos ao prazer e ao entretenimento e ignorando-se a forte correlação que o consumo destes alimentos tem com o padrão atual de consumo do adolescente brasileiro, caracterizado pelo alto teor de sódio, açúcar e gordura.

Além desta visão da alimentação e nutrição marcada por sentimentos dicotômicos entre sofrimento e prazer; destacou-se, ainda, a visão da responsabilidade individual pelo sucesso em conseguir a beleza ou o peso corporal desejado através da alimentação e nutrição, como sugerem os trechos: “Se você seguir à risca, vai ver o resultado.”⁸³; “Basta se empenhar e ter um pouco de paciência.”⁸⁴; “...o resultado anda meio devagar e a perda de peso não está acontecendo. O que será que você anda fazendo de errado?”⁸⁵. A visão da responsabilidade individual fica ainda mais reforçada pela omissão dos assuntos de interesse público que poderiam propiciar o debate sobre a responsabilidade social da indústria de alimentos, da publicidade de alimentos e do governo na promoção e no acesso à alimentação saudável e adequada. A responsabilização individual observada no conteúdo textual está em consonância com a valorização da individualidade que marca a sociedade contemporânea, na qual **“Cada qual é entregue a si mesmo. E cada qual sabe que este si mesmo é muito pouco.”** (Lyotard, 2013, p. 28, grifo meu).

Por fim, na perspectiva da promoção da saúde e da alimentação saudável, a qualidade dos conteúdos pode ser considerada baixa, em vista das inadequações observadas nos procedimentos jornalísticos, por exemplo, quanto às fontes e aos termos linguísticos; mas, também, pela escolha de assuntos e de enquadramentos. Os assuntos e os enfoques observados nas revistas

⁸² Jornalista, “Como lidar com a TPM?”, *Capricho*, 26/ 04/ 2012.

⁸³ Jornalista, “Como acabar com a celulite?”, *Capricho*, 15/ 03/ 2012.

⁸⁴ Jornalista, “Descubra a dieta perfeita para você”, *Capricho*, 22/ 07/ 2012.

⁸⁵ Jornalista, “Sabotadores da dieta – parte 1”, *Capricho*, 08/ 03/ 2012.

evidenciaram duas tendências principais: primeiro, a desconexão com a função central do jornalismo em saúde, que, de acordo com Kuscinsky (2002, p. 97), é crítico-informativa e “tem por objetivo através da informação de interesse público desenvolver a consciência crítica do cidadão” e, segundo, a reprodução de valores da sociedade e cultura contemporânea (consumo, individualismo e hedonismo) que não favorecem a alimentação saudável. Assim, a qualificação do conteúdo das revistas não passa apenas pelo aprimoramento dos procedimentos jornalísticos, mas pelo resgate do papel do jornalismo na construção da cidadania e pelo debate dos valores da sociedade pós-moderna, visto que, como referem Johnson *et al.* (2006, p. 47-48), com base nos Estudos Culturais, ao citar a revista britânica *Jackie*, as revistas para adolescentes recolhem e representam elementos das culturas privadas juvenis:

A revista é, pois, um material bruto para milhares de leitoras-garotas que produzem suas próprias re-apropriações dos elementos que foram, anteriormente, tomados de empréstimo de sua cultura vivida e de suas formas de subjetividade.

CONCLUSÃO

A pesquisa da alimentação e nutrição na mídia proporcionou reflexões importantes sobre as influências das tendências da sociedade e da cultura contemporâneas sobre as práticas e comportamentos alimentares da adolescente feminina.

O objetivo deste estudo foi alcançado com a avaliação da qualidade dos conteúdos relacionados à alimentação e nutrição das revistas *on-line* femininas para adolescentes *Capricho* e *Todateen*. As categorias elaboradas foram efetivas para produção de indicadores que possibilitaram inferências sobre possíveis condicionantes e efeitos das mensagens permitindo interpretações que são resumidas nesta conclusão.

Na maior parte das matérias das revistas, o tema alimentação e nutrição apareceu entrelaçado pelo tema da beleza estética. Identificou-se nos conteúdos das matérias a reprodução de valores narcisistas, consumistas e individualistas direcionados para a mobilização de desejos nas leitoras para conquista do corpo segundo o padrão de beleza vigente e, dentro deste contexto, o tema alimentação e nutrição foi posicionado apenas como um dos recursos e apoios para esta conquista. Observou-se que a conquista do corpo padrão de beleza foi colocada nos conteúdos das matérias como um projeto individual condicionado ao sacrifício pessoal e, sob este prisma, a alimentação e nutrição foi assumida nas mensagens, primeiro, na concepção de dieta restritiva associada ao sofrimento e, segundo, na concepção de *fast food* e *junk food* associados ao prazer e à recompensa; ou seja, o tema alimentação e nutrição assumiu uma

dupla face, ora de sacrifício, ora de prazer, nunca as duas coisas ao mesmo tempo.

Neste contexto definido pela estética, a promoção de práticas alimentares saudáveis encontrou um espaço extremamente reduzido e o debate de questões de interesse público fundamentais para a concretização do direito à alimentação adequada e da segurança alimentar e nutricional não encontraram espaço algum.

Do mesmo modo, nestes conteúdos midiáticos pautados pela beleza estética, não houve espaço para o discurso nutricional acadêmico embasado pela ciência e norteado pela atenção às necessidades nutricionais para o crescimento e desenvolvimento do adolescente, pela preocupação com a saúde e pelo respeito aos limites do corpo biológico. Considera-se que a falta de espaço para o discurso nutricional acadêmico contribuiu para que a abordagem do tema alimentação e nutrição fosse superficial, marcada pela presença reduzida e pouco diversificada de fontes de informação, pela ausência do contraditório, falta de contextualização dos fatos e pelo uso de termos linguísticos inadequados e/ou incorretos. Um aspecto bastante preocupante foi a constatação de orientações sobre alimentação e nutrição assinadas por não-especialistas.

Conclui-se que a qualidade dos conteúdos relacionados ao tema alimentação e nutrição das revistas *on-line* femininas para adolescentes *Capricho* e *Todateen* não é adequada. A pesquisa aponta para a necessidade de se investir na qualificação das matérias das revistas para que seu conteúdo possa transmitir maior confiabilidade e potencial para contribuir para a consciência crítica do cidadão a respeito da alimentação e nutrição, um direito de todos.

A articulação entre jornalistas e cientistas ou profissionais da saúde, como o nutricionista, pode favorecer a superação da fragmentação dos saberes resultando em conteúdos mais qualificados e completos. Acredita-se que a linguagem descontraída, atrativa e jovial percebida nas revistas possa estar ao lado do rigor científico e que o entretenimento presente nestas revistas possa

dividir espaço com a socialização do conhecimento e da informação sobre alimentação saudável e adequada em favor da saúde e da cidadania.

A interação do jovem com a informação veiculada é um aspecto interessante que não foi tratada nesta pesquisa podendo ser um objeto de estudo interessante para pesquisas futuras.

Em conclusão, vislumbra-se na qualificação em divulgação científica e cultural tanto do jornalista quanto do cientista ou do especialista uma importante ferramenta para se vencer o desafio da comunicação da alimentação e da nutrição.

REFERÊNCIAS

ACIOLE, G. G. A Lei do Ato Médico: notas sobre suas influências para a educação médica. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 30, n. 1, Apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022006000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Jun. 2014.

ALVES, C. *et al.* Exposição ambiental a interferentes endócrinos com atividade estrogênica e sua associação com distúrbios puberais em crianças. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n.5, p.1005-14, mai. 2007.

AMANCIO, O. M. S.; CHAUD, D. M. A. Dietas para perda de peso anunciadas na imprensa leiga. **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n. 5, p. 1219-22, set./ out. 2004.

ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância. **A mídia como consultório?** Uma análise técnica e jornalística das perguntas e respostas sobre saúde e comportamento veiculadas na mídia impressa. São Paulo: ANDI, 2002.

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução – RDC n. 24, de 15 de junho de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 jun. 2010.

ARAÚJO, C. A. A. Correntes teóricas de estudos da comunicação. **Verso e Reverso**, v. 21, n. 46, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5774/5232>>. Acesso em: 19 set. 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETO, N. M. C. B. A nudez como arma política: um estudo comparativo do nu feminino na mídia. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE/ INTERFACES COMUNICACIONAIS, 17, 2012, Ouro Preto. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=49885>> Acesso em: 22 jun. 2014.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEARDSWORTH, A.; KEIL, T. **Sociology on the menu**: an invitation to the study of food and society. 2 ed. New York: Routledge, 2002.

BIALSKI, S. Jornalismo científico: uma revisão conceitual. **Ciência & Comunicação**, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/revista/01/artigos/artigo7.asp>>. Acesso em: 19 set. 2013.

BORGES, N. J. *et al.* Transtornos alimentares – quadro clínico. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 39, n.3, p. 340-8, jul./ set. 2006. Disponível em: http://revista.fmrp.usp.br/2006/vol39n3/4_transtornos_alimentares_quadro_clinico.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2014.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Lei n.º 8.234, de 17 de setembro de 1991. Regulamenta a profissão de nutricionista e determina outras providências. **Diário Oficial da União**, 18 set. 1991. Disponível em: <www.cfn.org.br/novosite/conteudo.aspx?IDMenu=56>. Acesso em: 13 set. 2012.

BRASIL. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006a. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional-SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 set. 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11346.htm>. Acesso em: 23 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Básica. Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Guia alimentar para a população brasileira : promovendo a alimentação. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_alimentar_conteudo.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Glossário temático alimentação e nutrição. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 60 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional n. 64, de 4 de fevereiro de 2010. Altera o art. 6º da Constituição Federal, para introduzir a alimentação como direito social. **Diário Oficial da União**, fevereiro de 2010a. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641309/artigo-6-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 13 de abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção em saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010b. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_a_dolescentes_jovens_promocao_saude.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: < file:///C:/Users/win%20vista/Downloads/cartilha_dcnt%20(1).pdf >. Acesso em: 22 jun. 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012. Disponível em: <http://www.ideiasnamesa.unb.br/files/marco_EAN_visualizacao.pdf >. Acesso em: 23 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

BUENO, W. C. **Comunicação para a saúde: uma experiência brasileira**. São Paulo: Plêiade, 1996.

BUENO, W. C. Jornalismo científico: revisitando o conceito: In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, 2009.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, p. 1-12, 2010.

CALDAS, M. G. C. Ética e cidadania na formação do jornalista. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 44, p. 85-101, 2º sem. 2005. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/3942/3425>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

CAMPOS, J. G. S. C.; HAACK, A. Anorexia e bulimia: aspectos clínicos e drogas habitualmente usadas no seu tratamento medicamentoso. **Com. Ciência Saúde**, v. 23, n.3, p. 253-62, 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/revista_ESCS_v23_n3_a7_anorexia_bulimia_aspectos.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CANESQUI, A. M.; DIEZ GARCIA, R. W. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTILHO, S. D. *et al* . Tendência secular da idade da menarca avaliada em relação ao índice de massa corporal. **Arq Bras Endocrinol Metab**, São Paulo , v. 56, n. 3, Apr. 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27302012000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2014.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2008.

CFN – Conselho Federal de Nutrição. Resolução – RDC n. 541, de 14 de maio de 2014. Altera o Código de Ética do Nutricionista, aprovado pela Resolução CFN nº 334, de 2004, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 maio 2014, Seção I, p. 131.

CONTRERAS, J. A modernidade alimentar: entre a superabundância e a insegurança. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 54, p. 19-45, jan./ jun. 2011.

CORDÁS, T. A. Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico. **Rev. Psiquiatr. Clín.**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 154-7, 2004.

CORDEIRO, M. O valor do corpo na construção da identidade. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 12, n. 27, p. 19-26, jan./abr. 2011

CORNU, D. **Ética da informação**. São Paulo: Edusc, 1998.

CUSTÓDIO, M. B.; YUBA, T. Y.; CYRILLO, D. C. Política de segurança alimentar e nutricional no Brasil: uma análise da alocação de recursos. **Rev Panam Salud Publica**, Washington (EUA), v. 33, n. 2, p. 144–50, 2013.

DEPPE, L. C. **A (Efi)Ciência da beleza: análise da presença do discurso científico na revista Nova**. 2001. 113 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DIEZ GARCIA, R. W. Alimentação e saúde nas representações e práticas alimentares do comensal urbano. In: CANESQUI, A. M.; DIEZ GARCIA, R. W. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DUARTE, A. P. G.; ABUASSI, C. Abordagem do adolescente com anemia. **Adolesc Saude**, Rio de Janeiro, v.6, n. 3, p. 41-6, jul./ set. 2009.

EAGLETON, T. **Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998.

FAVA, M. V; PERES, R. S. Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades virtuais pró-anorexia. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 353-61 set./ dez. 2011.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FIGUEIREDO, S. P. **Medicalização da obesidade: a epidemia em notícia**. 2009. 136 p. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FISCHLER, C. A. “McDonaldização” dos costumes. In: FLANDRIN, J-L.; MONTANARI, M. **História da alimentação**. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FISHLER, R. M. B. **Adolescência em discurso: mídia e produção da subjetividade**. 1996. 300 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FLANDRIN, J-L.; MONTANARI, M. **História da alimentação**. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FONSECA, F. A democracia virtual: a mídia sem freios e contrapesos. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

FRANÇA, V. R. V. Teoria(s) da comunicação: busca de identidade e de caminhos. **Rev. Esc. Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 138-52, 1994.

FREIRE FILHO, J. **A reinvenção da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREIRE, C. **Alimentação na mídia impressa: uma análise de conteúdo da revista Boa Forma**. 43 p. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Saúde Pública) – Departamento de Medicina Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <
<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/34061>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

GALANTE, A. P.; COLLI, C. A utilização da worl wide web como ferramenta para a educação nutricional: uma revisão. **Rev. Br. de Ciências Farmacêuticas**, v. 39, n. 3, p.221-5 , jun./ set. 2003.

GALLI, F. C. S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GIORDANI, R. C. F. O corpo sentido e os sentidos do corpo anoréxico. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 22, n. 6, p. 809-21, nov./ dez. 2009.

GOMES, F. S.; CASTRO, I. R. R.; MONTEIRO, C. A. Publicidade de alimentos no Brasil: avanços e desafios. **Ciência & Cultura**, Campinas, Ano 62, n. 4, out./ nov./ dez. 2010.

GRANGER, G. G. **A ciência e as ciências**. São Paulo: UNESP, 1994.

GRUPO MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia dados 2013**: anuário de mídia do Grupo de Mídia São Paulo. São Paulo: Porto Palavras Editores Associados, 2013.

GRUSZYNSKI, A. C. O projeto gráfico de revistas: uma análise dos dez anos da revista Capricho. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, p. 34-59, jul./dez. 2006.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/neccso/downloads_pesquisadores.htm>. Acesso em: 19 abr. 2014.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.5, 1995, p. 07-41, 1995.

HOBBSAWN, E. J. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: Antropometria e Estado Nutricional de Crianças, Adolescentes e Adultos no Brasil**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_encaa/pof_20082009_encaa.pdf . Acesso em 10/08/2011>. Acesso em: 19 set. 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_analise_consumo/default.shtm>. Acesso em: 10 ago. 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2011**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

JAMESON, F. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

JOHNSON, R., ESCOSTEGUY, A.C.; SCHULMAN, N. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JUNIOR, E. V. et al. Adesão ao guia alimentar para população brasileira. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 47, n. 6, p. 1021-7, 2013.

KELLER, E. F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 8, n. 27, p. 13-34, 2006.

KUCINSKI, B. Jornalismo, saúde e jornalismo. **Interface: Comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v 4, n. 6, p. 181-186, fev. 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180114089025>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

LATOUR, B; WOOLGAR, S. **Vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LÍRIO, L. C. A construção histórica da adolescência. **Protestantismo em revista**, São Leopoldo (RS), v. 82, p. 72-9, maio/ ago. 2012.

LOPES, M. I. V. Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LYOTARD, J-F. **A condição pós-moderna**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MACIEL, M. E. Identidade cultural e alimentação. In: Canesqui AM, Garcia RWD, organizadoras. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005.

MANSUR, A. P., FAVARATO, D. Mortalidade por doenças cardiovasculares no Brasil e na região metropolitana de São Paulo: atualização 2011. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 99, n.2, p. 755-61, 2012.

MAROUN, K.; VIEIRA, V. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008.

MARTÍN-BARBERO. O medo da mídia: política, televisão e novos modos de representação. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINO, L. M. S. A área dos Estudos Culturais: consenso genealógico e indefinição epistemológica. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 57, p. 79-101, jan./ jun. 2012.

MASSARANI, L. *et al.* Saúde aos domingos: uma análise da cobertura da pesquisa em medicina & saúde no Fantástico. **Rev. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.7, n.1, mar. 2013. Disponível em: < www.reciis.icict.fiocruz.br >. Acesso em: 12 abr. 2013.

MATTA, D. C.; SILVA JUNIOR, J. B. O Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis no Brasil e a definição das metas globais para o enfrentamento dessas doenças até 2025: uma revisão. **Epidemiol.**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 151-64, jan./ mar. 2013. Disponível em: < <file:///C:/Users/win%20vista/Documents/Final%20Disserta%C3%A7%C3%A3o/Matta%20plano%20dcnt.pdf> >. Acesso em: 22 jun. 2014.

MATTOS, M.A. Paradigmas, teorias, modelos constitutivos da formação teórica em comunicação social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO/ INTERFACES COMUNICACIONAIS, 26, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/103512063754361262596952830016665879466.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

MELO, C.T.V. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da internet. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2010. MOREIRA, S. A. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência & Cultura**, Campinas, Ano 62, n. 4, out./ nov./ dez. 2010.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Lisboa: Europa-America, 1986.

MORIN, E. **Uma ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NASCIMENTO, A. L.; ANDRADE, S. L. S. Segurança alimentar e nutricional: pressupostos para uma nova cidadania? **Ciência & Cultura**, Campinas, Ano 62, n. 4, out./ nov./ dez. 2010.

OLIVEIRA, F. O jornalismo como instrumento para a formação de uma cultura científica no país. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, L. L.; HUTZ, C. S. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 3, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 jun. 2014.

OLIVEIRA, M.A.M. et al. Relação de indicadores antropométricos com fatores de risco para doença cardiovascular. **Arq Bras Cardiol**, Rio de Janeiro, v. 94, n. 4, p., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abc/v94n4/aop00610.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

PAVELOSKI, A. Subsídios para uma teoria da comunicação digital. **BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/paveloski-alessandro-teoria-comunicacao-digital.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2012.

PHILIPPI, S. T. **Pirâmide dos alimentos**: fundamentos básicos da nutrição. São Paulo: Manole, 2008.

PINHEIRO, A. R. de O. A alimentação saudável e a promoção da saúde no contexto da segurança alimentar e nutricional. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 70, p. 125-139, maio/ago. 2005.

PINHO, A. P. et al. Síndrome metabólica em adolescentes do sexo feminino com sobrepeso e obesidade. **Rev. Paul. Pediatr.**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 51-6, 2012.

PORTOCARRERA, V. **As ciências da vida**: de Canguilhem a Foucault. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.

POULAIN, J.P. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Rio de Janeiro: Reichmann & Autores Editores, 2004.

PROENÇA, R. P. C. Alimentação e globalização: algumas reflexões. **Ciência & Cultura**, Campinas, Ano 62, n. 4, out./ nov./ dez. 2010.

PURCINO, L. S.; TOLEDO, V. R. C. A nutrição nos conteúdos de revistas *teen on-line*. In: REUNION DE LA RED POP/ CONGRESO NACIONAL DE DIVULGACION DE LA CIENCIA Y LA TECNICA, 19, 2013, Zacatecas. **Memorias...México**: SOMEDICyT, 2013.

RANGEL-S, M. L.; LAMEGO, G.; GOMES, A. L. C. Alimentação saudável: acesso à informação via mapas de navegação na internet. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 919-939, 2012.

RESENDE, F. O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo. **Novos Olhares**, São Paulo, n. 3, p. 36-49, 1º sem. 1999.

ROGERS, I. S. Diet throughout childhood and age at menarche in a contemporary cohort of british girls. **Public Health Nutrition**. San Luis Obispo (EUA), v. 13, n. 12, p. 2052-63, dec. 2010.

RUBIM, 2000. Contemporaneidade, (idade) média e democracia. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SAMPAIO, I. S. V. Aprendizizes no planeta mídia. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, A. C. S. *et al.* Representações sociais sobre ser saudável de adolescentes escolares. **Adolesc. Saúde**, v. 11, n. 1, p. 24-31, 2014.

SANTOS, M. G. *et al.* Fatores de risco no desenvolvimento da aterosclerose na infância e na adolescência. **Arq. Bras. Cardiol.**, Rio de Janeiro, v. 90, n. 4, p. 301-8, 2008.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 107-15, 2003.

SERRA, G. M. A. **Saúde e nutrição na adolescência: o discurso sobre dietas na revista capricho**. 2001. 141 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro.

SHINN, T. 2008. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008.

SILVA, F. M.; SMIT, J. W. Organização da informação em sistemas eletrônicos abertos de informação científica & tecnológica: análise da Plataforma Lattes. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 14, n.1, Apr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362009000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2014.

SOCHA, E. Pequeno glossário da teoria de Bourdieu. **Revista Cult**, São Paulo, n.128, set. 2008.

STEINBERGER, M. B. A ética do jornalismo latino-americano na geopolítica da pós-modernidade. 2000. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TEMER, A. C. R. P.; NERY, V. C. A. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: Aspectus, 2004.

TEO, C. R. P. A. Discursos e a construção do senso comum sobre a alimentação a partir de uma revista feminina. **Revista Saúde Soc.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 333-346, 2010.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. S. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p.133-47, jul./ dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a07.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

TVARDOVKAS, L. S.; RAGO, L. M. Fernanda Magalhães: arte, corpo, obesidade. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a infância. Situação mundial da infância 2011 adolescência uma fase de oportunidades. **Relatório**. New York: UNICEF, 2011. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sowcr11web.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

VEIGA, G. V. et al. Inadequação do consumo de nutrientes entre adolescentes brasileiros. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 47, p. 212-5, 2013. Suplemento.

VINCENT, G. Uma história do segredo. In: PROST, A.; VINCENT, G. **História da vida privada**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VITOLLO, M.R. **Nutrição: da gestação à adolescência**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

VOGT, C.A., KNOBEL, M., TOLEDO CAMARGO, V. R. Master's Degree Program in Scientific and Cultural Communication: Preliminary reports on an innovative experience in Brazil. **JCOM**, v. 8, n. 1, march 2009. Disponível em: <[http://jcom.sissa.it/archive/08/01/Jcom0801\(2009\)C01/Jcom0801\(2009\)C06/Jcom0801\(2009\)C06.pdf](http://jcom.sissa.it/archive/08/01/Jcom0801(2009)C01/Jcom0801(2009)C06/Jcom0801(2009)C06.pdf)>. Acesso em: 05 de abr. 2014.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOLTON, D. MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. A comunicação como processo político e intersubjetivo: em busca da negociação e da alteridade: depoimento. [jul. 2011]. São Paulo: **Comtempo**, Entrevista concedida a Luís Mauro Sá Martino e Ângela Marques.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Health for the world's adolescents: a second chance in the second decade**. Geneva: WHO, 2014. Disponível em: <http://apps.who.int/adolescent/second-decade/files/1612_MNCAH_HWA_Executive_Summary.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2010.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.